

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Laís Cerqueira Fernandes

EU TENHO UM SONHO E NÃO ESTOU SOZINHA:

Ecos da história na ficção

**Juiz de Fora
Dezembro de 2014**

Laís Cerqueira Fernandes

EU TENHO UM SONHO E NÃO ESTOU SOZINHA:

Ecos da história na ficção

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Maria Ferreira Vieira.

Juiz de Fora
Dezembro de 2014

Às palavras que, teimosas, me arrastaram até aqui – e também aos seres humanos que não deixam de me assombrar.

AGRADECIMENTOS

Mamãe e papai, vocês me movem. Quero sempre orgulhar vocês. Obrigada por tudo. Lili, irmã mais nova e mais coruja: meu obrigada, minha linda. Ieié, obrigada pelo seu carinho e inocência. Para Cerqueiras e Fernandes que não desistem. Aos meus queridos Augusto, Rafaela, Monise, Rômulo, Erika, Daniel, Laura e Pedro: suas presenças foram essenciais em cada dia de faculdade. Ainda vamos conseguir muito mais. Aos turminhos Zuda, Isa, Varoto, Bells, Daninho, Hugo, Igor, Lipe e Laura, que ouviram tanto sobre esta pesquisa e sempre me incentivaram, meu muito obrigada. Para Érica, Isinha e Nine, três mulheres maravilhas que me emprestam seus ouvidos e seus ombros desde que somos pirralhinhas. Para Jodenir, amigo e professor que me fez enxergar além e me deu inspiração: obrigada gigantesco. Para Ulisses, e sua paciência e entendimento do que eu procuro dizer. Obrigada enorme à Soraya, que gentilmente me guiou por esses meses. Para Regulus e seu brilho incessante. Obrigada a esses homens fantásticos, que nossa sociedade precisa reconhecer junto: Martin Luther King Jr. e Malcolm X. Vocês não são e não serão esquecidos. Obrigada aos X-Men e seus criadores, e a todas as histórias que podem, sim, ajudar a mudar o mundo. Obrigada.

Oh, é. O passado pode doer. Mas do jeito que eu vejo, você pode fugir dele ou aprender com ele.

(O REI LEÃO. Walt Disney Pictures, 1994)

RESUMO

Esta pesquisa é voltada para evidenciar o dialogismo que ocorre livre e naturalmente entre contextos históricos e fictícios. O movimento dos direitos civis, que ocorreu na década de 60 nos Estados Unidos e mudou a percepção sobre racismo e preconceito no século XX, foi marcado pelo legado de dois ativistas negros: Martin Luther King Jr. e Malcolm X. Na mesma década, surge a série de quadrinhos fictícia X-Men, que é protagonizada por seres humanos mutantes – entre eles, figuram os dois personagens principais, Professor Xavier e Magneto. Posteriormente, nos anos 2000, filmes da franquia X-Men chegam aos cinemas e trazem de volta à discussão a luta contra o preconceito. Para a conclusão de que os discursos de Martin Luther King Jr. e Malcolm X permeiam os enunciados de Professor Xavier e Magneto, respectivamente, são analisadas as influências que o movimento civil negro obteve sobre os criadores de X-Men e os atores de sua franquia cinematográfica e, principalmente, a retomada de elementos dos discursos da década de 60 no enredo fictício dos anos 2000, através de referências e intertextos que se expressam tanto visualmente, quanto verbalmente dentro da história.

Palavras-chave: Movimento negro. X-Men. Linguagem. Dialogismo. Intertexto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Martin Luther King Jr. e Malcolm X em seu primeiro e único encontro.....	14
Figura 2 – MLK e sua esposa, Coretta Scott King, na saída do tribunal.....	17
Figura 3 – MLK sendo levado pela polícia durante protestos no Alabama, no dia 12 de abril de 1963	20
Figura 4 – MLK durante seu discurso mais famoso, “I have a dream”	21
Figura 5 – MLK, no centro da foto, aparece à frente da caminhada da Marcha sobre Washington.....	21
Figura 6 – MLK recebendo seu prêmio Nobel da Paz	22
Figura 7 – MLK durante uma marcha anti-guerra no Vietnã, no dia 6 de março 1967	23
Figura 8 – Cena do assassinato de MLK minutos após o crime.....	24
Figura 9 – MLK durante seu último discurso.....	25
Figura 10 – Admiradores relembram MLK durante sua marcha fúnebre	25
Figura 11 – Malcolm X quando criança	27
Figura 12 – Ella ao lado do irmão Malcolm, em 1941	28
Figura 13 – Fotos de Malcolm tiradas durante sua prisão, para fichamento policial	29
Figura 14 – Malcolm X (à direita), ao lado de Elijah Muhammad	30
Figura 15 – Malcolm abraçado a duas de suas filhas	30
Figura 16 – Malcolm após uma palestra na Universidade de Atlanta, nos Estados Unidos ...	33
Figura 17 - A charge, desenhada pelo artista Majied, mostra a cabeça decapitada de Malcolm ganhando “chifres” e dizendo frases que ironizam sua saída da NDI.....	34
Figura 18 – O corpo de Malcolm, já sem vida, sendo encaminhado para o hospital	35
Figura 19 – Foto tirada durante o funeral de Malcolm, no dia 27 de fevereiro de 1965.....	35
Figura 20 – Professor Xavier conversa com pais que relatam que o filho é chamado de “aberração” por ser mutante	38
Figura 21 – Charles Xavier lendo sua tese sobre mutações genéticas ao lado de sua irmã adotiva Raven, que se encontra em sua forma mutante natural.....	42
Figura 22 – Charles Xavier usa Cerebro pela primeira vez.....	44
Figura 23 – A Mansão Xavier, futura Escola Xavier para Jovens Superdotados.....	45
Figura 24 – Charles Xavier e Erik Lensherr se tornam mais próximos	45
Figura 25 – Erik Lensherr manipula os mísseis para que acertem os cargueiros cheios de soldados; Xavier tenta persuadi-lo do contrário.....	46

Figura 26 – Após atingir Xavier com uma bala, Erik Lensherr tenta convencê-lo a lutarem juntos pela causa dos mutantes	47
Figura 27 – Xavier retorna à Mansão, já paraplégico	47
Figura 28 – o Xavier de 1973 se encontra telepaticamente com o seu eu de 2023.....	50
Figura 29 – Mesmo ferido, Xavier se projeta mentalmente para persuadir Raven/Mística a não cometer um assassinato.	51
Figura 30 – O jovem Erik Lensherr sendo pressionado para demonstrar sua mutação	52
Figura 31 – Erik Lensherr durante o período de tortura que viveu em sua infância e adolescência	53
Figura 32 – Lensherr controla o submarino e o retira da água.	55
Figura 33 – Lensherr veste pela primeira vez o capacete que se tornaria uma das suas marcas registradas	56
Figura 34 – Lensherr dialoga com Shaw e mostra a moeda nazista que guardou como lembrança da tortura que sofreu.....	57
Figura 35 – Lensherr desvia balas atiradas em sua direção atinge a coluna de Xavier	58
Figura 36 – Fotografia fictícia que provaria a presença de Magneto no assassinato do presidente JFK.....	60
Figura 37 – Cartaz do movimento Free Magneto	63
Figura 38 – Magneto expõe aqueles que considera inimigos e discursa em prol da causa mutante.....	65
Figura 39 – Cartaz de propaganda fictício para a Lei do Registro Mutante	86
Figura 40 – Alguns dos figurinos de Xavier durante sua primeira fase no filme “Primeira Classe”	89
Figura 41 – Visão aproximada do paletó de lã cinza usado por Xavier.....	90
Figura 42 – O paletó de lã cinza aparece em diversas outras cenas.....	90
Figura 43 – Xavier e Lensherr “aos pés” do Lincoln Memorial	91
Figura 44 – O mugshot de MLK; foto foi tirada quando o ativista foi preso	91
Figura 45 – Martin Luther King sendo preso e fichado pela polícia de Montgomery.....	92
Figura 46 – Diversos momentos e ocasiões presenciadas por MLK; usar terno era um costume marcante do ativista	93
Figura 47 – O momento em que Xavier veste um terno pela primeira vez é o mesmo que marca sua transição para Professor Xavier	94
Figura 48 – Primeira aparição de Magneto (Erik Lensherr) em ação	95

Figura 49 – Malcolm X fotografado em momentos diferentes, utilizando o mesmo tipo de roupa.....	95
Figura 50 – Marcha sobre Washington e registros de MLK discursando “Eu tenho um sonho” nos degraus da escada do Lincoln Memorial.....	96
Figura 51 – Cena de “Primeira Classe” protagonizada por Xavier e Magneto nos degraus do Lincoln Memorial.....	97
Figura 52 – Pôsteres de “Dias de um Futuro Esquecido”; à esquerda, Professor Xavier e, à direita, Magneto.....	98
Figura 53 – Pôster de “Malcolm X”, filme de Spike Lee que narra a história do ativista.....	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ÍCONES HISTÓRICOS DO MOVIMENTO CIVIL NEGRO	13
2.1 MARTIN LUTHER KING JR.	15
2.1.1 Formação religiosa e escolar.....	15
2.1.2 Ascensão do movimento pelos direitos civis igualitários.....	16
2.1.3 Protestando através da não-violência	18
2.1.4 Marcha sobre Washington: “Eu tenho um sonho”	20
2.1.5 Repressão e assassinato	22
2.1.6 Herança ideológica	24
2.2 MALCOLM X.....	26
2.2.1 Família abalada pela violência	26
2.2.2 Prisão e NDI	29
2.2.3 O aumento de influência	31
2.2.4 Saída da NDI.....	32
2.2.5 Ameaças e assassinato público	33
2.2.6 Legado	35
3 O UNIVERSO X-MEN	37
3.1 ADAPTAÇÕES PARA TV E CINEMA	39
3.2 “X-MEN: PRIMEIRA CLASSE”	39
3.3 “X-MEN: DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO”	40
3.4 CHARLES XAVIER, O PROFESSOR X.....	41
3.4.1 CIA e Divisão X	42
3.4.2 Os primórdios da Escola Xavier para Jovens Superdotados	43
3.4.3 A crise dos mísseis cubanos	46
3.4.4 O resgate da esperança	48
3.5 ERIK LENSHER, O MAGNETO	52
3.5.1 Caça a Shaw e a Divisão X.....	53
3.5.2 Morte de Shaw e o primeiro atentado	55
3.5.3 A bala desviada	58
3.5.4 Free Magneto	63

3.5.5 Futuro esquecido	64
4 OS DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS DA LINGUAGEM	67
4.1 POLIFONIA.....	71
4.2 DIALOGISMO	73
4.3 INTERDISCURSIVIDADE VS. INTERTEXTUALIDADE.....	76
5 ANÁLISE.....	79
5.1 PRIMÓRDIOS DOS X-MEN E SEUS INTERTEXTOS COM A HISTÓRIA.....	79
5.2 INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ATUAÇÃO PARA O CINEMA	82
5.3 APROPRIAÇÃO CULTURAL E RACISMO	84
5.4 INTERTEXTOS ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO	86
5.4.1 MLK e Xavier.....	101
5.4.2 Malcolm X e Magneto.....	105
6 CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS.....	115
ANEXOS.....	119
ANEXO A – EU TENHO UM SONHO.....	119
ANEXO B – MENSAGEM AOS POPULARES.....	124
ANEXO C – O VOTO OU A BALA.....	136

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se dedica a analisar a intercessão que ocorre entre a história e a ficção, através dos discursos que atravessam os âmbitos de ambas e que se referem um ao outro, resgatando emoções, ideias e conceitos.

Investigamos como os enunciados presentes nos discursos de duas figuras históricas, Martin Luther King Jr. e Malcolm X (ícones do movimento negro da década de 60) permeiam os discursos de dois personagens fictícios, Professor Xavier e Magneto (representantes da causa mutante no universo imaginário X-Men, representados por dois filmes da franquia). Esta pesquisa considera como objetos de estudo os seguintes discursos: “Eu tenho um sonho”, de Martin Luther King Jr., realizado durante a Marcha sobre Washington, em 1963¹; e “Mensagem aos populares”² e “O voto ou a bala”³, de Malcolm X, realizados dentro de congregações religiosas em Detroit, em 1963, e Cleveland, em 1964, respectivamente. Os enunciados emitidos por Professor Xavier e Magneto foram observados nos filmes “X-Men: Primeira Classe”, do ano 2011, e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, de 2014.

Desta forma, o primeiro e o segundo capítulos são voltados para introduzir e contar a história dos representantes históricos do movimento civil negro e dos ícones fictícios da causa mutante, respectivamente. As histórias de cada um se envolvem diretamente nas motivações por trás de seus posicionamentos e ações; passamos pelas suas infâncias, seus primeiros conflitos, seus atos revolucionários e intervenções que mudam efetivamente a sociedade em que se encontram, a fim de compreender melhor, mesmo que efemeramente, as suas essências, o que os tornam parecidos e, ao mesmo tempo, singulares. O relato da trajetória de todos eles, reais e fictícios, se faz necessário para que se compreenda o nível de influência e alusão possíveis entre as duas realidades, além de também ser preciso situar os momentos históricos, sociais e políticos em que os acontecimentos se passaram, uma vez que estes elementos são imprescindíveis para o estudo da linguagem.

É este estudo, inclusive, que é abordado no terceiro capítulo, dedicado aos desdobramentos teóricos da linguagem. Nele, estabelece-se a tese de que a linguagem é algo criado coletivamente, que se manifesta por meio do diálogo entre enunciados – estes, por sua

¹ Disponível no “ANEXO A” deste trabalho, página 119.

² Disponível no “ANEXO B” deste trabalho, página 124.

³ Disponível no “ANEXO C” deste trabalho, página 136.

vez, são emitidos perante o conhecimento e concepções que seu enunciador possui. Logo, todas as falas são dotadas de uma circunstância ideológica, histórica e cultural, e a interação entre elas transcende barreiras temporais e sociais. A teoria que sustenta essa abordagem é obtida através dos estudos de Mikhail Bakhtin, o “filósofo da linguagem”, cuja obra produz conceitos como dialogismo, polifonia, interdiscurso e intertexto, essenciais para o desenrolar teórico deste trabalho.

Após o mergulho na história, na ficção e na teoria, apresenta-se o quarto capítulo, que carrega em si a análise dos objetos de estudo. Nele, são discutidos tópicos tais como a inspiração na história para o processo criativo da ficção; a influência dos métodos escolhidos pelos atores que interpretam os personagens fictícios e como eles podem afetar a emissão de seus discursos; a delicada questão da apropriação cultural e do racismo; e, por fim, os intertextos presentes entre Martin Luther King e Professor Xavier, e Malcolm X e Magneto. A observação destes intertextos se dá através de evidências levantadas por elementos visuais e verbais presentes nos enunciados que pertencem aos objetos de estudo. Por fim, são constatadas as intercessões entre os enunciados do passado que, ao ecoarem pela ficção, continuam a se fazer presentes ainda hoje, atuantes na memória discursiva.

2 ÍCONES HISTÓRICOS DO MOVIMENTO CIVIL NEGRO

Martin Luther King Jr. e Malcolm X se estabeleceram como dois grandes ícones no cenário político e social do século XX. Negros, ambos lutaram, cada um à sua maneira, pela igualdade racial.

Esses dois grandes líderes se influenciaram por crenças religiosas e espirituais, porém se guiaram por suas noções de justiça e liberdade para advogarem em nome dos direitos iguais para os negros. Seus pontos de vista e ideais a respeito do movimento racial coexistiram e se chocaram em alguns momentos, cada um se destacando à sua maneira e se orquestrando com expressividade no cenário social e político racista dos Estados Unidos da América, como defende o autor de uma biografia conjunta sobre os dois ativistas, Mark Black (2013): “Cada uma tinha um poderoso criticismo sobre o racismo americano e as políticas que o acompanhava, dando voz e liderança a vários negros e tornando inegável a necessidade por uma mudança social.”

A fala de Martin Luther King Jr., povoada por veementes colocações espirituais, pacíficas e integradoras, tinha influência de sua longa trajetória religiosa e acadêmica. Já o posicionamento de Malcolm X foi fortemente influenciado pela perseguição e opressão racial que ele e sua família sofreram desde sua infância. Os discursos de Martin Luther King Jr. pregavam principalmente o perdão e o amor; esses tipos de colocações, no entanto, não eram suficientes para partes da comunidade negra, que se encontravam ansiosas por expressar o quão insatisfeitas estavam com a opressão racial. Os pontos de vista defendidos por Malcolm X, mais radicais do que os de Luther King, dialogavam mais com esses núcleos, compostos majoritariamente por jovens.

Os dois homens se encontraram apenas uma vez, durante um debate a respeito da Lei dos Direitos Civis. Segundo testemunhas e conforme foi registrado por fotografias, ambos trocaram um caloroso aperto de mão.

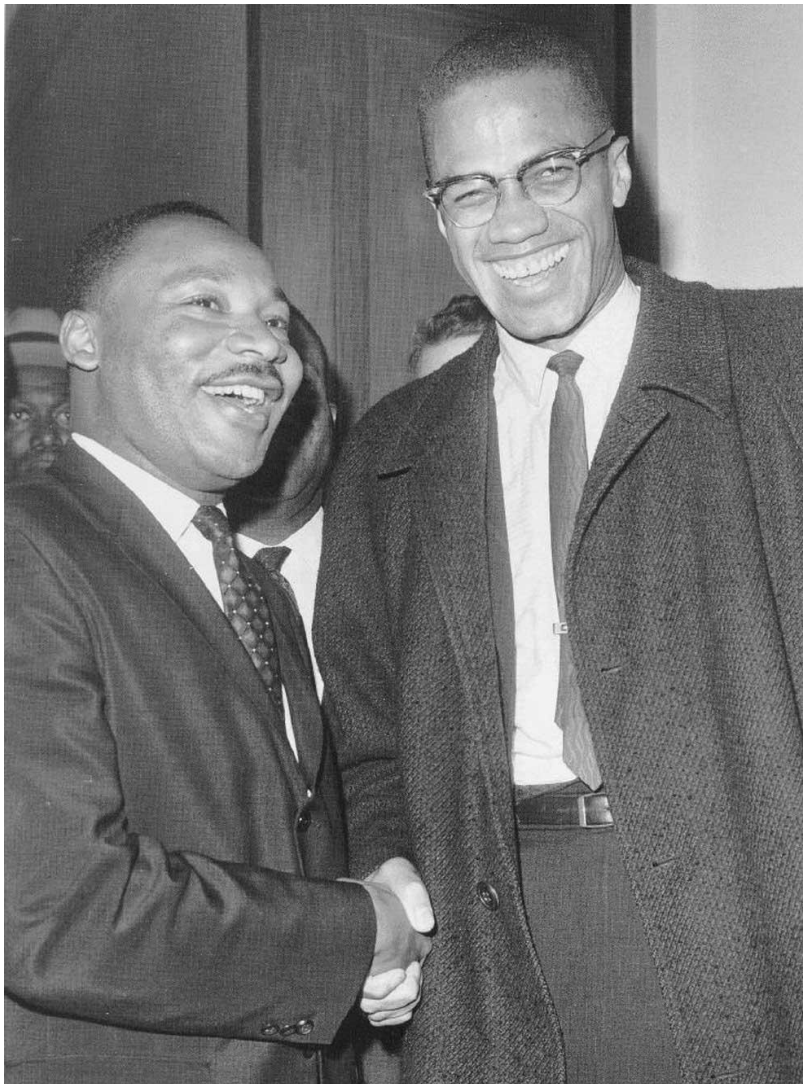


Figura 1 – Martin Luther King Jr. e Malcolm X em seu primeiro e único encontro.
Fonte: AP Photo

A maneira amistosa como os dois ativistas se trataram pessoalmente, mesmo após seus pontos de vista se chocarem por diversas vezes, evidenciou a importância de união ou, ao menos, coexistência tolerante, dos dois maiores líderes do movimento negro.

Mesmo que tivessem opiniões diferentes acerca de como responder à opressão branca, os dois homens concordaram que líderes negros precisavam chegar a um acordo para trabalharem juntos, para enxergar além de suas diferenças e serem capazes de seguir em frente como um grupo unido. Malcolm X acreditava que era necessário que negros primeiramente enxergassem além de suas diferenças, religiosas ou demais, para sentir o sentido do orgulho negro e da união grupal antes que estes passos seguissem para desenvolver uma relação de sucesso com os brancos. (BLACK, 2013, p. 367)

A relevância do legado dos dois líderes – ambos mortos por assassinato – é indiscutível. Suas contribuições para o movimento civil e para a luta pela igualdade racial

marcaram uma época, influenciaram em mudanças cruciais e são referências até hoje, uma vez que seus discursos ainda se provam pertinentes. Para melhor compreender suas histórias, o cenário político e social que estavam inseridos e o poder de suas heranças ideológicas, faço um levantamento sobre suas trajetórias a seguir.

2.1 MARTIN LUTHER KING JR.

Martin Luther King Jr.⁴, como ficou conhecido para a posterioridade, nasceu no dia quinze de janeiro de 1929 e foi registrado como Michael King Jr. Foi o segundo filho do casal Alberta Williams King e Michael King, ambos membros de famílias tradicionais da região do estado de Georgia, nos Estados Unidos. Desde criança, teve um forte contato com a igreja, uma vez que seu avô e pai se formaram pastores e foram figuras emblemáticas para congregações de sua região. Após morte de seu avô, o pai de MLK herdou a posição de pastor na congregação e adotou o nome Martin Luther King como uma forma de homenagear Martinho Lutero (“Martin Luther” em inglês), um monge germânico que se tornou um dos principais responsáveis pela Reforma Protestante religiosa no século XVI.

2.1.1 Formação religiosa e escolar

O pai de MLK questionava a prática do racismo através de suas pregações religiosas. Segundo o autor Mark Black (2013), o pastor acreditava e disseminava a ideia de que a segregação e as atitudes racistas eram um insulto à vontade divina. Seus três filhos cresceram sendo ensinados a noção de que não existia nenhum tipo de raça superior entre os seres humanos, o que afetou amplamente o discurso que seria proferido por seu filho mais célebre anos mais tarde.

Seus estudos começaram aos cinco anos de idade, em escolas públicas localizadas na cidade americana de Atlanta. Mais tarde, ingressou na primeira escola voltada para negros da região, a Booker T. Washington High School, na qual se consagrou com o título de “aluno excepcional”. Durante sua adolescência, mesmo com o envolvimento de sua família com a igreja, MLK não considerava apropriadas demonstrações veementes e emotivas de adoração religiosa, o que entardeceu seu interesse pelo sacerdócio. Em seu terceiro ano do colegial, no

⁴ Ao longo deste trabalho, Martin Luther King Jr. será abreviado para “MLK”.

entanto, ele se envolveu com estudos bíblicos que o levaram a renovar seus conceitos sobre religião e fé, fazendo-o voltar a considerar a posição de pastor.

Em 1948, MLK recebeu seu diploma de Sociologia pela Universidade Morehouse e ingressou no Crozer Theological Seminary, um seminário de teologia localizado no estado da Pensilvânia. Lá, entrou em contato com o teólogo Reinhold Niebuhr, que foi considerado como um de seus mentores e responsáveis por confrontar a visão liberalista que um dos futuros líderes do movimento negro possuía em relação à religião.

Estimulado a cursar um doutorado, MLK foi aceito em universidades renomadas dos Estados Unidos, optando pela Boston University. Durante seus estudos, ele conheceu Coretta Scott, uma aspirante a cantora com quem ele viria a se casar em 1953 e seria a mãe de seus quatro filhos. Em 1954, um ano antes de concluir seu doutorado, MLK começou a atuar como pastor na igreja batista Dexter Avenue, no estado de Alabama.

2.1.2 Ascensão do movimento pelos direitos civis igualitários

Pouco tempo depois, em primeiro de dezembro de 1955, ocorreu o episódio que consagraria outro símbolo do movimento dos direitos civis dos negros: na cidade de Montgomery, capital do Alabama, a costureira Rosa Parks, de quarenta e dois anos, foi presa por se recusar a ceder seu lugar em um ônibus para um homem branco que estava em pé. Na época, os transportes públicos segregavam as posições dos assentos de acordo com a cor dos passageiros, destinando os bancos da frente para brancos e os de trás para negros. Rosa Parks se encontrava sentada nos assentos do meio do ônibus quando o motorista, um homem branco, exigiu que ela e mais três homens negros se levantassem e dessem seus lugares a homens brancos. Por recusar a se mover, Parks foi para a prisão e, uma semana mais tarde, multada e condenada como culpada pelo seu ato.

Sua atitude, no entanto, não passou despercebida. Na mesma noite de sua prisão, defensores dos direitos civis dos negros – entre eles, MLK – se reuniram e organizaram boicotes aos ônibus da cidade. Segundo o autor Mark Black (2013), MLK foi escolhido para representar o movimento, que ficou conhecido como “The Montgomery Bus Boycott”, por se expressar de uma maneira clara, enérgica, ter um histórico familiar forte e, devido ao fato de estar há pouco tempo no Alabama, não possuir inimigos notáveis dentro da comunidade.

Com sua oratória ativa e discurso empenhado, a voz de MLK começou a se propagar pelo estado. O boicote durou mais de um ano, totalizando 382 dias, mesmo com seus

participantes sofrendo assédios, intimidações e até atos de violência; a casa de MLK, por exemplo, foi alvo de ataques.



Figura 2 – MLK e sua esposa, Coretta Scott King, na saída do tribunal
Fonte: AP Photo

Sendo levada ao tribunal e sofrendo pressão dos protestantes, a lei que instituía a segregação nos transportes públicos foi encerrada e a cidade de Montgomery passou por perdas jurídicas e financeiras.

Em janeiro de 1957, MLK, juntamente com outros sete pastores e ativistas do movimento de direitos civis, fundou a Conferência da Liderança Cristã do Sul (Southern Christian Leadership Conference)⁵, com os objetivos de organizar as igrejas – que, por sua vez, ajudariam na organização de demonstrações de ativismo não violento, que foi o meio escolhido por MLK para lutar na casa dos direitos civis. A SCLC difundia que a maior inserção dos negros durante o processo de votação nas eleições americanas levaria a uma elevação e maior propagação da voz da comunidade negra. MLK organizou encontros em massa com o intuito de registrar cidadãos interessados em votar, reuniões com demais líderes dos movimentos dos direitos civis e religiosos, além de palestrar em diversas áreas dos Estados Unidos a respeito de questões raciais.

⁵ Ao longo deste trabalho, será abreviada para “SCLC”.

2.1.3 Protestando através da não-violência

No ano de 1959, MLK realizou uma de suas maiores vontades: viajar para a Índia para conhecer Mahatma Gandhi, criador e idealizador da satyagraha, um termo híndi que designou uma nova forma de fazer uma revolução. A palavra é composta pela expressão “verdade” (satya) e “firmeza” (agraha), também pode ser traduzida como “força da verdade” ou “caminho da verdade”, e ficou conhecida mundialmente como o nome da filosofia que Gandhi utilizou para realizar o movimento de resistência não-violenta na Índia. Segundo o indiano, a satyagraha é uma “força de alma, pura e simplesmente”⁶. MLK se interessou profundamente pelo pensamento de Gandhi e as conquistas que ele havia proporcionado, sendo a maior delas o movimento de independência da Índia do Império Britânico. A viagem influenciou fortemente o americano, que comprometeu a se empenhar ainda mais na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Poucos meses depois, em fevereiro de 1960, um grupo de estudantes afro-americanos iniciaram um “sit-in movement”, uma forma de protesto pacífico em que seus participantes ocupam um espaço e se recusam a cedê-lo até suas demandas serem atendidas. Este episódio aconteceu na cidade de Greensboro, no estado da Carolina do Norte. Os estudantes se sentaram intencionalmente em assentos segregados nas lojas da cidade e, quando interpelados para se retirarem, eles permaneceram em seus lugares – e, conseqüentemente, se expunham a agressões verbais e físicas. O protesto foi difundido para regiões próximas e chamou a atenção da SCLC. No mês de abril, MLK se encontrou com os estudantes e os encorajou a seguir utilizando meios não violentos de protesto. Cerca de quatro meses mais tarde, o movimento já era replicado em mais de trinta cidades americanas. MLK se uniu aos protestantes no mês de outubro, em Atlanta, e acabou detido junto a trinta e seis deles quando se recusaram a sair de um restaurante, uma vez que seus pedidos de almoço haviam sido negados por estarem sentados em áreas destinadas somente a pessoas de pele branca. Eventualmente, as acusações contra ele e os demais envolvidos no protesto foram retiradas, principalmente devido à má reputação que processá-los poderia trazer para a cidade.

A influência de MLK se provou de grande expressão após o envolvimento do então candidato à presidência e senador, John F. Kennedy. Ainda na prisão devido aos protestos pacíficos e por violar sua liberdade condicional, MLK se fez presente na campanha

⁶ SOUTH AFRICAN HISTORY ONLINE. **Gandhi explains satyagraha**. Disponível em: <<http://www.sahistory.org.za/archive/44-gandhi-explains-satyagraha>>. Acesso em: 09 out. 2014.

presidencial após Kennedy interceder para que ele fosse solto. O futuro presidente americano chegou a ligar para a esposa do ícone do movimento negro, Coretta King, para informá-la da simpatia que nutria pelo seu marido. Ao ser liberado, MLK declarou que tinha “uma grande dívida de gratidão com o senador Kennedy e sua família”⁷. O gesto do candidato foi visto com apreensão por parte de sua campanha, uma vez que esse pequeno apoio a um dos líderes do movimento pelos direitos civis igualitários poderia fazer com que Kennedy perdesse votos nos estados sulistas, considerados os mais conservadores do país. MLK, no entanto, mesmo pressionado pela mídia, não endossou abertamente a campanha de Kennedy, afirmando publicamente que tinha “certeza de que o senador havia feito aquilo devido a sua real preocupação e inclinação para o humanitarismo”⁷. Ele alegou que seria inapropriado assumir uma posição política na corrida presidencial, uma vez que MLK era líder da SCLC, uma organização não partidária.

Após a vitória de Kennedy sobre Nixon, com a apertada diferença de menos de um por cento, especulou-se de que a ajuda a MLK. poderia ter angariado votos para Kennedy nos estados do norte, região com um histórico mais tolerante e com posicionamentos mais abertos à questão dos direitos dos negros, datados desde a época da Revolução Americana, no século XVIII, com a difusão de leis e sentimentos abolicionistas.

O próximo episódio marcante da luta de MLK ocorreu em 1963, na cidade de Birmingham, Alabama, na qual o ativista marcou um comício que atraiu várias famílias e habitantes da região. Durante o evento, no entanto, a polícia acabou prendendo MLK, além de utilizar mangueiras de incêndio e incitação de cachorros sob os presentes a fim de conter os manifestantes. Esse desfecho e demonstração de truculência chamou a atenção de todo o país.

⁷ KING INSTITUTE ENCYCLOPEDIA. **Kennedy, John Fitzgerald**. Disponível em: <<http://stanford.io/1pPYyAd>>. Acesso em: 09 out. 2014.



Figura 3 – MLK sendo levado pela polícia durante protestos no Alabama, em abril de 1963
Fonte: AP Photo

Preso, MLK recebeu críticas do clero por se expor a um “risco desnecessário” (BLACK, 2013) e colocar em perigo as pessoas que estavam no comício, composto também por crianças. Enquanto estava encarcerado, o ativista focou em elaborar ainda mais sua teoria sobre a não-violência, utilizando-se do argumento de que protestos pacíficos traziam uma tensão sobre uma comunidade, obrigando-a a confrontar o problema apresentado que antes permanecia ignorado. Foi nesta época que planos e recursos começaram a ser mobilizados para uma grande manifestação na capital dos Estados Unidos, a cidade de Washington.

2.1.4 Marcha sobre Washington: “Eu tenho um sonho”

A data de 28 de agosto de 1963 entraria para a história. Planejada desde a prisão de MLK em Birmingham, a Marcha sobre Washington reuniu mais de duzentas mil pessoas perto do Lincoln Memorial, célebre monumento erguido em homenagem ao décimo sexto presidente americano, Abraham Lincoln, responsável por induzir a abolição da escravidão no país em 1865.

Foi durante esta marcha que Martin Luther King Jr. realizou seu discurso mais celebrado, o “Eu tenho um sonho” (“I have a dream”), que foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho. Suas palavras frisaram sua visão e esperança, alimentada desde criança e fortalecida durante sua jornada pelos direitos civis igualitários, de que seria possível que

todas as pessoas convivessem pacificamente, como irmãos e irmãs, em um mundo sem preconceito relativo à cor de pele.



Figura 4 – MLK durante seu discurso mais famoso, “I have a dream”
Fonte: Bettmann, CORBIS



Figura 5 – MLK, no centro da foto, aparece à frente da caminhada da Marcha sobre Washington
Fonte: Bettmann, CORBIS

Devido ao grande alcance da divulgação da Marcha sobre Washington, o movimento em prol dos direitos civis igualitários foi difundido por todo o país e impactou a opinião pública. Nas regiões que ainda não haviam presenciado uma forte tensão racial,

começaram a surgir questionamentos em relação ao tratamento centenário destinado aos negros. Essas questões se acentuaram ainda mais nos locais onde o racismo era mais confrontado. Com essa nova onda de pressão e informação, a conhecida Lei dos Direitos Civis foi aprovada no ano de 1964, dando um fim à segregação em espaços públicos e ilegalizando atos de desigualdade em instalações públicas. Devido ao seu papel crucial na luta pelos direitos civis, o prêmio Nobel da Paz⁸ foi concedido a MLK no mesmo ano.

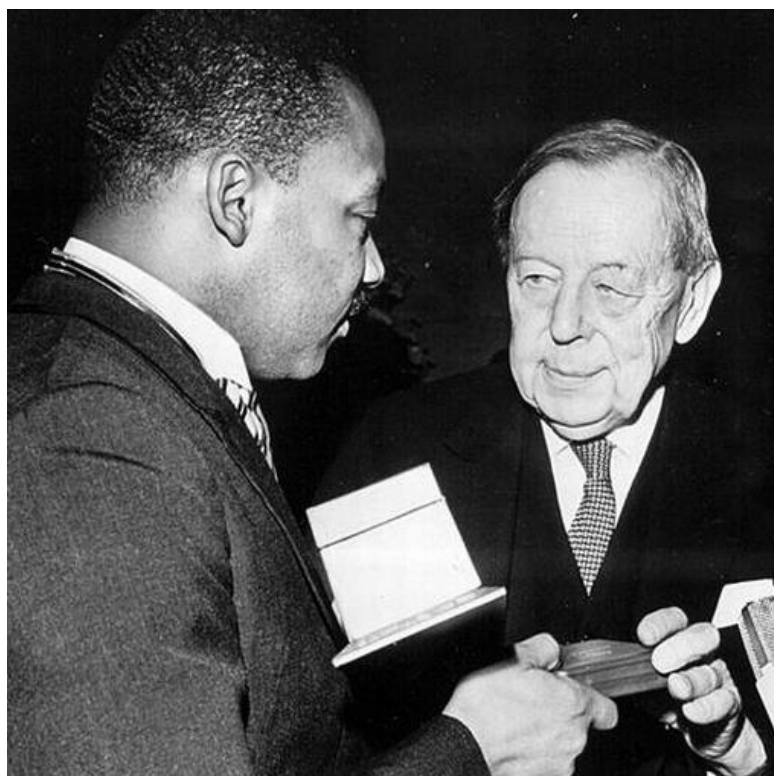


Figura 6 – MLK recebendo seu prêmio Nobel da Paz
Fonte: National Archives, Newsmakers, Getty Images

2.1.5 Repressão e assassinato

Agora ainda mais reconhecido, o pastor ativista prosseguiu com sua missão de propagar o fim da desigualdade durante a década de 60. Promoveu outra marcha por direitos civis em um domingo do mês de março, em 1965, porém esta foi interrompida pela polícia através do uso de gás lacrimogêneo e cassetetes sob os manifestantes. O confronto acabou televisionado e as imagens de protestantes sendo alvo de violência física se espalharam pelo mundo. O evento acabou sendo infamemente batizado “domingo sangrento”. Após uma

⁸ O prêmio Nobel possui renome internacional e reconhece, anualmente, os maiores responsáveis por avanços culturais e científicos.

tentativa de retomar a marcha, ela foi novamente organizada e, desta vez, contaria com a presença de MLK. No dia 9 de março, cerca de dois mil e quinhentos manifestantes voltaram a marchar e foram confrontados com barricadas policiais e soldados do estado. Evitando um confronto físico, MLK incentivou os presentes a se ajoelhar e orar para então, posteriormente, dar as costas e finalizar a manifestação.

Essa atitude perante um eminente conflito contra a polícia aumentou o apoio à Lei dos Direitos ao Voto, que visava pôr fim às práticas eleitorais discriminatórias que promoviam a segregação racial durante as eleições. Esse mesmo ato, porém, foi considerado demasiadamente passivo por alguns líderes afro-americanos mais jovens, que deixaram de apoiar MLK. Sua abordagem pacífica e paciente entrava em confronto com ativistas que as rotulavam como fracas e ineficazes – como Malcolm X.

Em resposta às críticas, MLK passou a incorporar maiores demandas à sua agenda de direitos civis, abordando temas como a pobreza, discriminação e uma posição contrária à Guerra do Vietnã. Com isso, era esperado que a base de apoiadores do ativista se expandisse, abrangendo não apenas os cidadãos negros. Sua maior integração ao discurso anti-guerra americano o tornou um alvo de investigações do Escritório Federal de Investigação, o FBI, e acabou por diminuir seu impacto no campo das políticas raciais do país. Mesmo com o enfraquecimento do poder e alcance de seu discurso entre a comunidade e ativismo negros, MLK se recusou a abandonar sua crença em integração racial e protestos não violentos.



Figura 7 – MLK durante uma marcha anti-guerra no Vietnã, no dia 6 de março 1967
Fonte: AFP, Getty Images

Em 4 de abril de 1968, o ícone dos direitos civis estava hospedado em um hotel na cidade americana de Memphis para participar de um protesto trabalhista. Por volta das seis da manhã, MLK foi até a varanda de seu quarto, localizado no segundo andar. Acabou sendo atingido por uma bala de rifle de alto calibre, disparada de uma distância estimada entre 50 e 100 metros. O projétil o alvejou no lado direito do pescoço, explodindo sua mandíbula e o atirando contra uma parede. MLK chegou a ser levado para o hospital, porém, menos de uma hora após o disparo, foi declarado seu óbito. O pastor e ativista tinha 39 anos.



Figura 8 – Cena do assassinato de MLK minutos após o crime
Fonte: AP Photo

2.1.6 Herança ideológica

Um dia antes de sua morte, MLK pronunciou um de seus discursos mais célebres, em que ele afirmava ter visto a “terra prometida”, como se antecipasse a tragédia que o abateria horas depois.

Cheguei a Memphis e alguns já começaram a lançar ameaças, ou comentar as ameaças que estão por aí, ou o que alguns irmãos brancos doentes iriam fazer comigo [...]. Bem, eu não sei o que virá agora. Teremos dias difíceis pela frente. Mas isso não importa para mim agora porque eu subi ao topo da montanha. Não me importo mais. Como qualquer pessoa, eu gostaria de ter uma vida longa. A longevidade é boa. Mas não estou mais preocupado com isso agora. Quero apenas cumprir a vontade de Deus. E Ele permitiu que eu subisse a montanha. E lá de cima eu enxerguei. Eu enxerguei a Terra Prometida. É provável que eu não entre lá com vocês. Mas quero que vocês saibam esta noite que nós, como um povo, chegaremos à Terra Prometida. Por isso estou feliz esta noite. Nada me preocupa. Não temo nenhum homem! Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor!



Figura 9 – MLK durante seu último discurso
Fonte: AP Photo

O assassinato de MLK comoveu não apenas os norte-americanos, mas adeptos e simpatizantes do discurso igualitário do ativista por todo o mundo. Seu homicídio agravou os conflitos e tensões raciais pelos Estados Unidos, fazendo o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, ir à TV para pedir ao povo rejeitar a violência.

Dois funerais foram realizados para MLK – um mais privado, conduzido na igreja batista onde o pai e avô de MLK atuaram como pastores, e um caracterizado como uma procissão fúnebre, que percorreu aproximadamente cinco quilômetros e foi acompanhado por cerca de 100 mil pessoas.



Figura 10 – Admiradores relembram MLK durante sua marcha fúnebre
Fonte: Hulton Archive, Getty Images

A investigação do assassinato, cercada de controvérsias e especulações de conspiração, levou à condenação do ex-presidiário e fugitivo James Earl Ray, que assumiu o

crime em 1969. Ray recebeu uma sentença de 99 anos de regime fechado e faleceu em 1998, aos 70 anos de idade, dentro da prisão.

Até o dia de sua morte, MLK permaneceu firme em sua crença de que o ativismo não-violento poderia alterar radicalmente a sociedade, trazendo mais igualdade para todos. Ele tentava trazer à tona e discutir as falhas do sistema político e social americano, apontando que o movimento negro deveria ser mais do que um movimento civil. Hoje, MLK é considerado um dos maiores ícones do século XX e tem seu modelo de ativismo pregado como um dos que obtiveram maior sucesso na luta pela injustiça racial estrutural.

No ano de 1983, os Estados Unidos estabeleceram um feriado em homenagem à MLK, que é comemorado anualmente na terceira segunda-feira do mês de janeiro. Coretta King, viúva do ativista, criou o “Centro Martin Luther King Jr. para Mudança Social Não Violenta”, que ficou conhecido como “King Center”. O centro, dedicado a promover a estratégia pacífica e esperançosa de MLK acerca do racismo, violência e pobreza, recebe quase um milhão de pessoas por ano e é um dos responsáveis por perpetuar o legado do ativista, incentivando as próximas gerações a prosseguir com o trabalho encabeçado por ele.

2.2 MALCOLM X

Malcolm Little nasceu 19 de maio de 1925 na cidade americana de Omaha. Seu pai, Earl Little, foi um dos líderes da Associação Universal para o Progresso Negro, que propagava os valores de auto-suficiência e orgulho negro, além de seguir a teoria do ativista Marcus Garvey, que pregava a volta dos negros para a África para que escapassem da perseguição que sofriam.

2.2.1 Família abalada pela violência

O ativismo de Earl Little chamou a atenção do Ku Klux Klan, um grupo supremacista branco que passou a assediá-la família Little, conseqüentemente os obrigando a mudar duas vezes de cidade. Segundo Malcolm, o Ku Klux Klan foi responsável pela morte de três de seus tios paternos. Na cidade de Michigan, a família Little passou a morar em uma vizinhança composta, em sua maioria, por pessoas brancas. Isso atraiu outro grupo supremacista, conhecido como Black Legion. Em 1929, membros do grupo queimaram a casa dos Little, forçando-os mais uma vez a se mudar.

Quando Malcolm estava com 6 anos de idade, seu pai foi morto e atropelado durante um acidente de carro. Sua mãe e um de seus irmãos, Philbert Little, seguiram até o local da morte e relataram uma cena violenta – segundo eles, devido à força do atropelamento, a perna de Earl Little foi quase separada por completo da parte superior de seu corpo. A violência incomum do acidente e a afirmação veemente de Philbert, que afirmava que seu pai parecia ter sido jogado embaixo do carro, futuramente suscitou uma dúvida em Malcolm que, já habituado a ter sua família perseguida, passou a indagar se seu pai ativista teria sido, na verdade, assassinado⁹.



Figura 11 – Malcolm X quando criança
Fonte: malcolm-x.org

A morte de Earl Little deixou um rombo emocional e econômico em sua família. Louise Little, mãe de Malcolm, recebeu uma ínfima quantia da pensão provida pelo governo, insuficiente para sequer ajudar no sustento de seus sete filhos. A depressão econômica que atingiu os Estados Unidos na década de 30 tornou os empregos escassos, levando a família Little a alugar parte de sua escassa propriedade e basear seu sustento na previdência social. Isso, no entanto, não se provou o suficiente. Meses depois, Malcolm foi pego roubando comida de um mercado, e os agentes da previdência social terminaram por culpar sua mãe pelo crime.

⁹ INSTITUTE FOR RESEARCH IN AFRICAN-AMERICAN STUDIES AT COLUMBIA UNIVERSITY. **Malcolmology 101, #2: Earl Little's Death**. Disponível em: <<http://www.malcolmxbio.com/node/9>>. Acesso em: 09 out. 2014.

Louise Little sofreu um colapso mental em 1938, após ter sido abandonada, grávida, pelo homem que namorava na época. Ela permaneceria internada em um hospital estadual pelos próximos 24 anos e, dessa forma, seus filhos foram considerados órfãos e separados, cada um obrigado a morar em diferentes lares adotivos.

No mesmo ano, Malcolm foi condenado por delinquência e, aos 13 anos, foi levado para um lar de detenção para jovens. Paralelamente a isso, ele foi capaz de frequentar a escola West Junior High School, na qual era o único estudante negro, e terminou eleito para presidente de classe.

Animado pela aceitação e seu desempenho escolar, Malcolm decidiu se tornar um advogado. Mais tarde ele relatou que, ao confidenciar essa vontade para seu professor de inglês, este o aconselhou a ser mais “realista” e procurar se formar para ser carpinteiro. Malcolm insistiu em querer se tornar advogado e, então, seu professor o disse que a advocacia não era um objetivo profissional realista para um negro. Segundo Malcolm, esse foi um dos pontos mais marcantes de sua vida.

Ele pensou genuinamente que seu trabalho árduo e suas conquistas acadêmicas permitiriam que ele se erguesse para além das circunstâncias. A afirmação de seu professor, no entanto, o fez entender que, apesar das suas habilidades escolares e sua inteligência inata, a cor da sua pele o condenou a uma vida de mediocridade forçada. (BLACK, 2013)

Considerando seus esforços na escola uma perda de tempo e sacrifício, Malcolm abandonou os estudos em 1940, aos 15 anos. Ele se mudou para a cidade de Boston para viver com sua meia-irmã por parte de pai, Ella Little. Em sua autobiografia, ele a descreveria como a “primeira mulher negra e orgulhosa que conheceu em sua vida” (BLACK, 2013).



Figura 12 – Ella ao lado do irmão Malcolm, em 1941
Fonte: Ella Collins Institute

Ella insistiu em provar que Malcolm estava errado em desistir de seu sonho e que era preciso lutar através de trabalho duro e ser persistente. Ela usou sua própria história como exemplo de como pessoas negras podem triunfar sobre o preconceito, e o incentivou a ir trabalhar quando conseguiu uma posição de lustrador de sapatos para o meio-irmão. Malcolm, insatisfeito com o dinheiro que recebia, procurou por formas alternativas de lucro. Influenciado por criminosos na cidade, acabou se envolvendo com a venda de drogas.

2.2.2 Prisão e NDI

Aos 18 anos, em 1943, Malcolm chegou a se mudar para a cidade de Nova Iorque, onde ligou-se ao comércio de substâncias ilícitas, apostas, roubo, esquemas de extorsão e prostituição, usando tanto seu próprio corpo quanto o de outras mulheres. Ele retornou para Boston em 1945, onde passou a atuar como assaltante. Aos 21 anos, ele foi preso e sentenciado a dez anos de prisão. Ele acabou por servir seis anos, sendo liberado em 1952.

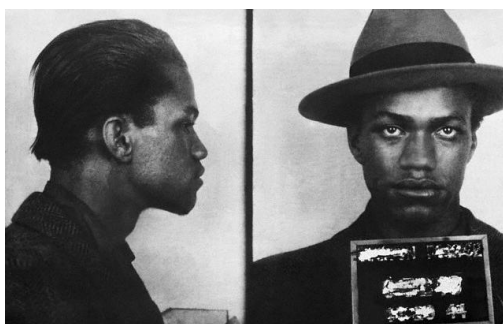


Figura 13 – Fotos de Malcolm tiradas durante sua prisão, para fichamento policial
Fonte: malcolm-x.org

Malcolm aproveitou o tempo que passou encarcerado para prosseguir com a educação da qual ele havia desistido. Alguns de seus irmãos mantiveram contato com ele durante seu tempo de prisão. Em 1948, um deles, Reginald Little, pediu para que Malcolm parasse de fumar e de comer carne de porco, prometendo que, feito isso, ele conseguiria uma forma para o que o irmão saísse da prisão. Motivo pela promessa, Malcolm seguiu as instruções de Reginald que, em suas visitas posteriores, começou a apresentar conceitos da Nação do Islã¹⁰; um deles era a crença de que as pessoas brancas eram seres demoníacos. Marcado pela violência dirigida a ele e sua família negra por toda sua vida, Malcolm começou a se interessar pela ideia da NDI, ingressando em estudos sobre suas causas. Suas descobertas

¹⁰ Durante este trabalho, o nome “Nação do Islã” será abreviado para “NDI”.

o motivaram a escrever para o fundador da NDI, Elijah Muhammad, que procurou persuadi-lo a rezar para Alá, renunciar seu passado e jurar que jamais se envolveria com crimes novamente.

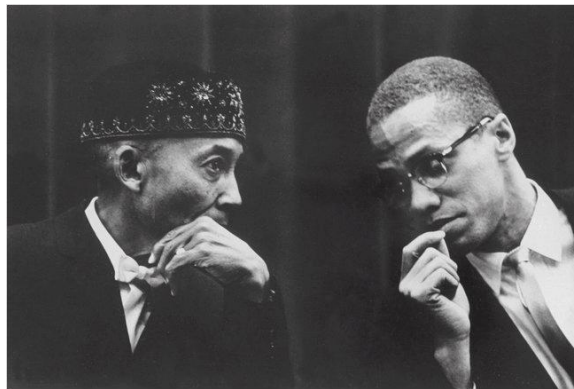


Figura 14 – Malcolm X (à direita), ao lado de Elijah Muhammad
Fonte: Eve Arnold, Magnum Photos

Anteriormente, Malcolm era um ateu – seu posicionamento era tão veemente que seus colegas de prisão chegaram a apelidá-lo de “satanás” (BLACK, 2013). Segundo ele, a ideia da oração e rendição a um ser maior foi inicialmente difícil, mas se provou transformadora mais tarde.

Em 1950, Malcolm parou de usar o sobrenome “Little”, passando a assinar e se referenciar como Malcolm X. O “X” representaria o nome desconhecido de sua verdadeira linhagem africana. Em 1958, casou-se com Betty Sanders, que também fazia parte da NDI e passou a tender por Betty X. Juntos, tiveram seis filhas.

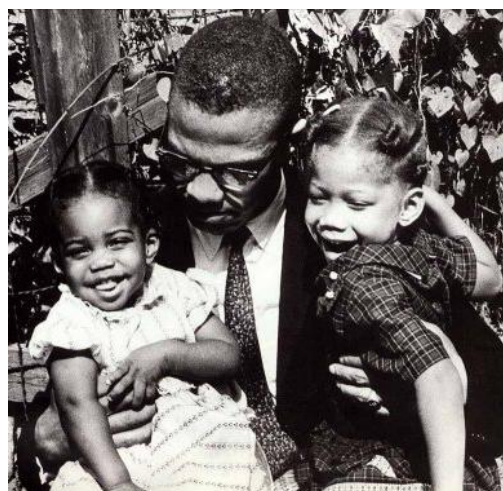


Figura 15 – Malcolm abraçado a duas de suas filhas
Fonte: malcolm-x.org

2.2.3 O aumento de influência

No dia 26 de abril de 1957, três membros da NDI se depararam com dois policiais espancando um homem negro com cassetetes. Ao tentar intervir, os três também foram agredidos pela polícia – um deles terminou com sérias sequelas, como contusões cerebrais e hemorragia subdural – e presos. Ao ser informado sobre esse acontecimento, Malcolm X reuniu alguns de seus seguidores e se dirigiu até a delegacia, onde a polícia se recusou a liberar os membros da NDI. Malcolm, no entanto, insistiu e incentivou aqueles que o acompanhavam a fazer o mesmo, o que por fim resultou na liberação de um dos membros, Johnson Hinton, que era o que mais havia se machucado. Ele foi encaminhado ao hospital para receber tratamento. Mais tarde, ele foi levado de volta à delegacia – e, desta vez, uma multidão se juntou às portas dela, clamando pela liberação dos presos junto à Malcolm, que conseguiu prover a fiança de dois dos encarcerados.

Em resposta ao comportamento considerado subversivo de Malcolm, o departamento de polícia da Nova Iorque o colocou sob vigilância. Meses mais tarde, os policiais responsáveis pelo espancamento foram julgados e considerou-se que eles agiram dentro da lei. Malcolm escreveu e enviou ao comissionário da polícia um telegrama em protesto. Em resposta a este ato, policiais foram ordenados a se infiltrarem, disfarçados, na NDI.

O episódio na delegacia e sua repercussão fizeram com que Malcolm X ganhasse espaço na mídia, angariando aparições em jornais, na rádio e na TV. Em 1959, ele e demais membros da NDI foram uma das atrações do documentário “O ódio que o ódio produziu”.¹¹

O programa chocou milhões de americanos, cuja maioria ainda não tinha ouvido falar da NDI. Ainda pior, os telespectadores americanos ficaram surpreendidos ao realizar que aquelas pessoas que eles desprezaram sentiam ódio por eles. Eles nunca perceberam que o movimento dos direitos civis (que, anteriormente, havia sido notado como largamente pacífico) possuía um lado radical. (BLACK, 2013, p. 200)

Semanas após a exibição do documentário, a NDI duplicou o número de membros, alcançando a marca de 60 mil. Malcolm passou a ser frequentemente convidado para discutir questões raciais em debates na TV e em universidades norte-americanas. Um dos convites mais notórios foi o para discursar para líderes de várias nações africanas em uma

¹¹ Título original “The hate that hate produced”, produzido pelo canal televisivo norte-americano WNTA

assembleia geral da Organização das Nações Unidas, a ONU. Dessa forma, os ensinamentos da NDI se propagavam.

Enquanto a NDI se considerava um movimento islâmico, seus ensinamentos não se enquadravam na filosofia tradicional daquela religião, e acrescentava uma forte ênfase em valores raciais. Um número de líderes islâmicos da época chegaram a criticar a NDI por usar o Islã como uma plataforma para pregar a supremacia negra. [...] Malcolm pregava os valores da NDI, que incluíam a crença de que negros são os humanos originais e que, portanto, eles são inerentemente superiores; que caucasianos são inerentemente demoníacos; e que este último iria, inevitavelmente, se tornar extinto. [...] Malcolm alegava que negros possuíam o direito de fazer o que fosse necessário para se defender. (BLACK, 2013, p. 243)

2.2.4 Saída da NDI

No dia 8 de março de 1964, Malcolm declarou publicamente que não fazia mais parte da NDI, alegando que, mesmo continuando a se identificar como muçulmano, a organização havia chegado ao máximo que conseguiria alcançar dentro da questão racial devido à sua relação com religião. Então, Malcolm afirmou que formaria sua própria organização nacionalista para expandir e melhorar o clamor dos afro-americanos, além de se capacitar para ter mais contato com demais líderes do movimento por direitos civis. Foi a largada para a criação da Organização para a Unidade Afro-americana e a Mesquita Muçulmana Inc.

Malcolm passou a dedicar parte do seu tempo a viagens, e suas experiências fora do solo norte-americano acabaram por enriquecer sua visão sobre preconceito e intolerância racial. Na Arábia Saudita, por exemplo, Malcolm relatou que se impressionou ao se deparar com muçulmanos “de todas as cores, desde loiros de olhos azuis até africanos negros” (BLACK, 2013). Ao retornar para os Estados Unidos, o ativista passou a ser visto como o porta-voz do Islã na América e voltou a frequentar debates televisivos. Sua preferência, no entanto, era para discursos realizados em campus de universidades, direcionados aos jovens do país.



Figura 16 – Malcolm após uma palestra na Universidade de Atlanta, nos Estados Unidos
Fonte: Harmon Perry, Ebony Collection

2.2.5 Ameaças e assassinato público

As ameaças contra a vida de Malcolm X se tornaram ainda mais abundantes no ano de 1964. Um dos representantes de uma mesquita muçulmana deu ordens para que explosivos fossem inseridos no carro de Malcolm e a própria NDI o ameaçou publicamente. O secretário da NDI, Jon Ali, respondeu sobre o ativista alegando que qualquer um que se opunha a Elijah Muhammad colocava sua vida em perigo. Elijah, ainda líder da NDI, também fez uma declaração em tom de ameaça, dizendo que “hipócritas como Malcolm deveriam ter suas cabeças cortadas” (BLACK, 2013).

Na edição de abril do jornal semanal da NDI, “Muhammad Speaks”, uma charge exibiu a cabeça de Malcolm X quicando no chão, ganhando “chifres” em sua testa e reproduzindo falas afetadas em um tom irônico.

Em dezembro, dentro das páginas do mesmo jornal, um artigo assinado por Louis Farrakhan incluía uma frase que sentenciava: “um homem como Malcolm merece a morte”.

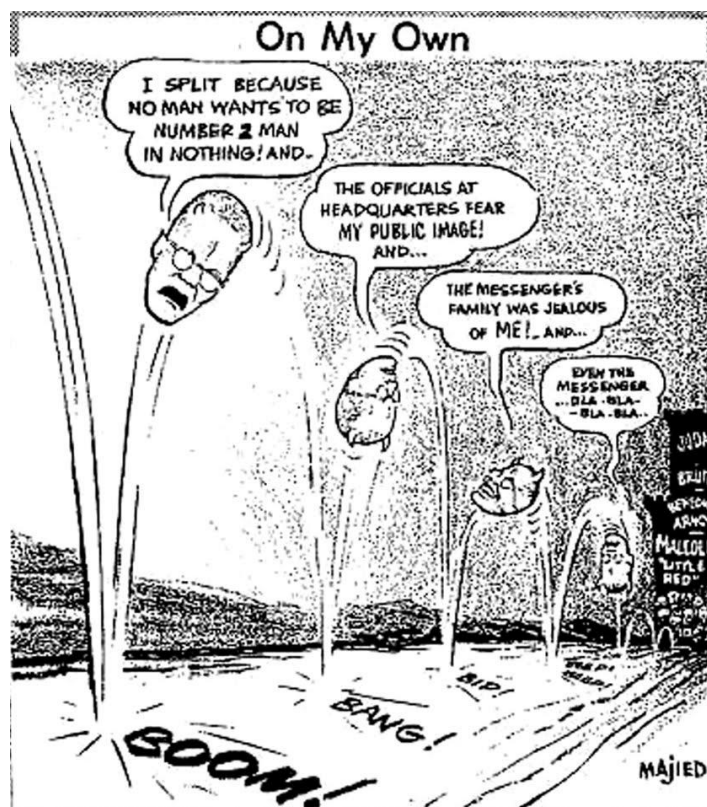


Figura 17 - A charge, desenhada pelo artista Majied, mostra a cabeça decapitada de Malcolm ganhando “chifres” e dizendo frases que ironizam sua saída da NDI
 Fonte: Eugene Majied, Muhammad Speaks

O próprio FBI registrou duas ameaças anônimas a Malcolm em um mesmo mês – a primeira, no dia 8 de junho, foi dirigida à sua esposa e a avisava que seu marido já poderia ser considerado como morto, e a segunda, no dia 12, veio de um informante do FBI que avisava os agentes federais que Malcolm seria assassinado.

No dia 21 de fevereiro de 1965, Malcolm estava em um salão de conferências em Manhattan, região de Nova Iorque, se preparando para discursar para a Organização da Unidade Afro-americana, que reuniu uma plateia de cerca de 400 pessoas. Momentos antes da fala de Malcolm, um homem que estava sentado na frente da audiência se levantou, se dirigiu rapidamente até o palco e atirou no ativista usando uma espingarda de cano duplo. Dois outros homens o seguiram e, usando pistolas semi-automáticas, também dispararam contra Malcolm X. Todos os três criminosos eram membros da NDI e, posteriormente, foram condenados a 20 anos de prisão cada.

Malcolm foi atingido vinte e uma vezes pelos tiros e chegou a ser levado para o hospital, mas chegou ao local já sem vida. Sua morte foi anunciada às três e meia da tarde.



Figura 18 – O corpo de Malcolm, já sem vida, sendo encaminhado para o hospital
 Fonte: malcolm-x.org

Seu corpo foi velado publicamente entre os dias 23 e 26 de fevereiro, também na cidade de Nova Iorque. Seu funeral no dia 27 reuniu cerca de 30 mil pessoas.



Figura 19 – Foto tirada durante o funeral de Malcolm, no dia 27 de fevereiro de 1965
 Fonte: malcolm-x.org

2.2.6 Legado

Ao longo de seu ativismo, Malcolm X incorporou crenças desde as mais radicais – como a filosofia de “por qualquer meio necessário” (“by any means necessary”), que pregava que os negros deviam impor e conquistar seus direitos igualitários através da força caso fosse preciso – até a uma noção mais branda de irmandade, compreendida por ele mais ao final de

sua vida. De qualquer forma, sua visão e eloquentes discursos afetaram grande parte da população negra, em especial os jovens. Malcolm foi uma figura importante na retomada do orgulho da cultura, respeito mútuo e orgulho negro, uma vez que sua vontade era a de união dos negros acima de qualquer instituição. Ele defendeu, várias vezes, a ideia de uma nação composta apenas por negros dentro do território norte-americano. Era uma mensagem que trazia, muitas vezes, acalento para aqueles que cresceram se sentindo prisioneiros dentro de sua própria pele, desprovidos do senso de orgulho e união negra.

À medida que seus pontos de vista se aprofundavam, Malcolm abrangeu mais sua argumentação e voltou-se para discursos educativos, um pouco menos inflamados do que os dirigidos no auge de sua época radical. Seu esforço em aprender e ensinar demonstra a falta de medo que Malcolm possuía em expandir sua visão.

Tanto Malcolm quanto MLK influenciaram e reverberaram em variados aspectos sociais e culturais da década de 60, exercendo influências que se estendem aos dias atuais. Um desses aspectos foi o da cultura emergente das histórias em quadrinhos, que são o primeiro palco dos nossos próximos objetos de estudo a serem analisados: os X-Men e dois de seus principais personagens, Professor Xavier e Magneto.

3 O UNIVERSO X-MEN

O termo “X-Men” é usado para designar um grupo de super-heróis mutantes que surgiram no âmbito das histórias em quadrinhos¹². Sua revista começou a ser publicada nos Estados Unidos através do selo Marvel Comics (dona de outras sagas conhecidas como Homem-Aranha, Os Vingadores, O Quarteto Fantástico, entre outros) no ano de 1963, devido aos esforços de seus criadores e hoje famosos quadrinistas, Stan Lee e Jack Kirby. Segundo a HQ, o grupo X-Men foi fundado pelo mutante telepata Professor X, também conhecido como Charles Xavier. Ele reúne os heróis dentro da chamada Mansão X, ou Mansão Xavier, uma propriedade que herdou de sua família e foi transformada por ele na Escola Xavier para Jovens Superdotados.

Os mutantes são humanos com genética modificada, fruto de um salto evolucionário da espécie. Na ficção, o responsável por essa mutação é o chamado Gene X (ou “gene mutante”, ou “fator X”), que se localizaria no vigésimo terceiro cromossomo da nossa cadeia de DNA. Através dos processos biológicos de transcrição e tradução, esse gene leva à produção de uma proteína exótica que, por sua vez, realiza sinais químicos que induzem mutações em outros genes. Os resultados são vários organismos mutantes, variando o tamanho e sua influência. As mutações provocadas biologicamente se manifestam através de poderes super-humanos, que geralmente são expostos pelos seres donos do Gene X durante a puberdade ou em situações de alto stress e/ou pressão.

Devido às suas alterações genéticas, os mutantes são vistos como representantes de uma nova evolução humana, o que os leva a serem classificados como membros da raça “Homo superior”. No entanto, os poderes extraordinários destes seres também são motivos para causar medo e desconfiança nos demais humanos – muitos passam a considerá-los uma ameaça à sociedade.

Buscando oferecer um refúgio para jovens mutantes e reunir potenciais aliados na luta pelos direitos dos portadores do Gene X, Professor Xavier funda a Escola Xavier para Jovens Superdotados. O nome oculta o verdadeiro objetivo do local, que é guiar, acolher e até mesmo treinar mutantes para alcançar o sonho de Xavier: a harmonia inter-racial. É no seio da Escola que nascem os X-Men, que usam um bordão recorrente nas HQs para se definir: “destinados a salvar um mundo que os teme e os odeia”.

¹² Durante este trabalho, o termo “histórias em quadrinhos” será abreviado para “HQs”.

No entanto, eles não são o único grupo mutante a marcar presença na história. Há também a “Irmandade de Mutantes”, liderados por Magneto (ou Erik Lensherr), que possui a habilidade de controlar todos os tipos de metais. Com um discurso mais inclemente do que o pregado por Professor X, a Irmandade defende a supremacia dos mutantes, uma vez que eles são o próximo passo da evolução humana e, devido a isso, estariam fadados a dominar o planeta. Essa manifestação mais rígida ocorre principalmente devido ao forte preconceito direcionado aos mutantes pela sociedade, que, em muitos dos casos, os considera marginais e até mesmo “aberrações”, como demonstrado no quadrinho abaixo, retirado de uma das primeiras edições de X-Men, em inglês; nele, dois pais relatam que seu filho mutante é chamado de aberração: “Nós somos terrivelmente orgulhosos do Henry – mesmo que os outros o chamem de aberração!”, lê-se no balão de fala da mãe.

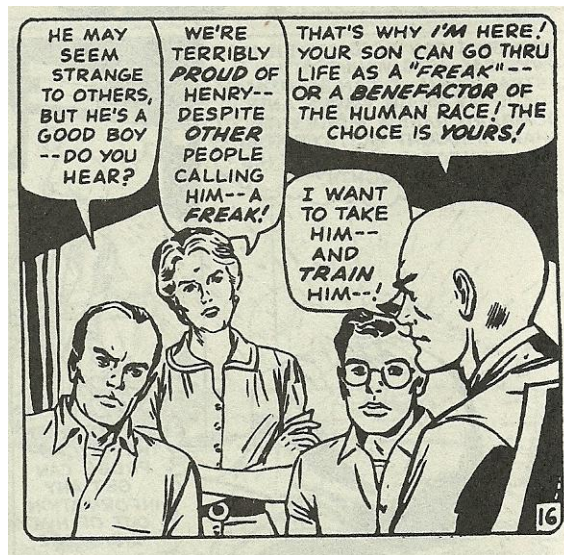


Figura 20 – Professor Xavier conversa com pais que relatam que o filho é chamado de “aberração” por ser mutante

Fonte: X-MEN #17. Estados Unidos: Marvel Comics, 1963-66.

Um dos motivos que destacou as HQs de X-Men – tanto no bom quanto no mal sentido, uma vez que a tornou passível de acusações como apropriação cultural – foi o fato dela ser recheada de personagens variados, pertencentes a diversas etnias e culturas – as publicações abrangem, por exemplo, mutantes da Alemanha, Irlanda, Canadá, Quênia, Japão e Rússia (na época, União Soviética), além de não se prender a figuras caucasianas. A história também aborda temas que remetem aos tratamentos que são dados às minorias dentro da sociedade, retratando atos como intolerância, crenças e assimilações culturais. Como veremos com mais profundidade nos próximos capítulos, isso se deve ao fato de que, durante a época

da criação de X-Men, os Estados Unidos passavam por várias manifestações sociais protestantes e revolucionárias a respeito dos direitos civis igualitários – especialmente voltados para a população negra, que clamava pelo fim da segregação racial.

3.1 ADAPTAÇÕES PARA TV E CINEMA

Com o sucesso da saga em quadrinhos, X-Men ganhou, primeiramente, várias adaptações televisivas. A primeira surgiu em 1989, intitulada “Kitty Pryde: O orgulho dos X-Men”, mas somente mais tarde os desenhos também iriam se tornar bem sucedidos. Com as séries “X-Men Evolution”, “X-Men: Animated Series” e “Wolverine e os X-Men”, transmitidas durante meados da década de 90 e início dos anos 2000, os mutantes conseguiram se popularizar ainda mais entre jovens e crianças.

O próximo passo – adaptar a saga heroica para o cinema – não demorou a acontecer. O primeiro filme baseado nos quadrinhos, que estreou em 2001 e foi intitulado de “X-Men: O filme”, seria o primeiro de uma trilogia. Ele foi sucedido pelos longas-metragens “X-Men 2” (“X2: X-men United”, lançado em 2003) e “X-Men: O confronto final” (“X-Men: The last stand”, lançado em 2006). Em 2011 e 2014, os mutantes voltaram aos cinemas com “X-Men: Primeira Classe” (“X-Men: First Class”) e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” (“X-Men: Days of a Future Past”), que trouxeram uma nova ótica à linha do tempo cinematográfica de X-Men.

Paralelo à saga dos mutantes, ainda foram lançados filmes-solos de um personagem de X-Men, o Wolverine, popularizado especialmente pelos desenhos animados televisivos. O mutante foi estrela dos filmes “X-Men Origens: Wolverine” (“X-Men Origins: Wolverine”), de 2009, e “Wolverine: Imortal” (“The Wolverine”), de 2013.

Para melhor conduzir este trabalho e focar nos objetivos da análise proposta, os filmes que serão utilizados como objetos de estudo serão “X-Men: Primeira Classe” e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, por motivos que serão explicitados a seguir.

3.2 “X-MEN: PRIMEIRA CLASSE”

“Descubra como tudo começou” é a chamada que estampa os cartazes brasileiros do filme “X-Men: Primeira Classe”. Esta frase, por si só, sintetiza o maior motivo do longa ser um dos escolhidos para a análise neste trabalho, uma vez que descobrir os primórdios da

história dos mutantes é, por consequência, entender as raízes dos personagens Charles Xavier e Erik Lensherr.

Se por um lado a trilogia cinematográfica da série X-Men apresenta ambos os personagens como mentores experientes de grupos mutantes com ideologias diferentes, em “Primeira Classe” a história é focada nos dois. Sua origem, sua história e os motivos que os levaram a tomar posicionamentos distintos a respeito da causa dos mutantes são explicitados no filme, que acompanha desde a infância até a fase adulta dos personagens.

A história ficcional dos X-Men se entrelaça com a nossa realidade, trazendo para o universo imaginário acontecimentos presentes no mundo “real”. Exemplo disso é o enredo de Primeira Classe ser ambientado em dois acontecimentos históricos marcantes: a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e a Guerra Fria (1945 – 1991) – nesta última, focando-se principalmente no episódio conhecido como “Crise dos mísseis de Cuba” (1962). O período em que o filme se ambienta, especialmente por se passar nos Estados Unidos, também é importante – era a época dos direitos civis, em especial o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, em que uma efervescência de protestos de camadas socialmente discriminadas terminou por mudar o cenário político e social norte-americano.

3.3 “X-MEN: DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO”

Se “Primeira Classe” é ambientado em determinados períodos históricos que realmente existiram, “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” se passa no ano de 2023 e acontece em um futuro distópico – essa denominação é baseada no pensamento filosófico denominado “distopia”, que caracteriza uma sociedade imaginária que é oprimida e controlada pelas autoridades, criando um cenário de perseguição e instabilidade.

Para chegar na distopia de “Dias de um Futuro Esquecido”, no entanto, a linha do tempo da história de X-Men também se utilizou de acontecimentos reais que, modificados pela presença dos mutantes, moldariam essa nova realidade. Entre esses acontecimentos, figuram momentos reais como o assassinato do presidente John F. Kennedy; o envolvimento de planos para deter os mutantes entre as reuniões secretas reveladas pelo escândalo Watergate; o nascimento de mais crianças mutantes após o desastre nuclear de Chernobyl; a construção do Muro de Berlim com a finalidade de segregar mutantes; a epidemia da vaca louca surge como dano colateral da pesquisa para encontrar a cura para o Gene X, entre outros.

É um retrato radical de como teria sido nossa realidade caso existissem mutantes entre nós, e é o papel dos personagens no filme mudar o futuro de guerra entre as raças. Mais uma vez, os papéis de Charles Xavier (Professor X) e Erik Lensherr (Magneto) são cruciais para a mudança do curso da história, como foram necessários os de MLK e Malcolm X. O filme traz para os espectadores duas versões dos personagens – as de 1973 e as de 2023 – e, especialmente por voltar à “juventude” dos personagens, quando podemos notar e distinguir com clareza seus posicionamentos, e por voltar a ambientá-los em contextos históricos, “Dias de um Futuro Esquecido” é o outro filme escolhido para ser objeto de estudo deste trabalho.

A seguir, mergulhamos na história fictícia dos personagens Professor Xavier e Magneto, que é ambientada durante os dois filmes citados acima.

3.4 CHARLES XAVIER, O PROFESSOR X

Charles Francis Xavier tem a data de nascimento incerta. De acordo com a linha do tempo dos filmes, estipula-se que ele tenha nascido em meados da década de 30. Sua família é de origem inglesa e próspera, residindo em uma mansão no condado de Westchester, localizado no estado americano de Nova Iorque. Portador do Gene X, Xavier descobre suas habilidades sobre-humanas ainda criança; ele é capaz de acessar as mentes de outras pessoas, podendo “ler” seus pensamentos e suas memórias, além de também ser capaz de projetar seus próprios pensamentos em mentes de terceiros, controlando-as.

Em 1944, Xavier conhece outra criança mutante chamada Raven. Órfã e detentora da habilidade de se transformar fisicamente para se disfarçar ou se passar por outra pessoa, Raven invade a cozinha da mansão da família de Xavier durante uma madrugada, usando a aparência física da mãe de Charles Xavier para procurar por comida sem despertar nenhuma desconfiança. Xavier, no entanto, é acordado pelo barulho e, através de sua habilidade mental, descobre que a pessoa na cozinha não se trata de sua mãe. Ao conhecer Raven, o jovem fica satisfeito de encontrar alguém que era “diferente” como ele – ou seja, que também possuía uma mutação genética – e, comovido pela situação da outra criança, a convida para viver na mansão. A partir deste momento, Raven e Xavier começam a crescer juntos e, ao longo do tempo, passam a se tratar como irmãos.

3.4.1 CIA e Divisão X

Dono de uma inteligência acima da média, Xavier completou o ensino médio aos dezesseis anos, ingressando para a Universidade de Oxford, na Inglaterra, a mais antiga entre todas de países de língua inglesa. Raven se junta ao irmão em solo inglês e, em 1962, Xavier termina sua tese em mutação genética, posteriormente conquistando doutorados em Genética, Biofísica e Psicologia.



Figura 21 – Charles Xavier lendo sua tese sobre mutações genéticas ao lado de sua irmã adotiva Raven, que se encontra em sua forma mutante natural

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

No mesmo ano, Xavier é abordado por Moira MacTaggart, uma agente da CIA, a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos. Ainda desconhecendo o fato de que o próprio Xavier era um mutante, MacTaggart o aborda devido ao seu conhecimento em mutação genética, interessada em como ele poderia ajudá-la a deter o mutante Sebastian Shaw. Segundo o conhecimento da CIA naquele momento, Shaw estava trabalhando junto à União Soviética, aumentando os riscos de um confronto que poderia levar à uma terceira guerra mundial.

No entanto, ao tomar conhecimento de que tanto Xavier quanto Raven eram mutantes, MacTaggart os introduz a seus superiores na CIA com o intuito de convencê-los da existência de pessoas portadoras do Gene X, uma vez que a agência ainda estava cética a respeito de seres donos de habilidades sobre-humanas. Amedrontado pela capacidade de ler mentes de Xavier e pelas transformações físicas de Raven, o diretor da CIA ordena que eles sejam mantidos em confinamento, descartando a possibilidade de uma colaboração entre humanos e mutantes. Porém, outro membro da CIA que estava presente nas demonstrações de Raven e Xavier se compromete a lidar com eles, fascinado pelas habilidades dos dois. Dessa forma, ambos começam a trabalhar em conjunto com MacTaggart em um caráter confidencial.

A primeira tentativa de deter Shaw acontece logo em seguida, quando Xavier se junta aos agentes da CIA e à Guarda Costeira Americana para tentar interceptar o iate no qual se localizava Shaw. Eles foram surpreendidos pela presença de uma mutante companheira de Shaw, Emma Frost, dona de habilidades telepáticas semelhantes às de Xavier, que bloqueia o acesso do mutante às mentes do iate e sabota a operação. Frost, no entanto, não foi a única surpresa da noite. Notando a presença de mais um mutante, Xavier mergulha em alto mar para resgatar aquele que viria a ser seu primeiro grande aliado na causa mutante: Erik Lensherr.

Lensherr, que também estava à procura de Shaw devido a motivos pessoais, possui uma mutação que o permite controlar todos os tipos de metais. Ele havia mergulhado na água para tentar deter o submarino que Shaw utilizou para escapar, porém não obteve sucesso e, se não fosse pela intervenção de Xavier, poderia ter sucumbido a um risco de morte. Mesmo com Shaw escapando, Xavier se alegra por conhecer mais um colega mutante – sua primeira interação com Lensherr foi marcada por Xavier repetindo várias vezes a frase “você não está sozinho”. Uma vez recuperado, os envolvidos na missão foram levados para uma divisão secreta da CIA, voltada para abrigar os mutantes e denominada como Divisão X.

3.4.2 Os primórdios da Escola Xavier para Jovens Superdotados

Dentro da Divisão X, Xavier é apresentado a Hank McCoy, um jovem cientista recrutado para pesquisas dentro da Divisão X. McCoy é um mutante que, como Xavier, conta com uma inteligência acima da média, porém possuía pés geneticamente modificados, capazes de aderir a várias superfícies, além de ser dono de velocidade e reflexos avançados. McCoy era responsável por investigar e aprimorar artefatos que envolviam o voo supersônico e pela construção uma espécie de radar, que foi elaborado com o intuito de amplificar ondas cerebrais – dessa forma, seria possível utilizar o poder telepático de Xavier para localizar demais mutantes ao redor do mundo.

O radar foi batizado de Cerebro e, através dele, Xavier foi capaz de ler mentes localizadas a quilômetros de distância. Através disso, foram descobertas as presenças de vários mutantes vivendo em regiões próximas. Motivado pela convicção de Erik Lensherr, que insistiu que os mutantes deveriam ser descobertos por pessoas igualmente portadoras do Gene X, Xavier dispensou o auxílio da CIA e partiu com o colega para uma espécie de “recrutamento”. A ideia era, além de organizar mutantes capazes de deter Shaw, oferecer uma saída pra essas pessoas, mostrando que não estavam sozinhas e que, como eles, haviam demais seres com suas genéticas modificadas e habilidades sobre-humanas.



Figura 22 – Charles Xavier usa Cerebro pela primeira vez
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

No total, mais quatro mutantes se juntaram ao “time” já formado por Xavier, Lensherr, Raven e McCoy: Angel Salvadore, dona de asas semelhantes a de insetos voadores, capaz de voar e emitir saliva corrosiva a curtas distâncias; Armando “Darwin” Muñoz, que possuía uma mutação que permitia que ele se adaptasse fisicamente a qualquer meio que estivesse – se ele mergulhasse embaixo d’água, por exemplo, seu corpo desenvolvia guelras para que ele respirasse; Alexander “Havok” Summers, capaz de gerar e dispersar anéis de energia altamente destrutiva; e Sean “Banshee” Cassidy, que possuía a habilidade de gerar poderosas ondas sônicas com sua voz.

Após reunir os mutantes mais jovens na Divisão X, Xavier e Lensherr seguiram mais uma vez o rastro deixado por Shaw. Em seu lugar, acabaram encontrando e interrogando Emma Frost, que desta vez não foi capaz de barrar os poderes de Xavier, que usou sua telepatia para compreender o quanto ela sabia sobre o plano que Shaw havia arquitetado. Dessa forma, Xavier descobriu que o objetivo de Shaw e seu grupo de mutantes era estimular o fim da Guerra Fria o início de uma Terceira Guerra Mundial, para que os seres humanos se aniquilassem em ataques de bombas atômicas – deixando, assim, o caminho aberto para que mutantes repovoassem o planeta.

Enquanto Lensherr e Xavier se ocupavam com Frost, Shaw e seus demais comparsas invadiram a Divisão X, assassinando membros da CIA no processo. Ao tentar angariar a simpatia dos mutantes da Divisão, Shaw convenceu Angel a se unir ao seu grupo e terminou por também matar Darwin, após o mesmo realizar uma tentativa de trazer a mutante de volta para o grupo da Divisão X. Após retornarem e encontrarem a divisão destruída, além

de dois mutantes a menos do seu lado, Xavier decide alocar todos os restantes na mansão de sua família, na qual ele e Raven passaram sua infância e juventude.



Figura 23 – A Mansão Xavier, futura Escola Xavier para Jovens Superdotados
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Uma vez na mansão, Xavier se empenhou em treinar a capacidade de cada mutante, fortalecendo e estimulando seus poderes. Foi durante essa época que Xavier utilizou sua telepatia para auxiliar Erik Lensherr a expandir ainda mais sua capacidade de controlar metais. Meses depois, a mansão se tornaria a Escola Xavier para Jovens Superdotados, uma instituição que abriga e ensina, de forma discreta, jovens mutantes de todo o país.



Figura 24 – Charles Xavier e Erik Lensherr se tornam mais próximos
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

3.4.3 A crise dos mísseis cubanos

Com a intenção de se aproveitar daquela que ficou conhecida como “crise dos mísseis cubanos”, Shaw tomou o controle de um cargueiro soviético e pretendia furar o bloqueio marítimo norte-americano, o que desencadearia uma crise diplomática entre os Estados Unidos e a União Soviética e poderia levar o mundo à uma guerra nuclear. Com o auxílio de seus colegas mutantes, especialmente Hank McCoy e Erik Lensherr, Charles Xavier obteve êxito em destruir o cargueiro soviético de Shaw ao controlar telepaticamente a mente de um dos comandantes russos, evitando um confronto com potencial de dizimar parte dos seres humanos. Logo em seguida, Lensherr foi capaz de retirar o submarino de Shaw do oceano – seu poder estava ainda mais avançado, principalmente devido ao apoio e orientações que angariou durante semanas na mansão Xavier – o que resultou em um conflito físico entre os dois grupos de mutantes. Trabalhando em conjunto com Xavier, Lensherr conseguiu localizar e confrontar Shaw e, mesmo com os pedidos veementes de Xavier para não assassiná-lo, termina por completar sua vingança matando Shaw.

Mesmo com um inimigo morto, surgia outro problema: tanto americanos quanto soviéticos haviam testemunhado o combate, desde a retirada do submarino das profundezas. Agora, o alvo era os mutantes que, devido às suas habilidades sobre-humanas, despertavam o medo daqueles que não possuíam o Gene X. Lensherr foi capaz de segurar os mísseis lançados sobre os mutantes, virando as armas em direção aos americanos e soviéticos que as haviam lançado; Xavier, ao tentar impedi-lo telepaticamente de assassinar os seres humanos dentro dos cargueiros, entra em um conflito físico com Lensherr.



Figura 25 – Erik Lensherr manipula os mísseis para que acertem os cargueiros cheios de soldados; Xavier tenta persuadi-lo do contrário

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

A agente MacTaggert dispara uma arma na direção de Lensherr para tentar tirá-lo do combate com Xavier, mas Lensherr, com sua capacidade de controlar metal, desvia as balas de sua direção. Uma delas, no entanto, acerta Xavier. O mutante fica gravemente ferido e não sente suas pernas. Ele e Lensherr discutem sobre seus posicionamentos na luta pelos mutantes, e Xavier insiste em permanecer lutando por uma existência igualitária entre seres humanos e mutantes. Lensherr, que prega a supremacia dos mutantes sobre humanos, se junta ao restante do grupo de Shaw e se separa de Xavier. Raven, que passa a atender pelo nome de Mística, escolhe o mesmo caminho e se distancia do irmão.



Figura 26 – Após atingir Xavier com uma bala, Erik Lensherr tenta convencê-lo a lutarem juntos pela causa dos mutantes

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

A bala que atingiu Charles Xavier o deixa paraplégico. Contando com o auxílio de uma cadeira de rodas, o mutante retorna à mansão de sua família, já com planos de atuar como professor e transformá-la em uma escola – é o início da Escola Xavier para Jovens Superdotados.



Figura 27 – Xavier retorna à Mansão, já paraplégico

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

A agente Moira MacTaggert é a primeira a chamá-lo de “Professor X”, afirmando que agora ele incorporaria seu próprio time. Para protegê-la de futuras interpelações, questionamentos e até mesmo torturas para revelar a localização de uma escola para mutantes, Xavier apaga a memória de MacTaggert a respeito de seu envolvimento com os mutantes.

Mais tarde, Xavier converte sua mansão em uma verdadeira fortaleza, pronta para abrigar e ensinar mutantes, intitulado-a Escola Xavier para Jovens Superdotados – o uso do termo “superdotados” foi usado para desviar a atenção do fato de que os frequentadores da escola teriam, de fato, poderes sobre-humanos. A mansão agora se assemelhava a base de operações, contanto com laboratórios médicos, de pesquisa, centro de treinamento, veículos aeromobilísticos e o próprio Cerebro. Era o início daquela que seria conhecida como a morada dos X-Men.

3.4.4 O resgate da esperança

O cenário agora é o ano de 2023. Décadas depois da criação da Escola Xavier para Jovens Superdotados, os mutantes são vítimas de uma verdadeira caçada. Perseguidos pelos Sentinelas, robôs de alta tecnologia desenvolvidos pelas Indústrias Trask, grande parte dos portadores do Gene X são mortos, escravizados ou utilizados para pesquisas científicas. Os X-Men ou outros mutantes já não têm refúgio na Escola Xavier, que se encontra abandonada.

Uma de suas ex-estudantes, no entanto, desenvolve seus poderes a ponto de dar uma nova esperança para os mutantes. Kitty Pride, também conhecida como Lince Negra, possui a habilidade de atravessar matéria sólida e objetos. Pressionada pela tensão da guerra contra os Sentinelas, desenvolve a capacidade de também atravessar o tempo e o espaço.

Ao se encontrar com Kitty, Professor Xavier (Charles Xavier) explica os eventos que originaram a criação dos robôs Sentinelas. Em 1973, cerca de uma década depois da crise dos mísseis cubanos, Bolivar Trask, fundador das Indústrias Trask, apresenta o projeto do programa Sentinel Mark I, que seria integrado ao exército americano. Seu objetivo era proteger os seres humanos de um possível ataque mutante. O programa, de início, é rejeitado pelo governo, principalmente porque considerou-se que a sociedade não tinha motivo para temer – ou até mesmo acreditar que existiam – mutantes. Porém, poucas semanas mais tarde, Mística assassina Bolivar Trask em Paris, buscando vingança pelos mutantes aprisionados, mortos e testados ilegalmente pelas Indústrias Trask.

O assassinato de Trask traz uma nova luz à questão dos mutantes dentro da sociedade, levando o governo a voltar atrás e acatar o programa de desenvolvimento dos Sentinelas. Capturada pelo exército na cena da morte de Trask, Mística tem seu DNA extraído e utilizado para aprimorar os robôs que, com os poderes da mutante, agora possuem a habilidade de se adaptar fisicamente para lutar de igual para igual com portadores do Gene X.

Professor X pede que sua mente seja mandada de volta para 1973 através do poder de Kitty Pride. A mutante, no entanto, explica que uma viagem tão grande no tempo poderia danificar o cérebro de Professor X. Outro mutante, Wolverine, se voluntaria para ser mandado de volta no tempo - uma vez que ele possui o poder de se regenerar, tornando-o imortal, ele não corria riscos de sofrer danos. O mutante é instruído sobre como encontrar Xavier e Erik Lensherr, reuni-los e, juntos, ter uma chance de mudar o futuro.

De volta a 1973, Wolverine encontra um Xavier completamente desmotivado. O professor ainda vive na Escola Xavier, porém a mesma se encontrava vazia de estudantes. Entristecido pela perda de alunos para a Guerra do Vietnã (1955 - 1975), pela captura de mutantes para serem pesquisados pelas Indústrias Trask e pelo abandono de Mística e Erik Lensherr, Xavier fechou a escola e vivia na companhia de Hank McCoy. Desesperado para se livrar de sua telepatia que o atormenta descontroladamente devido ao seu emocional, Xavier faz uso de um soro desenvolvido por McCoy, que entorpece seus poderes telepáticos e devolve, temporariamente, sua sensibilidade nas pernas.

Wolverine persuade o professor a resgatar Erik Lensherr, o Magneto, que se encontrava confinado em uma prisão de segurança máxima. Porém, sem sucesso em convencer o Xavier de 1973 a acreditar que existia uma mensagem do futuro, Wolverine então pede para que o professor utilize sua mente para entrar em contato com o Xavier de 2023. O mutante cede e, ao entrar em contato com a mente de Wolverine, é capaz de se comunicar com seu futuro. Seu eu mais velho de 2023 o convence a voltar a ter esperança, recordando lembranças tocantes de seu passado para inspirá-lo.



Figura 28 – o Xavier de 1973 se encontra telepaticamente com o seu eu de 2023
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Convencido de que pode mudar o futuro e, com isso, salvar sua irmã adotiva e milhares de portadores do Gene X, Xavier retorna para sua mente em 1973 e usa o Cerebro para localizar Mística, na intenção de impedi-la de assassinar Bolivar Trask e ser capturada pelos seres humanos. Mística é localizada indo para Washington, capital dos Estados Unidos.

McCoy, Wolverine e Xavier buscam a ajuda de outro mutante, Mercúrio, para libertar Erik Lensherr da prisão em que estava encarcerado após ser julgado e acusado pelo assassinato de um presidente norte-americano.

Após seu resgate, Magneto se junta a Xavier, Wolverine e McCoy na viagem até Washington. Durante a mesma, Wolverine pede para Xavier prometer que, não importa caso eles sejam bem sucedidos ou não na tentativa de bloquear o ataque de Mística, ele irá continuar com a Escola e se empenhará em formar os X-Men.

Uma vez na capital, acontece uma reviravolta de eventos: Magneto, também motivado a vingar os mutantes e percebendo que os demais não optariam por uma cartada mais radical, luta contra Xavier, McCoy e Wolverine, tirando-os de seu caminho e imobilizando o mutante telepático no chão através de vigas de metal. Ele se dirige até Bolivar Trask, que está reunido com o presidente americano Nixon e demais representantes de alto escalão do governo. Utilizando seu poder, Magneto controla as câmeras para que elas exibam, ao vivo, o “acerto de contas” que ele pretendia fazer em nome dos mutantes que foram usados de forma desumana para pesquisa científica das Indústrias Trask.

Magneto, no entanto, foi surpreendido por Mística, que usou de sua mutação para se disfarçar entre os homens que acompanhavam Trask e o presidente Nixon. A mutante fere Magneto e pega para si a oportunidade de fazer justiça pelas próprias mãos. Antes que isso aconteça, porém, Xavier, que ainda se encontra imobilizado, tem sucesso em estabelecer uma conexão mental com ela. Ele pede para que sua atitude seja reconsiderada e avisa que caso

Trask seja assassinado o futuro dos mutantes será sombrio, podendo ser ela a responsável por uma futura guerra com os seres humanos.



Figura 29 – Mesmo ferido, Xavier se projeta mentalmente para persuadir Raven/Mística a não cometer um assassinato

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Após minutos de conflito interno, Mística desiste de sua vingança e ajuda Xavier a entrar em contato telepático com Magneto. Uma vez que a conexão é bem sucedida, ele consegue se retirar das vigas que o prendiam no chão e se despede de Magneto e Mística, mandando-os para longe para que eles não sejam perseguidos pelas autoridades humanas.

Poucos minutos depois, Wolverine, seriamente ferido pelo confronto com Magneto, é trazido novamente para o ano de 2023. Quando ele acorda, porém, não está perto de Kitty ou dos mutantes que o enviaram ao passado; já que Mística jamais assassinou Trask e não foi capturada para pesquisas de DNA, a guerra com os Sentinelas das Indústrias Trask jamais aconteceu e a população não viveu um episódio que tornasse o medo dos mutantes ainda mais evidenciado.

Wolverine desperta no “novo futuro” e se encontra dentro da Escola Xavier para Alunos Superdotados, agora vivendo uma realidade que ele ajudou a mudar no passado. Ele se encontra com Professor Xavier, já idoso e em sua cadeira de rodas, que compreende o que ele passou e o explica que, com a mudança dos eventos de 1973, a história foi reescrita a partir daquele ano. Xavier cumpriu sua promessa de reunir e guiar os X-Men através da educação e compreensão, prezando por meios de luta que não priorizam a violência física.

3.5 ERIK LENSHERR, O MAGNETO

A data de nascimento de Erik Lensherr também é incerta – mas, semelhante ao que acontece com Charles Xavier, é seguro afirmar que Lensherr nasceu na década de 30. Judeu, foi capturado junto com sua família quando ainda criança, durante a Segunda Guerra Mundial, e levado para um campo de concentração nazista na Polônia em 1944.

A primeira manifestação da mutação de Erik – que é a habilidade de controlar metais – ocorreu dentro do campo de concentração, quando o jovem se viu sendo separado de seus pais. Confrontado com sentimentos de angústia, dor e desespero, Erik chegou a retorcer um portão que o separava de seus pais, sem precisar sequer tocá-lo. Um colaborador do exército nazista, Sebastian Shaw, assistiu a cena e, interessado pela demonstração repentina dessa mutação, requere a presença do jovem Erik para poder analisá-lo. O colaborador era, secretamente, também um mutante.

A fim de comprovar o que havia visto, Shaw entrega uma moeda para Erik e pede para que ele a manipule usando apenas o seu poder. Notando que o menino não era capaz de controlar metal sem sofrer algum estímulo emocional forte, Shaw pede para que tragam a mãe de Erik. Uma vez com ela presente, ele ameaça atirar na mulher caso o menino não consiga manipular a moeda, sem tocar no objeto, pelos próximos segundos.



Figura 30 – O jovem Erik Lensherr sendo pressionado para demonstrar sua mutação
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

O jovem mutante, mesmo pressionado e sendo encorajado pela mãe, falha em retorcer a moeda durante o tempo estipulado por Shaw que, em resposta, atira e mata a mãe de Erik. Completamente transtornado, o menino expressa sua dor e tristeza ferindo os soldados responsáveis pela morte de sua mãe, retorcendo os capacetes metálicos que estes usavam e

destruindo os objetos metálicos do laboratório de Shaw, fazendo os instrumentos se chocarem entre si e pelo aposento de forma frenética. Fascinado com o potencial que o poder de Erik possuía, Shaw o mantém como refém durante a guerra e pelos próximos anos, realizando experimentos no corpo do mutante na tentativa de tomar para si seus poderes de manipulação de metal.

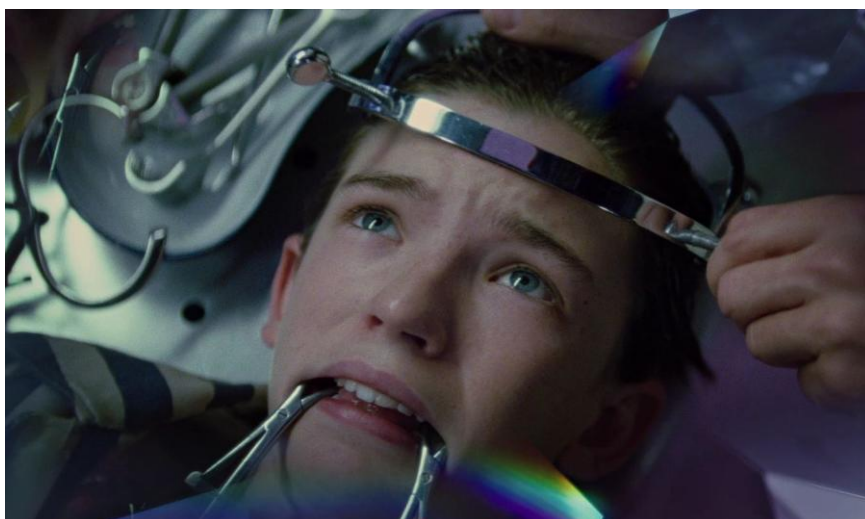


Figura 31 – Erik Lensherr durante o período de tortura que viveu em sua infância e adolescência
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

3.5.1 Caça a Shaw e a Divisão X

Após escapar da tortura de Shaw, Erik Lensherr se empenhou por anos para encontrá-lo e, então, vingar sua família e os anos de flagelação que havia sofrido em suas mãos. Como uma forma de lembrança das atrocidades que Shaw o infligiu, o mutante leva consigo a mesma moeda que não havia sido capaz de manipular pela primeira vez, quando criança.

Iniciando uma verdadeira caça ao seu algoz, Erik percorre países e não mede esforços para arrancar de pessoas pistas do paradeiro de Shaw. Após passar pela Europa e países da América Latina, Erik finalmente localiza Shaw em um iate, nos Estados Unidos. Quando ele chega à embarcação, no entanto, é surpreendido por demais mutantes a bordo. A telepata Emma Frost avisa Shaw que Erik pretende matá-lo e, trabalhando com seus demais comparsas, lança Erik ao mar. Frustrado, o mutante manipula todos os metais ao seu alcance para destruir o iate; ele não obtém sucesso em ferir nenhum de seus tripulantes, que fogem dentro de um submarino. Obstinado a cumprir seu objetivo, Erik submerge nas águas e tenta

parar a fuga. Seu poder, no entanto, ainda não é o suficiente para deter um submarino, e em seu esforço para tentar fazê-lo, acaba se colocando em risco de morte. Novamente, ele foi surpreendido pela presença de um mutante telepático – Charles Xavier se lançou no oceano para salvá-lo, garantindo a Erik que também era um mutante e que, agora, ele não estaria sozinho.

Agradecido e intrigado por se encontrar demais portadores do Gene X, Erik viaja até aquela que seria conhecida como a Divisão X junto a Charles Xavier, sua irmã Raven e seus colegas da CIA. Horas depois de ser salvo, no entanto, Erik cogita fugir da Divisão e voltar a caçar Shaw – possibilidade da qual ele desiste após descobrir que ele e Xavier, com a ajuda do equipamento Cerebro, poderiam embarcar em uma espécie de recrutamento de mutantes que, mais tarde, ajudariam a deter Shaw e sua equipe. Ele pede a Xavier para que as pessoas que não fossem portadoras do Gene X não os acompanhassem na busca pelos novos mutantes, alegando que eles deveriam ser descobertos por membros de sua “própria espécie”.

Dessa forma, Erik e seu parceiro encontram, conversam e recrutam mais quatro jovens mutantes para se juntar a eles, Raven e Hank McCoy: os já citados Angel Salvadore, Armando “Darwin” Muñoz, Alexander “Havok” Summers e Sean “Banshee” Cassidy. Depois de introduzi-los à Divisão X, Lensherr e Xavier partem em mais uma missão para tentar localizar Shaw. É neste momento que eles encontram novamente Emma Frost, que é rendida depois de um confronto com Erik e revela, através do poder telepático de Charles, o plano de Shaw para acabar com a Guerra Fria e iniciar um conflito nuclear mundial que acabaria com os seres humanos e, por consequência, permitiria que o planeta fosse repovoado por mutantes. Ao retornar para a Divisão X e a encontrar destruída, além de não mais contar com Angel e Darwin, Erik segue até a Mansão Xavier (futura “Escola Xavier para Jovens Superdotados”) junto a Charles e o restante dos sobreviventes da Divisão.

Durante as semanas que passaram na Mansão, Erik e Charles estreitaram sua relação, principalmente devido ao fato de que o último foi capaz de expandir os poderes do outro, utilizando sua telepatia para relembrar Erik de momentos enternecedores de sua infância, em especial os ligados à sua mãe.

Xavier insistia que o segredo para que Erik controlasse seus poderes estava em não somente utilizar sua dor e luto para manipular o metal; para obter êxito, era necessário encontrar um equilíbrio, fazendo o uso de sentimentos opostos e menos tendenciosos à violência. Para isso, memórias que envolviam sua família eram levadas à tona. Devido a essa aproximação, ambos os mutantes, além de aliados, tornaram-se grandes amigos.

3.5.2 Morte de Shaw e o primeiro atentado

Juntamente com seus colegas mutantes e trabalhando em conjunto especialmente com Xavier, Lensherr obteve sucesso em impedir Shaw e seus comparsas de escapar através de um submarino, após a tentativa de iniciar uma guerra com a crise dos mísseis cubanos ser impedida. Parar o submarino, coisa da qual Erik não era capaz anteriormente, demonstra a expansão e maior controle sobre sua mutação.



Figura 32 – Lensherr controla o submarino e o retira da água
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Depois da retirada do submarino das águas, o grupo liderado por Xavier e Lensherr iniciou um embate físico com o grupo liderado por Shaw, demonstrando seus poderes na frente de oficiais americanos e russos, que se amedrontaram perante aquela situação. Erik se empenhou em perseguir Shaw e, com a ajuda telepática de Charles, conseguiu o encontrar em um aposento blindado de seu submarino.

Ao se encontrar encurralado, Shaw tenta dialogar com Erik, persuadindo-o de que ele e seus poderes seriam melhor aproveitados caso ele estivesse lutando ao seu lado. “Por que você está do lado deles?”, ele indaga a Lensherr, se referindo ao grupo de mutantes de Xavier e sua ideologia pacífica, voltada para procurar um entendimento entre portadores do Gene X e os demais seres humanos. “Por que lutar por uma raça condenada que irá nos perseguir assim que perceber que seu reinado está chegando ao fim?”, prossegue Shaw. Para ele, a raça humana se voltaria agressivamente contra os mutantes, incapazes de compreender suas mutações e amedrontadas com seus poderes. “Eu não quero te machucar, Erik. Eu nunca quis. Eu quero te ajudar. Esse é nosso tempo, nossa era. Nós somos o future da raça humana”, interpela Shaw.

Erik Lensherr se identifica com essa linha de pensamento, especialmente porque enxerga um paralelo entre o tratamento imposto pelos nazistas aos judeus e o tratamento que a raça humana dá sinais de querer submeter os mutantes. Para ele, o medo dos poderes sobre-humanos levaria a humanidade a um conflito e poderia subjugar os mutantes a uma perseguição injusta, rotulando-os como “maus” devido a uma condição sobre a qual eles não possuem controle: suas mutações genéticas. O maior receio de Lensherr é, portanto, ser ele próprio e seus iguais vítimas de uma opressão autoritária.

Tentando convencer Erik a desistir de sua vingança e se unir a ele, Shaw se desculpa pelo o que aconteceu nos campos nazistas. Os dois iniciam um combate físico e, devido a uma brecha que abrem na blindagem do submarino, Xavier consegue alcançá-los mentalmente e, dessa forma, guiar e aconselhar Lensherr durante a luta. O mutante telepático não é capaz de se infiltrar na mente de Shaw porque o mesmo utiliza um capacete projetado especialmente para afastar mutantes de tomar seu controle mental. A intenção de Charles e Erik é descartar o capacete para que o primeiro use seu poder de acesso ao cérebro de Shaw para imobilizá-lo fisicamente, impedindo-o de ferir Erik.

Quando isso finalmente acontece, entretanto, Erik toma o capacete para si, impedindo Charles de aconselhá-lo mentalmente, mesmo com o amigo lhe implorando para que ele “seja o melhor homem” e não assassine Shaw.



Figura 33 – Lensherr veste pela primeira vez o capacete que se tornaria uma das suas marcas registradas
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Uma vez isolado de Xavier, Lensherr mostra a moeda germânica que carrega com ele desde a infância e se dirige a Shaw, admitindo que o mutante é, de certa forma, responsável pelo o que Lensherr se tornou, se referindo a ele como seu “criador”. “Quero que você saiba que eu concordo com cada palavra do que você disse. Nós somos o futuro. Mas,

infelizmente, você matou minha mãe”, conclui Erik, enquanto manipula a moeda em frente ao rosto de Shaw. Fica claro que o que leva Lensherr a assassinar Shaw é a vingança pela sua família, uma vez que ele concorda com o ponto de vista do seu algoz e “criador”. Após fazer esse pequeno discurso, Erik manipula a moeda de tal forma que ela atravesse o crânio de Shaw – atitude que, por consequência, repercute e dói em Charles Xavier, que estava controlando mentalmente o cérebro do inimigo de Lensherr.



Figura 34 – Lensherr dialoga com Shaw e mostra a moeda nazista que guardou como lembrança da tortura que sofreu

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Momentos depois de assassinar seu algoz, Lensherr se dirige de volta aos demais mutantes, trazendo consigo o corpo de Shaw. A esta altura, os cargueiros soviéticos e americanos estão com suas artilharias voltadas para os mutantes, vendo aquela situação como uma maneira oportuna de aniquilar pessoas que, para eles, representavam um risco à raça humana. Erik interpela junto aos seus semelhantes, dizendo que os humanos são o real inimigo; as nações, inclusive Estados Unidos e União Soviética, estavam unidas pelo medo do desconhecido. Quando os cargueiros disparam mísseis na direção dos mutantes, Erik Lensherr é capaz de controlá-los e mirá-los de volta para as próprias embarcações, ameaçando as vidas dos seres humanos dentro delas. Charles Xavier tenta persuadir Erik a não disparar os mísseis de volta e poupar os oficiais americanos e soviéticos, argumentando que eles apenas estavam seguindo ordens. Lensherr retruca dizendo que já esteve sob a mercê de homens que apenas seguiam ordens – se referindo ao regime nazista –, afirmando que aquilo jamais aconteceria de novo. Dito isso, ele manda os mísseis em direção aos cargueiros e entra em conflito com Charles, que tenta usar sua telepatia para impedi-lo de assassinar os seres humanos em alto mar. A agente da CIA, Moira MacTaggert, tenta interferir na luta e dispara uma arma na

direção de Lensherr; ele, porém, desvia a bala instintivamente, e ela acaba atingindo as costas de Charles Xavier e causando um trauma que, posteriormente, o deixaria paraplégico.



Figura 35 – Lensherr desvia balas atiradas em sua direção atinge a coluna de Xavier
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Lensherr se ajoelha ao lado do amigo ferido, insistindo que ele deveria seguir a ideologia de que humanos e mutantes não são capazes de conviver pacificamente. Xavier se recusa a parar de lutar por direitos igualitários para ambas as raças, o que faz com que Lensherr se una a Raven (Mística) e ao restante do grupo de Shaw, deixando seu primeiro aliado para trás. Pouco tempo depois, Erik adota o nome de Magneto, alcunha pelo qual se faria conhecido pelo mundo inteiro, e começa a formar o grupo “Irmandade de Mutantes”, que estabelece como objetivo obter a supremacia dos portadores do Gene X sob o resto da humanidade.

3.5.3 A bala desviada

O universo X-Men continua a inserir elementos da realidade em sua linha do tempo¹³. O fato da crise de mísseis cubanos não ter dado início a uma terceira guerra mundial obteve um bom impacto para o governo de John F. Kennedy, presidente norte-americano na época. Kennedy foi, de fato, presidente dos EUA durante esta época da história.

¹³ A maior parte dos acontecimentos entre a crise de mísseis cubanos e a volta de Wolverine ao passado em “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” não aparece nos filmes. Sendo assim, a descrição sobre a história fictícia feita nesta seção terciária é baseada no site criado pela Twentieth Century Fox Film Corporation, produtora dos filmes, para elucidar estes momentos. Disponível em: <<http://www.25moments.com/>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

Esse otimismo, no entanto, não durou – em meados de 1963, os oficiais navais presentes nos cargueiros durante o embate dos mutantes da Divisão X e o grupo de Shaw expressaram seus pontos de vista a respeito do acontecimento, mesmo sendo ridicularizados pela opinião pública que pouco aceitava a existência de seres mutantes entre a população. Porém, nem todos pensavam assim. Grupos conservadores e reacionários associados a partidos políticos norte-americanos pregaram apaixonadamente contra o comunismo e a integração tanto racial quanto “genética”, se colocando contra a obtenção de direitos civis igualitários – um novo paralelo com a realidade, na qual os movimentos por direitos civis igualitários para os negros foram vistos com maus olhos pela ala conservadora norte-americana.

O verão do ano de 1963 entrou para a história como o “Verão do ódio” no Universo X-Men: conjuntos radicais começaram a ser formados, como o Amigos da Humanidade, que foi apontado como responsável pelo assassinato de mais de dez portadores do Gene X, mesmo sendo alguns deles mutantes não confirmados. Dois membros do grupo criado por Magneto, a Irmandade de Mutantes (agora considerado um grupo terrorista pró-mutante), foram mortos – Angel, antiga membro da Divisão X, e Azazel, antigo comparsa de Shaw. Os assassinatos dos dois fizeram parte da operação Projeto WideAwake, uma tarefa secreta montada pela CIA a pedido do próprio John F. Kennedy logo após a crise dos mísseis cubanos, e que tinha com o objetivo de melhor investigar seres mutantes.

Dias antes da visita de Kennedy à cidade de Dallas, no estado Americano do Texas, membros do Amigos da Humanidade espalharam panfletos e informativos pelo município. De acordo com eles, ter deixado os mutantes presentes na crise dos mísseis cubanos escapar era o primeiro indício de que o presidente estava a favor dos portadores do Gene X e “conspirando para diluir a raça humana com sangue pecaminoso”. “(Kennedy) mente para o povo americano”, dizia um dos panfletos. “Especialmente no que se diz a respeito dos horrores genéticos profanos que se infiltraram em nossas cidades” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014).

Em 22 de novembro de 1963, dia do assassinato de Kennedy, ele foi recebido em Dallas, no estado americano do Texas, e deu início à sua carreata. Apesar do estímulo ao ódio pelo presidente, ele desfilou pelas ruas da cidade ao lado de sua esposa dentro de uma limusine, sendo recepcionado por cerca de 200 mil pessoas.

A Comissão Warren, estabelecida mais tarde para investigar a morte do presidente, afirmou que, naquele dia, Lee Harvey Oswald se acomodou no sexto andar da Texas School Book Depository. Oswald tinha 24 anos e era um fuzileiro naval americano que

havia se convertido ao marxismo, fugindo para a União Soviética em 1959 e retornado aos Estados Unidos poucos anos depois. Segundo a comissão, ele fora contratado semanas antes por Erik Lensherr, o Magneto, para assassinar o político extremista Edwin Partridge, que se expressava veementemente contra os mutantes, buscando segregá-los. Agora, supostamente ainda a mando de Magneto, era o momento de matar outro político.

Quando a carreta de Kennedy passou pela Texas School Book Depository, o primeiro tiro foi disparado em direção à limusine presidencial, não acertando seu alvo específico. O segundo tiro atingiu outro tripulante do carro e passou de raspão pelo presidente. O terceiro disparo acertou Kennedy em cheio, atravessando sua cabeça.

A presença de Magneto no momento do tiro fatal é comprovada através de uma fotografia tirada por Marie Ellen Dodge, com 12 anos na época. A jovem tirava fotos do local enquanto o presidente se aproximava em seu carro quando sua atenção foi dirigida a um homem “estranho”.

Você conseguia sentir o foco no olhar dele [...]. Ele não estava irritado, mas estava observando intensamente. Concentrado. E então eu vi... Bom, eu vi o que eu vi [...]. Ninguém acreditou em mim. [...] Ele tinha sua mão erguida. Eu ouvi o segundo tiro, e vi a bala. Eu realmente a vi a bala. Ela meio que ficou pendurada no ar por um segundo, e então se lançou. Na direção da limusine. (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014)



Figura 36 – Fotografia fictícia que provaria a presença de Magneto no assassinato do presidente JFK
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation

Aproximadamente oito minutos depois do último tiro ser disparado, Kennedy chegou já sem vida ao hospital Parkland Memorial e teve sua declaração de óbito emitida no início da tarde. Minutos antes de sua morte ser anunciada publicamente, testemunhas afirmaram ter avistado Oswald sendo interceptado por um policial, no qual atirou quatro

vezes, também o assassinando. Outras testemunhas o avistaram depois entrando no cinema Texas Theatre. Minutos mais tarde, a polícia invadiu o cinema, encontrando um Oswald desarmado que não resistiu à prisão, parecendo confuso com o que estava acontecendo e afirmando que não havia matado ninguém. Ele foi levado para uma delegacia e acusado pelo assassinato do presidente John F. Kennedy e de um oficial da polícia.

Em sua defesa, Oswald confessou ter matado apenas o político Edwin Partridge e alegou não estar envolvido nos demais assassinatos, negando até mesmo que possuía o rifle e o revólver que fotografias o registraram carregando no mesmo dia. Oswald insistia que uma espécie de dublê seu havia cometido os crimes. Essa teoria se popularizou entre partes da população, principalmente devido aos rumores de que Oswald havia sido visto em dois locais de Dallas ao mesmo tempo durante aquele mês de novembro e que sua esposa, Marina Oswald, testemunhou aos investigadores que seu marido estava agindo “como uma pessoa diferente” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014) nas semanas anteriores à chegada de Kennedy.

Em 24 de novembro, apenas dois depois da morte do presidente, Oswald foi morto a tiros durante sua transferência de uma prisão a outra. O atirador responsável era Jack Ruby, um dono de casas de prostituição que assumiu o crime no mesmo dia. Ele mudaria de ideia mais tarde, negando sua confissão e dizendo não se lembrar do que havia feito desde o dia do assassinato de John F. Kennedy.

Críticos da Comissão Warren afirmam que havia uma pressão, tanto da população quanto do próprio governo, para a exposição dos seres portadores do Gene X – especialmente Magneto, membro conhecido da Irmandade dos Mutantes, reconhecido e temido internacionalmente. A foto tirada por Marie Ellen Dodge, o testemunho da jovem e o fato que Oswald havia assassinado o político Edwin Partridge eram algumas das evidências que levaram à missão de capturar Magneto, liderada pelo Projeto WideAwake. O mutante, no entanto, não conseguiu ser localizado – o único motivo que o levou a ser encarcerado foi que ele próprio encontrou os membros da CIA e se entregou à sua custódia.

Considerado como “o homem mais perigoso do mundo” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014), Magneto foi então apreendido, dando início ao seu julgamento, que ocorreu longe dos olhos do público. O mutante não ofereceu muito em sua defesa. O advogado da acusação, no entanto, foi veemente em seu discurso.

Nós estamos reunidos aqui hoje para obter mais do que justiça por um crime [...]. Estamos aqui para abordar um problema de importância crítica nacional: a aparição do *homo superior*. Mutantes. Carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, porém

donos de poderes e habilidades que os diferencia – alguns alegam que para melhor – da humanidade. Eu me pergunto se um mundo de seres como esse ‘Magneto’ haverá espaço para homens e mulheres comuns. (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014)

Em seu testemunho, Erik “Magneto” Lensherr admitiu que realmente era ele na foto tirada pela jovem Marie Ellen Dodge, mas alegou que não estava lá para assassinar o presidente, e sim para impedir seu assassinato. Lensherr afirmou à corte que o responsável por atirar em Kennedy não era Oswald, e sim alguém que estava à solta e “provavelmente jamais será capturado” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014).

O advogado da acusação interpelou junto à corte para que Lensherr demonstrasse seus supostos poderes mutantes, uma vez que a comprovação dos mesmos era necessário para se chegar à conclusão de que ele poderia ou não alterar o curso de uma bala. Uma barra de metal foi colocada à frente de Magneto que, para o choque da audiência presente no julgamento, foi capaz de manipular o material sem precisar tocá-lo. Logo depois, o mutante optou por apresentar pessoalmente sua argumentação final, voltando a insistir que ele não era o culpado e que não existia nenhuma evidência física que o ligasse ao assassinato de Kennedy. “Eu não atirei no seu presidente [...], mas eu sei quem o fez, e vocês nunca irão encontrar. Ela tem formas de se esconder em meio à vista de todos” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014), afirmou.

Sua fala é uma clara referência à Mística e sua mutação que a permite se modificar fisicamente para a aparência que desejar, o que a possibilitaria de se disfarçar de terceiros. Mística é apontada como a verdadeira responsável pela morte de Kennedy, ato que orquestrou para se vingar das mortes de mutantes, em especial de seus colegas Angel e Azazel, pelas mãos de órgãos do governo. Quando ela e Magneto discutiram a respeito do presidente – que estava convencido de que Kennedy também era portador do Gene X e iria se posicionar a favor dos mutantes –, Mística optou por agir sozinha. Magneto tentou detê-la quando pôde, conseguindo desviar as duas primeiras balas atiradas por Mística, que utilizou a aparência de Oswald, de acertar fatalmente o presidente. O mutante, porém, não conseguiu parar a terceira.

Apesar de suas alegações, Magneto foi condenado pela conspiração e pelo assassinato de John F. Kennedy, sentenciado à prisão perpétua sem a possibilidade de liberdade condicional. Por possuir a habilidade de controlar metal, o mutante destruiu as primeiras celas nas quais foi encarcerado, o que levou à construção de uma constituída por uma cela única feita de concreto e polímeros industriais, sem qualquer presença de metal.

A versão final adotada pela Comissão Warren foi a de que Magneto, de fato, modificou a trajetória da bala disparada na direção do presidente, mas teria realizado este ato para levar à morte de Kennedy, não para salvá-lo. Essa versão se tornou conhecida como “a teoria da bala desviada” (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014).

3.5.4 Free Magneto

Portadores do Gene X e seus simpatizantes se mobilizaram para tentar organizar uma intervenção pela liberdade de Magneto, ou ao menos uma nova tentativa de julgamento. O movimento mais famoso relacionado a essa intenção foi o Free Magneto (“Liberte Magneto”), porém ele não obteve sucesso.



Figura 37 – Cartaz do movimento Free Magneto
Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Iniciativas como essa surgiram devido às contradições e incertezas que envolviam a “teoria da bala desviada”. Sabe-se que Magneto é capaz de desviar o trajeto de uma bala, uma vez que ele o fez quando acidentalmente deixou paraplégico Charles Xavier, o Professor X. Como sua intenção não era atingir o outro mutante, também se observa que seu controle de projéteis balísticos era, de fato, não muito incisivo, uma vez que o controle completo de um objeto em pleno movimento é consideravelmente mais complexo.

Estes fatos, porém, não são de conhecimento público. Os poucos conhecedores e especialistas em mutações genéticas da época consideravam a teoria da Comissão Warren possível, porém tinham suas ressalvas, como a mutante e professora do departamento de física da Universidade de Stanford, Kelly Seagle.

O pouco conhecimento que temos em relação aos poderes de Magneto não confirma que ele possui um bom controle sobre pequenos projetos balísticos, o que seria possível. [...] Mas isso não quer dizer que seria fácil. Seria como tentar capturar uma mosca usando pauzinhos de comida japonesa, exceto que essa mosca está viajando a uma velocidade de 1.700 pés por segundo. [...] Se Magneto queria assassinar o presidente, por que ele simplesmente não esmagou o carro com seus poderes? Por que não derrubar um avião em cima dele, ou disparar uma arma de um dos agentes do Serviço Secreto? Por que ele estava à vista de todos? (TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION, 2014)

3.5.5 Futuro esquecido

O cenário é, mais uma vez, o ano de 2023. Em meio à guerra contra os Sentinelas desenvolvidos pelas Indústrias Trask – conflito que já havia escravizado ou dizimado boa parte dos mutantes –, Wolverine, que possui o poder de regeneração, se voluntaria para voltar ao passado e reunir, mais uma vez, Professor X (Charles Xavier) e Magneto (Erik Lensherr). Com seus poderes combinados aos dos demais mutantes ativos na época, seria possível mudar o passado, impedindo que Mística assassinasse Bolivar Trask – o que, por sua vez, impediria a guerra contra os Sentinelas de tomar a proporção que obteve no futuro.

De volta à década de 60, Wolverine consegue convencer Hank McCoy e Professor X sobre sua mensagem do futuro, os alertando de que é necessário impedir que Mística tenha sucesso em matar Bolivar Trask. Wolverine alega que o auxílio de Magneto é imprescindível para a missão, levando um grupo de mutantes para resgatá-lo de sua “prisão plástica” de segurança máxima. Após o resgate, Xavier localiza Mística indo para Washington, capital dos Estados Unidos. A mutante possui o intuito de mais uma vez vingar sua raça, assassinando Bolivar Trask, um de seus maiores algozes. Ela não dá ouvidos às interpelações telepáticas de Xavier ou as feitas por Magneto.

Após chegar em Washington, os mutantes localizam Mística e, por consequência, Bolivar Trask, que estava reunido com o presidente americano na época, Richard Nixon. Magneto resolve se voltar contra Wolverine, McCoy e Xavier, e então tentar operar sozinho; desacreditado na mensagem que Wolverine trouxe do futuro, ele quer para si a oportunidade de assassinar tanto Trask quanto o próprio Nixon, para vingar sua própria prisão e também seus companheiros mutantes perseguidos e mortos pelo governo.

Magneto se dirige até o local de reunião de Trask, Nixon e membros do alto escalão do governo americano, utilizando seu poder para expô-los. Ele também se empenha em controlar equipamentos televisivos para exibir, ao vivo, seu ato em prol dos mutantes.



Figura 38 – Magneto expõe aqueles que considera inimigos e discursa em prol da causa mutante
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Antes que perpetue sua vingança, Magneto é mais uma vez surpreendido por Mística – a mutante havia se disfarçado entre os membros presentes na reunião de Nixon e Trask, com a intenção de assassinar o último. Expondo sua verdadeira forma, Mística fere Magneto e se volta contra Trask com uma arma em punho. Ao perceber sua presença, Xavier, mesmo imobilizado pelo conflito com Magneto, interpela telepaticamente junto à Mística, convencendo-a de não assassinar Trask e das consequências nefastas que esse uso da violência causaria aos mutantes no futuro. Após evitar a morte de Trask e, efetivamente mudar o curso do futuro, Professor X manda Magneto e Mística para longe, para que eles não fossem capturados e escapem da perseguição das autoridades.

Uma vez destrinchadas as histórias e desenvolvimento dos objetos de estudo deste trabalho – MLK, Malcolm X, Professor Xavier e Magneto –, passamos para a elucidação dos conceitos de análise a serem utilizados.

4 OS DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS DA LINGUAGEM

Para analisar os discursos históricos do movimento negro pelos direitos civis e as colocações cinematográficas de personagens fictícios extraídos das histórias em quadrinhos, torna-se necessário voltar-se para o conceito de linguagem. Sendo assim, será abordada a concepção teórica de Mikhail Bakhtin, considerado um “filósofo da linguagem”, cujo trabalho dá origem a conceitos que irão permear este trabalho, tais como o de polifonia, dialogismo, interdiscurso e intertexto, que compreendem o que se passa dentro daquilo que chamamos de texto.

O primeiro passo para compreender Bakhtin é, acima de tudo, se dar conta de que nada está convencionalizado de uma forma fixa, e sim à mercê de oscilações no aspecto cultural e histórico, localizadas dentro do grande campo que abrange as interações humanas. A linguagem é, portanto, tratada como uma espécie de fenômeno sobre o qual nossas interações e existências sociais são pautadas; ela é plural, uma vez que somos seres multilíngues. Bakhtin a define como “não só um sistema abstrato, mas também como uma criação coletiva, parte de um diálogo coletivo entre o ‘eu’ e o outro, entre muitos ‘eus’ e muitos outros”, como colocou o autor Robert Stam (2000):

Cada comunidade linguística aparentemente unificada também se caracteriza pela “heteroglossia”, ou “multilinguagem”, em que as diferentes linguagens de diversas gerações, classes, raças, gêneros e locais competem pela ascendência. Cada língua é a arena onde competem “acentos” sociais diferentemente orientados; cada palavra está sujeita a pronúncias, entonações e alusões conflitantes. Cada língua é um conjunto de linguagens, e cada sujeito falante abre-se para uma multiplicidade de linguagens. Toda comunicação impõe um aprendizado da linguagem do outro, uma espécie de tradução, ou de acordo, com o significado situado nos limites do nosso conjunto pessoal de linguagens o do de outra pessoa. Todos nós somos multilíngues; falamos linguagem infantil com as crianças e a linguagem do amor com os amantes. Assim, a tradução interlinguística tem como contrapartida a “tradução” intralinguística, exigida no diálogo entre pessoas, classes e comunidades diversas. (STAM, 2000)

Outro ponto essencial para a compreensão teórica de Bakhtin é o seu curioso contraste com o linguista Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da linguística moderna. Ele estabeleceu uma diferenciação entre linguagem e língua, admitindo a última como um objeto de estudo do campo da linguística e, primeira, como sendo um objeto bem mais extensivo. Já a compreensão que pauta os estudos de Bakhtin é voltada para como os indivíduos fazem uso da linguagem. Segundo o acadêmico em Letras e História, Luis Filipe Ribeiro (2006), “para [Bakhtin] o único objeto real e material de que dispomos para entender

o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade”. Enquanto Saussure se baseia na definição de que um signo se dá através de um significante e um significado, Bakhtin argumenta que um determinado signo recebe uma nova significação a cada situação que o mesmo for utilizado em uma fala. Os elementos da língua são neutros, imparciais; os da fala enunciada, no entanto, são portadores de emoções e visões de mundo. Eles não possuem significação – eles possuem sentido e, dessa forma, habilitam que os signos que comportam recebam novas significações.

Essas divergências entre os dois teóricos podem ser explicadas lembrando-se de que a língua, quando usada em falas por indivíduos localizados em um determinado tempo e espaço, afeta e é afetada de uma forma mais ampla do que ela se apresenta quando estudada somente na teoria. Quando usamos a língua para nos expressarmos na prática, nós estamos automaticamente a manuseando e, desse jeito, adicionamos, tiramos e transformamos seus significados. Por exemplo: nós, seres humanos, quando aprendemos a falar, não o fazemos depois que aprendemos regras através da leitura de livros de gramática; nós emitimos nossas primeiras palavras nos baseando no que observamos, nos sons emitidos por outros, através das interações sociais que experimentamos desde o início da vida e que passamos a “imitar”, a apropriar as formas de comunicação às quais somos expostos, para, assim, começarmos a usar a linguagem. Bakhtin elucida isto:

A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e que reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam (BAKHTIN, 1997, p. 125)

A existência da língua se baseia, então, na relação entre os locutores (ou enunciadore) – os responsáveis por emitir uma fala, ou seja, um enunciado – e interlocutores (ou receptores) – aqueles que escutam ou leem. Como afirma a autora Samira Chalhub (1998), “diante de qualquer mensagem organizada como um sistema de signos, está o receptor defrontado com a linguagem. A linguagem é um signo em ação”. Os responsáveis por emitir uma fala possuem conhecimentos e concepções que os pautaram e levaram a construir sua colocação. Isto implica que cada fala é estabelecida pelos contextos ideológicos, históricos, sociais e culturais.

A partir disso, pode-se concluir que a linguagem existe mediante um conjunto de diálogos. Quando personagens fictícios como Magneto e Professor Xavier emitem enunciados que retomam as falas dos ativistas Malcolm X e Martin Luther King, por exemplo, estão

retomando o diálogo com os discursos históricos do movimento negro e também com diversas falas que remetem ao contexto histórico e cultural da época.

O termo “fala” também pode receber outras denominações dentro do contexto teórico bakhtiniano: “texto”, “discurso” e “enunciado”, sendo este último mais recorrente nas obras de Bakhtin. Refere-se ao enunciado como algo que é um acontecimento marcante e marcado, que exige por si só uma resposta – mesmo que ela não seja expressada de uma forma visível a quem elaborou o discurso, ou seja, mesmo que não venha em forma de texto ou verbalizada. O enunciado provoca uma reflexão interior em seus receptores, uma vez que estes são afetados por ele. Logo, esta argumentação interna se trata de uma réplica pessoal ao enunciado proferido – réplica esta que, por si só, também é um enunciado, caso quem a produza escolha expressá-la. Os enunciados refletem uns aos outros, referenciam-se uns aos outros, se respondem, se completam, dependem entre si. O diálogo se estabelece entre os enunciados em um jogo de provocação que pode ultrapassar as barreiras sociais e históricas nas quais a primeira fala foi emitida. E através desta interação que a linguagem se manifesta.

[...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 2003)

Bakhtin assume o texto como uma produção cultural que pode ser expressa através de mecanismos textuais, mas jamais desacompanhada de mecanismos sociais. Daí sua associação a termos como o de “enunciado” e “discurso” – por se tratar de um mecanismo social que permite que signos obtenham novas significações. Fora desta relação dialógica, volta-se a tratá-lo somente como “texto”; o linguista brasileiro José Luiz Fiorin (2006) argumenta, por exemplo:

[...] o texto pode ser visto como enunciado, mas pode não o ser, pois, quando o enunciado é considerado fora da relação dialógica, ele só tem realidade como texto. [...] [o texto] é uma realidade imediata, dotada de uma materialidade, que advém do fato de ser um “conjunto de signos”. O enunciado é da ordem do sentido; o texto é do domínio da manifestação. O sentido não pode construir-se senão nas relações dialógicas. (FIORIN, 2006)

O principal alvo de estudos de linguagem de Bakhtin eram os romances. Suas teorias, no entanto, são utilizadas para a análise de campos que vão além da literatura,

abarcando demais elementos verbais e/ou visuais (como discursos orais e películas cinematográficas). Isso se explica quando observamos as criações e manifestações de sentido dos seres humanos que não se limitam somente aos textos literários, e as consideramos dentro de um conceito maior da linguagem, que não escolhe onde se manifesta, o que representa e qual informação é capaz de expressar.

Devido a isto, este trabalho também volta sua atenção para a semiótica, que se constitui como ciência da linguagem que trabalha com signos que não se limitam somente ao verbal, abrindo seu olhar para demais sistemas.

A semiótica, enquanto ciência da linguagem que opera com a articulação dos signos que extrapolam o verbal, opera também com os diversos sistemas de sinais, de linguagem e suas relações. “A semiótica dialogaria com a música, o cinema, a história em quadrinhos, a moda, a arquitetura, a pintura, etc”, argumenta Chalhub (1998).

Outro conceito intrínseco à semiótica é o de ideologia – usado para designar um grupo de pensamentos e ideias. Segundo Bakhtin (1997), as nuances ideológicas correspondem-se aos signos semióticos e “tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (BAKHTIN, 1997), além de afirmar que a língua se trata de uma “realidade material específica da criação ideológica” (BAKHTIN, 1997). A ideologia se associa à linguagem uma vez que a última é utilizada para expressar a primeira. As noções ideológicas são criadas e adquiridas através das relações interindividuais humanas – logo, para que sejam geradas e manifestadas, dependem da atuação de diversos interlocutores. Suas manifestações se fazem através de elementos como os científicos, artísticos, morais, éticos, filosóficos, e assim por diante, o que confere à ideologia novos significados singulares a cada vez que se manifesta através da linguagem, o que confere mais um aspecto da correspondência entre ambas: “o acesso à ideologia se dá por intermédio da língua” (MAIA, 2009). A linguagem é, portanto, inerente ao ser humano, permeando todas as suas atitudes e servindo de instrumento para a construção de seus sentimentos, visões de mundo, pensamentos, emoções – ou seja, de todo aspecto que faz de nós seres capazes de receber e exercer influência.

Com esses tópicos analisados, se explica o foco em Bakhtin, que se consagrou um dos maiores pensadores do século XX e que discorreu abundantemente sobre a linguagem e os diálogos por ela estabelecidos. Neste trabalho, abordo os processos de polifonia, dialogismo, intertextualidade e metalinguagem.

4.1 POLIFONIA

O processo da polifonia caracteriza-se principalmente pela identificação de diversas vozes dentro de um só texto ou enunciado. Isso se dá devido à incorporação de várias colocações e obras que influenciam diretamente na criação de um novo discurso, que “bebe” de fontes já existentes. Como explica o próprio Bakhtin:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (BAKHTIN, 1979 apud ANDRADE, 2007, p. 41)

Seria o caso, por exemplo, do encontro de enunciados presentes nos discursos de Martin Luther King Jr. e Malcolm X dentro das falas dos personagens fictícios Professor Xavier e Magneto.

A base dos estudos de Bakhtin para a verificação da existência da polifonia – ou seja, da constatação de que várias falas podem ocorrer em um mesmo texto – foi o romance. Bakhtin classifica este gênero literário como polifônico, que se contrasta com o termo monológico. Este último faz referência a enunciados que “abafam” diálogos dentro de si, dando a impressão de portar apenas um único discurso. Já classificar um texto como polifônico, que manifesta a polifonia, implica que o mesmo permite que as diversas vozes nele inseridas sejam expostas.

A polifonia deixa ainda mais exposta a característica dialógica da linguagem, constituída por diversas vozes que não se cessam e não pregam para o “vazio”, sempre interagindo entre si, uma vez que influências externas e/ou passadas se fazem presentes em demais discursos.

O escritor russo Fiódor Dostoiévski, autor de romances clássicos como “Crime e Castigo” e considerado o maior romancista do século XX, foi o maior alvo da análise de Bakhtin. Aos olhos deste, a ficção que embala o romance está recheada por falas intrínsecas ao histórico e social, que ao longo das páginas vão se contrastando, batalhando e opinando entre si. São em âmbitos assim que a polifonia se torna evidente – e o autor da obra não se apresenta como um membro passivo neste processo.

Segundo Bakhtin, o autor-criador (que não é por princípio, uma instância narrativa abstrata, ou seja, “o narrador”) é a consciência de uma consciência, uma consciência

que engloba e acaba a consciência do personagem (herói) e do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que seu personagem. [...] Ou seja, o personagem não se define por sua estrutura intrínseca, por suas características autônomas, mas, fundamentalmente, pela relação que o autor-criador mantém com ele. O autor dá ao personagem o que é inacessível ao próprio personagem: sua imagem externa. Fazendo um paralelo com a vida real: o autor é para o personagem o que o outro é para mim; é o ponto de vista do outro que me dá acabamento. (ANDRADE, 2007, p. 41)

Ao construir sua obra e os diálogos dos personagens nela existentes, o autor de um romance polifônico tece suas personalidades, intenções, posicionamentos e comunicações entre eles. Por existir um certo distanciamento entre o autor e sua obra, o real e a ficção, é como se quem escreve o romance conferisse uma certa autonomia aos seus personagens, permitindo que suas características os guiem nos embates dentro das páginas. O próprio autor dialoga com e através do personagem, pois é como se este último fosse uma parte da consciência e imaginação do primeiro.

Nós mesmos, seres humanos inseridos no mundo real, somos como personagens: não nos enxergamos por completo, uma vez que não percebemos nosso exterior sem um olhar essencial: o do outro. É como se aqueles que nos rodeiam e estabelecem relações dialógicas conosco refletissem nosso exterior para nós mesmos, atuando como nossos “autores”: nós nos completamos apenas através do olhar do outro, que testemunha partes de nós que não podemos ver – e nós fazemos o mesmo por ele, nesta relação dialógica infinita. Como afirmou Andrade (2007), “a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. É o outro que nos completa”.

Na polifonia, Bakhtin retoma a concepção de que um determinado momento, localizado em um tempo e espaço específicos e munido de sua conotação cultural, social e histórica, se faz transparecer na fala de pessoas nele localizadas, atuando como uma das várias vozes inseridas no discurso. É provado mais uma vez que, quando se constrói um enunciado, também faz parte dele o contexto em que seu enunciador está inserido.

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço de romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos dos seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens. (BEZERRA, 2005, p. 194-195)

Dentro do conceito da polifonia, os personagens – fictícios ou não – estão em evolução contínua, influenciados pelos contextos em que estão inseridos e pelos enunciados que transpassam os seus. Também inserido dentro da polifonia, outro conceito importante para o entendimento da análise de Bakhtin surge: o dialogismo, que se expressa através das vozes que se complementam dentro do discurso. Ambos, dialogismo e polifonia, se relacionam com as prósperas relações entre os seres, sensações e enunciados humanos, que se conduzem e transparecem através das vozes inseridas dentro da vida cultural, ideológica e social na qual estão inseridos.

4.2 DIALOGISMO

Como vimos anteriormente neste capítulo, Bakhtin defende que a linguagem se cria a partir de outras linguagens, e que elas dialogam entre si. Os enunciadore de um discurso vão elaborando sua fala e a si mesmo na medida em que vão ao encontro a demais enunciadore e interlocutores – sendo assim, o “outro” é necessário para a construção do “eu”. Tendo isso em vista, conclui-se que a própria linguagem é compreendida através de uma lógica dialógica, também levando-se em conta seu diálogo com o âmbito cultural, histórico e social.

O dialogismo opera em um ambiente no qual enunciados interagem entre si; ele é observado quando o enunciadore e interlocutor recebem, assimilam e respondem aos estímulos da linguagem aos quais são expostos.

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal [...] Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe que já são conhecidos, e de alguma forma os leva em conta. [...] Qualquer desempenho verbal inevitavelmente se orienta por outros desempenhos anteriores na mesma esfera, tanto do mesmo autor como de outros autores, originando um diálogo social e funcionando como parte dele. (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 72-73)

Já que a linguagem é, por si só, dialógica, o dialogismo é recorrente nos estudos bakhtinianos. Todos nós e todos os personagens que habitam o campo da linguagem contribuimos para a elaboração constante de elementos intrínsecos à nossa realidade cultural e social, e estes elementos, por sua vez, conferem a significação real aos nossos enunciados, nos auxiliando a emitir nossas falas em contraste e em diálogo com a nossa realidade concreta. Santana (2014) avalia que “a convivência entre as pessoas e a progressão no tempo se aliam

na unicidade consistente de uma multiplicidade paradoxal, a qual se manifesta por meio de variadas linguagens”.

O dialogismo está inserido em qualquer elaboração cultural – sendo ela verbal ou não –, e Bakhtin atesta isso ao escrever que “é só através dos olhos de uma outra cultura que uma cultura estrangeira se revela da maneira mais completa e profunda” (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 78). Quando há este “choque” e, conseqüentemente, este diálogo entre dois enunciados culturais, nenhum dos dois lados sai “perdendo”, já que ambos conservam “sua unidade e sua totalidade aberta, porém [...] se enriquecem mutuamente” (BAKHTIN apud STAM, 2000, p. 78).

Quando emitimos uma fala, também refletimos sobre até que ponto o receptor dela será inteirado da sua significação: analisamos seu conhecimento acerca da situação que vamos abordar e consideramos suas crenças e posicionamentos, por exemplo, tudo isso para construir nosso enunciado de forma que ele crie uma resposta a ele da maneira mais satisfatória possível. Quando nossos receptores “recebem” nossas colocações e as respondem, somos colocados de cara com uma fala que vai de encontro à nossa e que foi construída da mesma maneira pelo outro que a elaborou. No processo do dialogismo, nossos enunciados são confrontados e temos visões de mundo acrescentadas, modificadas, reforçadas, etc. Todo discurso é uma resposta – tanto aos nossos anseios interiores quanto ao discurso anterior sob o qual ele foi produzido – e quem o emite é sempre um contestador.

Ele não é o primeiro falante que interrompeu pela primeira vez o eterno silêncio do universo; ele não apenas pressupõe a existência do sistema da língua que utiliza como conta com a presença de certos enunciados anteriores, seus e alheios, com o quais estabelece todo tipo de relação (se apoia neles para problematizá-los ou simplesmente os supõe conhecidos de seus ouvintes). Todo enunciado é um elo na cadeia, muito complexamente organizada, de outros enunciados. (BAKHTIN, 1979 apud MACHADO, 2005, p. 156-157)

Quando inserido dentro do processo do dialogismo, nós, os enunciadore, estamos no meio de uma interação ativa com os demais; reconhecemos partes de nós no outro e parte do outro dentro de nós; somos todos projeções uns dos outros e dos nossos contextos; somos um só que é múltiplo.

Em Bakhtin, o conceito de dialogismo também abrange o de “interdiscurso”, uma vez que o primeiro só é realizado entre discursos. Em seu texto “Interdiscursividade e intertextualidade”, José Luiz Fiorin (2006) também discorre sobre outros dois aspectos do dialogismo dentro do estudo bakhtiniano: o de que o dialogismo “é o modo de funcionamento

real da linguagem e, portanto, é seu princípio constitutivo” e o de que ele também se constitui como “uma forma particular de composição do discurso”.

A primeira colocação, de que o dialogismo é o real funcionamento da linguagem, é ilustrada pelo fato de que nós não possuímos um acesso puro e concreto à realidade, interagindo com ela semioticamente através da linguagem, do texto. Já que o aspecto real concreto só é nos mostrado semioticamente, nossos discursos não são relacionados diretamente com a realidade, e sim com outros discursos, como já apontamos anteriormente. Fiorin (2006) conclui em seu texto, então, que este relacionamento entre os discursos é o próprio dialogismo; “se não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhe dão sentido, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem”. Segundo o próprio Bakhtin:

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado, sempre, por assim dizer, desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por uma névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros: e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1998 apud FIORIN, 2006, p. 167)

Quando ao fato do dialogismo ser uma forma particular de composição do próprio discurso, Fiorin (2006) alega que isto é constatado quando “as diferentes vozes são incorporadas no interior do discurso. Dizemos que, nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional”. Desta forma, ao mesmo tempo em que ele é a forma como a linguagem funciona através do enunciado, ele também faz parte da constituição do próprio enunciado.

Tendo observado a formas como o diálogo se manifesta através da linguagem, nos resta o questionamento sobre se o fenômeno que o constitui seria da esfera individual ou social. Quando as vozes presentes nos discursos se embatem em relações dialógicas, seriam elas frutos de reflexões pessoais do indivíduo ou do seu contexto social? Bakhtin coloca em cheque as duas possibilidades.

O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias. etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão de mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. (BAKHTIN, 1992 apud FIORIN, 2006, p. 177)

4.3 INTERDISCURSIVIDADE VS. INTERTEXTUALIDADE

O termo “intertextualidade” foi cunhado pela filósofa Julia Kristeva, ao definir que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1969 apud KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008). Ela estabeleceu esse termo a partir do próprio estudo do dialogismo. A intertextualidade abarcaria todo o “universo” regido pelo dialogismo, porém seu foco sairia da teoria literária e iria para a produção de texto em si.

Kristeva (1969) ainda afirma que “a palavra literária não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais”. Atualmente, o conceito de intertextualidade faz referência a textos que, intencionalmente ou não, dialogam entre si. O pressuposto é o mesmo do dialogismo de Bakhtin. Para a autora, a intertextualidade ocorre quando o receptor reconhece fragmentos ou a unidade completa de um texto anterior inseridos dentro de outro texto, estabelecendo uma relação entre os conteúdos – logo, é necessário que exista um intertexto.

A denominação “texto” dentro do universo da intertextualidade possui a mesma definição do “enunciado” de Bakhtin. Após Kristeva (1969), as relações dialógicas passaram a ser compreendidas também como intertextuais. Bakhtin, no entanto, diferencia “texto” e “enunciado”: este último expressa a voz, o posicionamento de um enunciador inserido dentro de uma sociedade, confere um sentido à sua fala; já o primeiro seria apenas a forma materializada do enunciado. Portanto, enquanto os enunciados dialogam entre si e são construídos, acrescentados e desconstruídos por seus interlocutores em um câmbio constante, o texto “é a manifestação do enunciado, é uma realidade dotada de materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos” (FIORIN, 2006).

Feita esta distinção, volta-se o olhar para os tipos de relação dialógicas entre cada conceito. Quando a relação ocorre entre enunciados, é denominada “interdiscursividade”. Dentro dos estudos de Bakhtin, o chamado interdiscurso é sinônimo de dialogismo. “Há, pois, o embate de dois discursos: o do locutor e o do interlocutor, o que significa que o dialogismo se dá sempre entre discursos”, relembra Fiorin (2006, p. 166). O autor Sírio Possenti (2003, p. 253 apud FIORIN, 2006, p. 162) analisa a questão de um âmbito ainda mais amplo: “sob diversos nomes – polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade – cada um implicando algum viés específico, como se sabe, o interdiscurso reina soberano há algum tempo”.

Voltando-se para o dialogismo entre dois textos, nos deparamos com a intertextualidade. “Bakhtin afirma ainda que pode haver relações dialógicas entre textos e dentro de textos”, como afirmou Freitas (2011). “A condição para que ocorra a intertextualidade é que um texto seja independente do outro.”

Se em Bakhtin há uma distinção entre texto e enunciado e este pode ser aproximado ao que se entende por interdiscurso - já que se constitui nas relações dialógicas, enquanto aquele é a manifestação do enunciado -, a realidade imediata dada ao leitor, pode-se fazer uma diferença entre interdiscursividade e intertextualidade. Aquela é qualquer relação dialógica entre enunciados; esta é um tipo particular de interdiscursividade, aquela em que se encontram num texto duas materialidades textuais distintas. Cabe entender que, por materialidade textual, pode-se entender um texto em sentido estrito ou um conjunto de fatos lingüísticos, que configura um estilo, um jargão, uma variante lingüística, etc. O caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com seu outro. (FIORIN, 2006, p. 191)

Colocar o texto literário em pauta era uma das preocupações de Kristeva, responsável por cunhar o termo “intertextualidade”. Segundo sua interpretação, Bakhtin encarava o discurso literário como um “cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras” (KRISTEVA, 1967, p. 439 apud FIORIN, 2006, p. 163). A construção de um texto se dá através de uma espécie de “mosaico” de citações; “todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1967, p. 440 apud FIORIN, 2006, p. 163). A autora alega que a intertextualidade substitui o conceito de intersubjetividade, e aponta os conceitos de texto e discurso: ambos são cruzamentos de demais textos e discursos, possibilitando que seus receptores identifiquem, ao menos, outro texto ou discurso dentro deles.

A noção da intertextualidade, então, é entrelaçada com a do dialogismo, tendo em vista que “o diálogo é a única esfera possível da linguagem” (KRISTEVA, 1967, p. 443 apud FIORIN, 2006, p. 163) e a forma como ela também atua como um “procedimento real de constituição do texto” (FIORIN, 2006, p. 163).

Para que a intertextualidade seja eficientemente aplicada, o texto precisa ser repensado à maneira de Kristeva. O semiólogo Roland Barthes retoma o conceito de texto estabelecido pela filósofa, definindo-o como “uma arma contra o tempo, o envelhecimento, e contra as velhacarias da palavra, que, muito facilmente, volta atrás” (BARTHES, 1994 apud FIORIN, 2006, p. 163).

O texto é uma produtividade, porque é o teatro do trabalho com a língua, que ele desconstrói e reconstrói. [...] É significância, porque é um espaço polissêmico, onde

se entrecruzam vários sentidos possíveis. A significância é um processo, em que o sujeito se debate com o sentido e se desconstrói. [...] “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. [...] A intertextualidade é a maneira real de construção do texto. (BARTHES, 1994 apud FIORIN, 2006, p. 164)

Então, após definir o texto como uma manifestação do enunciado e definir as diferenças entre as relações dialógicas entre enunciados e as relações dialógicas entre textos, tomo o termo “dialogismo” como sinônimo de “interdiscursividade”, tendo em vista que são definidos por relações dialógicas constituídas de sentido. O termo “intertextualidade”, por sua vez, será direcionado para o fenômeno do encontro de relações discursivas em textos. Dessa forma, toda intertextualidade é um dialogismo, mesmo que o contrário não seja verdadeiro, como aponta Fiorin (2006, p. 181): “Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. No entanto, é preciso verificar que nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intertextuais”.

Podemos, por fim, constituir com clareza e propriedade a análise de trabalho após apontados e esclarecidos tanto os objetos de estudo, quanto os conceitos teóricos.

5 ANÁLISE

Neste capítulo de análise, chega o momento de colocar em prática a teoria do dialogismo e, por fim, explorar os enunciados que dialogam entre duas figuras histórias e dois super-heróis. É importante ter em mente que o objetivo não é afirmar que Professor Xavier e Magneto são como “encarnações” fictícias de Martin Luther King Jr. e Malcolm X, respectivamente, uma vez que conhecemos os pontos de diferenciação entre suas histórias e diferenciamos o real do fictício. É necessário, portanto, abrir os olhos para a compreensão de intertextos entre o passado e atualidade; intertextos que remetem a certos momentos que já aconteceram em um determinado tempo e espaço; intertextos que permitem o diálogo entre discursos históricos e falas heroicas, registrando como enunciados, de fato, completam uns aos outros ao longo do tempo. O intuito desta análise é, além de comprovar as palavras de Bakhtin (1979) de que “não existem palavras sem voz, palavras de ninguém”, sendo nossos sentidos completados pelo olhar do outro, como também comprovar a maneira como grandes ensinamentos do nosso passado, devido à sua magnitude, ainda reverberam e ecoam em produções culturais posteriores.

5.1 PRIMÓRDIOS DOS X-MEN E SEUS INTERTEXTOS COM A HISTÓRIA

A primeira edição das histórias em quadrinhos (HQs) de X-Men foi publicada em setembro de 1963¹⁴. Seus criadores Jack Kirby e Stan Lee fazem parte da editora de quadrinhos Marvel, localizada nos EUA, e estavam vivendo a chamada Era de Prata das HQs (The Silver Age of Comic Books), que durou de meados dos anos 50 até os 70 e se caracterizou por popularizar o gênero de super-heróis nos quadrinhos. Este período precedeu a Era de Ouro das HQs, durante a qual as histórias eram centradas em temas como guerra e terror. Após reclamações por parte de setores da população que insistiam em relacionar o conteúdo das HQs ao aumento da delinquência juvenil, o Código de Censura das HQs (Comics Code Authority) foi estabelecido no ano de 1954. A partir deste momento, o gênero de super-heróis passou a ser adotado majoritariamente nos quadrinhos, como um escape da censura e alternativa de enredos para as histórias. Sendo assim, os X-Men foram criados neste âmbito de ascensão das figuras de super-heróis – ou seja, de seres com poderes ou habilidades

¹⁴ MARVEL. *Uncanny X-Men (1963) #1*. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/12413/uncanny_x-men_1963_1>. Acesso em: 5 out. 2014.

fantásticas que se encarregavam de zelar pelos seres humanos. Ainda assim, o grupo que viria a ser um dos carros-chefes da Marvel já apresentava suas peculiaridades.

Outra influência das HQs dos X-Men foi a ciência. Os anos 60 fizeram parte da Corrida Espacial, uma das grandes marcas da Guerra Fria – o conflito que era regido pela política de “sem ataques” entre as nações envolvidas, no caso os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS ou apenas União Soviética), ambas vencedoras da Segunda Guerra Mundial. Detentores das maiores e mais avançadas tecnologias da época, os dois governos disputavam a soberania um sob o outro através de conflitos que não envolvesse o combate direto. A Corrida Espacial foi um desses escapes; voltando suas propagandas para exaltar as conquistas e evoluções conquistadas por cada nação, era imprescindível que tanto os EUA quanto a URSS alcançassem feitos impressionantes. E que melhor feito do que levar o homem ao espaço? A URSS lançou o primeiro satélite para a órbita terrestre em 1957, e em 1961 conseguiu mandar o primeiro homem para viajar no espaço. Os EUA fizeram o mesmo logo após e, em 1968, conseguiu levar o homem à Lua¹⁵. Portanto, a época em que os X-Men ganharam “vida” nas HQs foi também palco de grandes inovações e conquistas científicas. O fascínio pela ciência se espalhava pelo mundo, e acabou reverberando no enredo da HQ através do Gene X.

As influências, é claro, não param por aí. Como visto anteriormente, toda produção é passível de conter o processo do dialogismo embutida dentro de seu próprio processo de criação. Além de apresentar intertextos com o gênero dos super-heróis e a Corrida Espacial, a história dos X-Men não poderia deixar de dialogar com o próprio contexto histórico e social em que estava inserido. E este contexto, pelo menos no cenário norte-americano, era marcado, principalmente, pelo Movimento dos Direitos Civis.

O ano de lançamento da primeira HQ de X-Men, 1963, também foi o ano em que ocorreu a Marcha sobre Washington, um dos momentos mais marcantes pela luta pelos direitos civis igualitários e que foi palco para o mais famoso discurso de Martin Luther King Jr. (MLK), o “Eu tenho um sonho”, que é um dos objetos de estudo deste trabalho. Os autores de X-Men jamais citaram diretamente Malcolm X e MLK como influências diretas para os personagens Magneto e Professor Xavier, respectivamente. A declaração que mais se aproximou disso foi a de Stan Lee, um dos criadores, para o jornal *The Guardian*¹⁶:

¹⁵ GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Corrida Espacial**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/corrida-espacial/>>. Acesso em: 5 out. 2014.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.theguardian.com/film/2000/aug/12/features>>. Acesso em: 5 out. 2014.

Eu não poderia fazer com que todos fossem picados por uma aranha radioativa ou eletrocutados por raios gama, e me ocorreu que, se eu apenas dissesse que eles eram mutantes, isso deixaria mais fácil. E então me ocorreu que, ao invés deles serem apenas heróis admirados por todos, e se eu os fizesse as outras pessoas temê-los, suspeitar deles e de fato odiá-los porque eles são diferentes? Eu amei essa ideia; ela não apenas os tornava diferentes, como também era uma ótima metáfora para o que estava acontecendo com o movimento dos direitos civis dentro do país naquele momento. (LEE, 2000)

Dessa forma, admitiu-se que uma das inspirações – ou seja, parte dos enunciados que realizam intertextos com os X-Men – para as HQs sobre mutantes criadas em 1963 foi, de fato, o movimento dos direitos civis que, por sua vez, dialogava com a luta pela igualdade racial. Dois dos ícones desta época, como vimos, são MLK e Malcolm X.

Outra semelhança com o movimento dos direitos civis é o fato de, nos quadrinhos, os mutantes também estenderem sua luta por igualdade para o campo legislativo; foi um processo semelhante ao que ocorreu na realidade, como a influência do próprio MLK na aprovação da Lei dos Direitos Civis, aprovada em 1964.

As HQs – não somente as pertencentes à Marvel – são, de fato, conhecidas por serem artefatos que “refletem” os conflitos de sua época; são, por si só, instrumentos dialógicos que transportam leitores para momentos da nossa história e ajudam a transmitir para as gerações o contexto de uma determinada época.

Uma das grandes discussões do meio artístico é a definição das HQs como uma forma de literatura, dada sua importância histórica e a sua capacidade de “transportar” seus leitores através do tempo, inserindo-os em universos imaginários que dialogam com a realidade e se tornam tão grandes quanto a imaginação permite. Mais do que uma forma de escapismo, os quadrinhos ecoam os aspectos da condição humana e sua história, principalmente através de metáforas e alegorias. Um outro exemplo é o enredo sobre Vírus Legado, que surgiu na história dos X-Men no ano de 1993. O Vírus afetava os portadores do Gene X (ou seja, os mutantes), atacando suas células saudáveis, fazendo o indivíduo infectado perder o controle de seus poderes e ir se enfraquecendo aos poucos, até se tornar vulnerável o suficiente para chegar ao óbito. O roteirista de X-Men responsável pelo Vírus Legado, Scott Lobdell, não o criou à toa – seu surgimento foi durante uma época de histeria em relação ao vírus HIV, que transmitia a AIDS e realizava um processo semelhante ao descrito pelo Vírus Legado nos organismos das pessoas infectadas. Mais uma vez, X-Men dialogou com a ideia

do preconceito na nossa sociedade, que julgava que apenas uma parcela dela era suscetível ao vírus HIV: no caso, os homossexuais.¹⁷

5.2 INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ATUAÇÃO PARA O CINEMA

Saindo do âmbito das HQs e voltando a atenção para os filmes sobre X-Men, focamos novamente nas duas produções cinematográficas escolhidas para serem objetos de estudo deste trabalho: “X-Men: Primeira Classe” (2011) e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” (2014).

Durante entrevistas feitas durante a época de divulgação dos filmes acima citados, os atores responsáveis por interpretarem os papéis dos personagens Magneto e Professor Xavier expressaram suas opiniões acerca da influência que as figuras históricas de Malcolm X e Martin Luther King Jr. (MLK) poderiam exercer sobre suas atuações.

Os dois atores que interpretaram Magneto, Michael Fassbender (ator de 37 anos, atua como o Magneto das décadas de 60 e 70) e Ian McKellen (ator de 75 anos, atua como o Magneto dos anos 2000) se mostraram mais abertos ao paralelo Magneto e Malcolm X, chegando a citar o último em duas entrevistas.

Em uma entrevista veiculada em 2011, durante a divulgação de “X-Men: Primeira Classe”¹⁸, Fassbender declara o seguinte a respeito dos paralelos dos personagens fictícios com os ícones do movimento negro:

Isso surgiu cedo no período dos ensaios e foi o caminho que nós tomamos. Essas duas mentes brilhantes se unem, e suas visões não são tão diferentes em alguns conceitos-chave. Quando você os assiste, você entende que se suas compreensões, habilidades e inteligências pudessem de alguma forma se unir, seria muito especial. Mas a separação é o que os torna ainda mais interessantes e trágicos. (FASSBENDER, 2011)

Já durante a divulgação de “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, foi a vez de Ian McKellen expressar sua opinião sobre a influência que Malcolm X exerceria sobre a forma que Magneto era interpretado no cinema. Em uma entrevista conjunta com Fassbender,

¹⁷ MARVEL DATABASE. **Legacy Virus**. Disponível em: <http://marvel.wikia.com/Legacy_Virus>. Acesso em: 5 out. 2014.

¹⁸ Disponível em: <<http://herocomplex.latimes.com/movies/x-men-first-class-star-the-history-of-mlk-and-malcolm-x-influenced-our-story/>>. Acesso em: 5 out. 2014.

McKellen, que se assumiu como homossexual na década de 70 e foi um dos primeiros atores a lutar contra o preconceito gay dentro do meio artístico, declara o seguinte¹⁹:

Em toda a história do movimento dos direitos civis, e eu estive envolvido no movimento dos direitos civis dos gays, sempre há uma divisão, sempre há uma argumentação sobre como podemos tornar nossas vidas melhores. Você faz do jeito do Professor Xavier, o qual eu aprovo: defender a si mesmo, mas se explicando, tentando fazer parte da sociedade. Ou você prefere se retirar e se tornar um tanto violento como, por exemplo, uma figura inspirada em Malcolm X seria. (MCKELLEN, 2014)

Também durante a promoção de “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, o ator Patrick Stewart (74 anos, atua como Professor Xavier dos anos 2000) concedeu uma entrevista a um veículo brasileiro cujo apresentador trouxe à tona a comparação entre MLK e Professor Xavier e Malcolm X e Magneto²⁰. A resposta de Stewart, que estava ao lado de James McAvoy (ator de 35 anos, atua como Professor Xavier na década de 60 e 70), foi a seguinte:

É um paralelo provocativo, este do Malcolm X e do Martin Luther King. Mas eu nunca estive ciente que isso foi trazido à tona... Quando estávamos filmando os filmes, eu não me recordo de pessoas falando sobre isso. De acordo com o posicionamento deles a respeito da questão dos direitos civis nos Estados Unidos, é um paralelo muito localizado. (STEWART, 2014)

Tendo conhecimento dos posicionamentos dos atores nestas entrevistas acima citadas, é seguro dizer que a inspiração nos ícones negros do movimento dos direitos civis é uma escolha pessoal artística de cada intérprete. Os responsáveis pelo personagem Magneto, Fassbender e McKellen, apontam semelhanças entre seus papéis e as colocações de Malcolm X, sendo que o primeiro assume uma atuação baseada no confronto de ideias entre Malcolm e Martin Luther King.

O diretor de cinema Bryan Singer (responsável pela direção de dois filmes da primeira trilogia cinematográfica de X-Men, que não é foco deste trabalho, e pela direção do filme “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”) foi apontado como alguém que “abraça esta abordagem do Martin Luther King e Malcolm X aos valores que são apresentados [no

¹⁹ Disponível em: <<https://uk.movies.yahoo.com/video/michael-fassbender-ian-mckellen-interview-175420801.html>>. Acesso em 5 out. 2014.

²⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HEFF22jvGMI>>. Acesso em 5 out. 2014.

filme]”²¹ pelo produtor Ralph Winter, que trabalhou junto a Singer no ano de 2000, durante no primeiro filme da primeira trilogia de X-Men. Porém, nota-se que esta também foi uma abordagem pessoal do próprio diretor, que não se posicionou a respeito da questão durante a produção de “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”. Isso também se comprova pela resposta de Patrick Stewart, que estava presente na primeira trilogia de filmes X-Men e prefere não se aprofundar na comparação, resguardando as figuras reais e fictícias às suas devidas proporções e informando que não houve uma direção por parte dos produtores do filme para os atores se inspirarem em Martin Luther King Jr. ou Malcolm X.

5.3 APROPRIAÇÃO CULTURAL E RACISMO

O fato do Universo de X-Men apresentar personagens de diversos países e com mutações e habilidades distintas um do outro advogou em prol da história, classificando-a como um ambiente prolífero para várias culturas e etnias. Essa questão, no entanto, pode se tornar problemática, especialmente quando colocamos em pauta a influência das figuras de Martin Luther King Jr. e Malcolm X, devido às questões como a apropriação cultural e até mesmo o racismo.

A apropriação cultural acontece quando membros de uma cultura dominante se apoderam de aspectos culturais da cultura de uma minoria. Desde que se começou a especular sobre a possível influência de MLK e Malcolm X sobre os personagens fictícios de X-Men, diversas pessoas – incluindo fãs do Universo Marvel – apontam características problemáticas deste paralelo, como é o caso do autor paquistanês Mast Qalander (2014):

Professor Xavier e Magneto são ambos brancos, não negros. Mesmo se as filosofias de MLK e Malcolm X se alinharem de forma acurada com as de Professor Xavier e Magneto, ainda assim é apropriação racial. De fato, esse é um dos maiores problemas com X-Men: a influência do movimento dos direitos civis dos anos 60 é extraída, mas substitui pessoas de cor por, em sua maioria, pessoas brancas. Em outras palavras, as experiências de pessoas de cor e suas lutas contra a opressão racista são apropriadas por mutantes em sua maioria homens e brancos. (QALANDER, 2014)

Comparar todo o espectro da personalidade e modo de agir de Magneto com os de Malcolm X pode levar o leitor a presumir coisas que não são verdade – Magneto, por exemplo, não hesita em cometer assassinatos e subjugar até mesmo mutantes dentro das HQs

²¹ DAROWSKI, Joseph J. **X-Men and the Mutant Metaphor: Race and Gender in the Comic Books**. Disponível em: <<http://bit.ly/1uN1IAo>>. Acesso em: 5 out. 2014.

e nos filmes. Já Malcolm X, embora defendesse uma visão mais radical para derrubar a opressão racial, jamais assassinou ninguém. Logo, “diminuir” os ensinamentos de Malcolm e classificá-lo somente como “violento”, além de dizer que Magneto “é” Malcolm de forma categórica, é ser injusto e reticente com o legado extenso e diversificado em pontos de vistas elaborado por Malcolm X. Contrastá-lo com o Professor Xavier e induzir o pensamento de que o que Magneto representa é o lado “mau” também seria outra forma de vilanizar Malcolm X. A comparação entre Professor Xavier e Martin Luther King Jr. também é, por vezes, considerada exacerbada – ambos, obviamente, apresentam diferenciações em suas histórias e contextos. Como define o autor Aldo Regalado:

É sempre preeminente a vontade de afirmar a humanidade de indivíduos e grupos que enfrentam realidades restritivas e, por vezes, violentas. Historicamente, no entanto, esse processo de afirmação individual ou grupal implicou várias vezes em uma objetificação ou vilanização de outros que são etnicamente ou racialmente definidos. (REGALADO, 2005)

É preciso notar, no entanto, que a comparação direta entre Malcolm X e Magneto e MLK e Professor Xavier não foi expressa diretamente pelos criadores originais da série em 1963, Jack Kirby e Stan Lee – Lee apenas chegou a dizer, como mostrado anteriormente, que o movimento dos direitos civis foi uma das fontes de inspiração.

A comparação entre os personagens e as figuras histórias se tornou mais comum após a participação do roteirista Chris Claremont na série de HQs X-Men, já declarou declarou²² que:

Os X-Men são odiados, temidos e desprezados coletivamente pela humanidade por nenhuma outra razão a não ser que eles são mutantes. Então, o que temos aqui, intencional ou não, é uma HQ que é sobre o racismo, a intolerância, o preconceito. (CLAREMONT)

Claremont foi um dos roteiristas da HQ “Dias de um Futuro Esquecido”, publicada em 1981 e que serviu de base para um dos filmes que é objeto de estudo deste trabalho, o “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, de 2014. Claremont demonstrou nas HQs o preconceito sofrido pelos mutantes diversas vezes, como através da Lei do Registro Mutante (Mutant Registration Act), que tornaria obrigatório o cadastro público dos seres mutantes. Com esse mecanismo, o governo norte-americano seria capaz de registrar o número de

²² Disponível em: <<http://judao.com.br/o-preconceito-martin-luther-king-malcolm-x-e-os-x-men/>>. Acesso em: 5 out. 2014.

mutantes, possibilitando um controle dessa parcela da população no futuro e acesso a seus dados, como nomes e locais de moradias. Dentro dos quadrinhos, a forma como as propagandas da Lei foram disseminadas também evidenciava seu tom preconceituoso e alarmista – como demonstrado na imagem abaixo, que lê em inglês: “É 1987. Você sabe o que as suas crianças são?”. Sobre a imagem de uma das crianças, está a palavra “mutie”, uma abreviação pejorativa do nome “mutant” (mutante).



Figura 39 – Cartaz de propaganda fictício para a Lei do Registro Mutante X-MEN #181. Estados Unidos: Marvel Comics, maio 1984.

Guardadas as comparações entre Malcolm X e Magneto e MLK e Professor Xavier às suas devidas proporções, é inegável a constatação de um intertexto que ligue a história dos X-Men ao movimento dos direitos civis e às ideias de racismo. Ressalto mais uma vez que objetivo desta análise não é afirmar dogmaticamente que Magneto “é” Malcolm X e Professor Xavier “é” Martin Luther King – mas sim constatar que dois filmes da franquia X-Men carregam dentro de si intertextos que dialogam com os enunciados apresentados pelos dois ícones do movimento negro, referenciando e trazendo mais uma vez à tona a problemática do preconceito, além de expor as nuances e maneiras como essas informações podem ser transmitidas ao público.

5.4 INTERTEXTOS ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

As histórias que envolvem a realidade do movimento negro dos direitos civis e o universo fictício de X-Men, quando contrastadas e guardadas às suas devidas proporções, já

evidenciam o dialogismo que ocorre entre elas. Como já demonstrado anteriormente, um dos criadores de X-Men, Stan Lee, admitiu que se inspirou parcialmente no movimento civil da década de 60 – mas nenhum paralelo foi feito explicitamente pelos criadores entre Malcolm X e Magneto, e MLK e Charles Xavier.

Porém, ao contrapor as histórias dos dois líderes do movimento negro e dos dois líderes do movimento mutante contada pelos filmes “X-Men: Primeira Classe” e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, percebemos paralelos comuns entre elas.

O primeiro diálogo entre as duas realidades pode ser traçado entre como o racismo estrutural afetava os negros na sociedade americana e como o racismo fictício aos mutantes os afetava na realidade distópica de “Dias de um Futuro Esquecido”. Nesta última, os mutantes são perseguidos sistematicamente e terminam presos, escravizados, usados como cobaias ou mortos. Excluídos do convívio social com o restante dos seres humanos, eles vivem à margem da sociedade. Estas situações remetem ao que os negros passavam no século passado e que, infelizmente, reverbera até os dias atuais. As proporções, é claro, são diferentes – ao mesmo tempo em que X-Men concebe um cenário apocalíptico, alguns dos aspectos da opressão operada sistematicamente contra os mutantes são um pálido reflexo do que, de fato, aconteceu com os negros. Estes, por exemplo, foram escravizados durante mais de 200 anos dentro do solo norte-americano; isto sem contar a escravidão negra em demais pontos do mundo.

No seu discurso “Eu tenho um sonho”, MLK usa duas expressões que traduzem a situação do negro norte-americano e que também se aplicam ao momento apocalíptico vivenciado pelos mutantes em “Dias de um Futuro Esquecido”; ele afirma que o negro “definha a margem à margem da sociedade americana”, está em estado de “exílio em sua própria pátria” e tem sua vida regida “pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação”. Mais uma vez, retomamos a colocação de um dos criadores “Dias de um Futuro Esquecido”, Chris Claremont, que afirma que os mutantes são “desprezados coletivamente pela humanidade por nenhuma outra razão a não ser que eles são mutantes”. Esta fala também relaciona-se com o sentimento de racismo que dominou vários países, entre eles os EUA, e que existe até hoje – negros carregam o estigma que lhes é lançado devido à cor da sua pele, ou seja, sofrem preconceito única e exclusivamente por serem negros.

Indo além das semelhanças entre as trajetórias negras e mutantes e as narrativas histórias entre as figuras reais e fictícias, adentramos o espectro de diálogos que se estabelecem entre os dois filmes já especificados de X-Men e os discursos históricos de MLK e Malcolm X.

As similaridades entre MLK e Professor Xavier e Malcolm X e Magneto chegam a sair do campo da fala e transcender no campo visual. Podemos tirar exemplos disso do figurino dos personagens Charles Xavier (Professor Xavier) e Erik Lensherr (Magneto) no filme “X-Men: Primeira Classe” (2001).

Primeiro, traçaremos um paralelo entre as vestimentas utilizadas por Xavier no filme e o tipo de roupa preferido e majoritariamente usado por MLK. Antes, é preciso recordar uma fala de James McAvoy (que atuou como Xavier em “X-Men: Primeira Classe”) durante uma entrevista²³, na época de divulgação do filme:

O desafio para mim – e para Michael [Fassbender, o Magneto de “Primeira Classe”] é mostrar a mesma pessoa em um momento diferente de sua vida; mostrar alguém antes [...] de ser esse santo. Charles [Xavier] não foi sempre um monge, esse monge altruísta. (MCAVOY, 2011)

Em uma resenha sobre o “X-Men: Primeira Classe”²⁴, o escritor Matt Goldberg afirma:

Charles é imprudente e arrogante de um jeito perturbador. É um pouco surpreendente o fato de que ele não decide controlar a mente de todos, e eu gosto que “Primeira Classe” não se intimida em mostrar como ele nunca foi sempre um santo. (GOLDBERG, 2014)

O Xavier representado durante a maior parte de “Primeira Classe” é, então, o “primórdio” do que viria a ser o Professor Xavier, personagem que reflete mais as convicções de MLK. No final do filme, há uma transição entre o jovem e “imprudente e arrogante” Xavier para o que viríamos a conhecer como Professor Xavier. Porém, antes de chegar a este ponto, é importante ilustrar o figurino que Xavier sustenta durante sua primeira fase do filme:

²³ Disponível em: <<http://www.firstshowing.net/2011/new-photos-poster-interviews-more-from-x-men-first-class/>>. Acesso em: 5 out. 2014.

²⁴ GOLDBERG, Matt. **A Very Groovy Mutation**: Matt Revisits X-MEN: FIRST CLASS. Disponível em: <<http://collider.com/x-men-first-class-movie-review/#Rvw4lmlWoRq2gxxM.99>>. Acesso em: 5 out. 2014.



Figura 40 – Alguns dos figurinos de Xavier durante sua primeira fase no filme “Primeira Classe”
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Enquanto Xavier ainda é visto como um personagem jovial e “desajuizado” – em contraste ao que se tornaria posteriormente, conhecido por sua serenidade –, suas roupas são casuais e, mesmo bem arrumadas, também demonstram sua personalidade amena, jovem, convidativa.

Há, no entanto, uma peça de roupa que se repete algumas vezes no vestuário de Xavier, durante diferentes ocasiões da sua primeira fase como personagem em “Primeira Classe”. Se trata de um paletó cinza de lã, mostrado a seguir:



Figura 41 – Visão aproximada do paletó de lã cinza usado por Xavier
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Ao longo do filme, o paletó se repete, inclusive em uma longa passagem ao lado de Erik Lensherr (Magneto), em que ambos saem à procura de mutantes, visando recrutá-los para trabalharem lado a lado na Divisão X.



Figura 42 – O paletó de lã cinza aparece em diversas outras cenas
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

No entanto, a principal cena em que Xavier aparece vestindo mais uma vez o paletó de lã cinza é a protagonizada por ele e Magneto, nas escadas do Lincoln Memorial, em Washington. Voltaremos a abordar esta parte em breve durante esta análise.



Figura 43 – Xavier e Lensherr “aos pés” do Lincoln Memorial
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

O interessante a respeito do paletó de lã cinza ser tão recorrente no vestuário do fase jovem e “imprudente” de Xavier se torna evidente quando vemos uma das fotos mais famosas de MLK: a sua fotografia de fichamento policial.

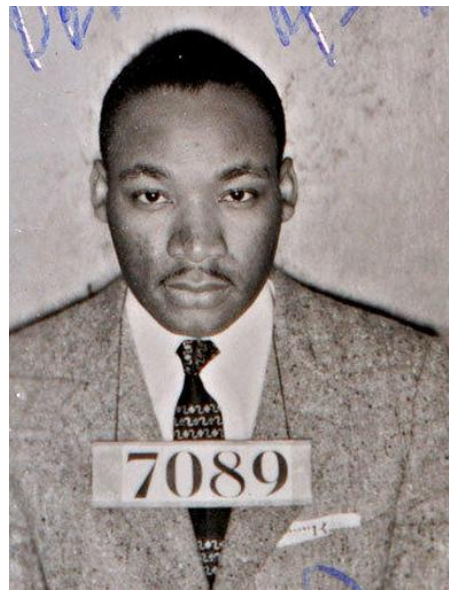


Figura 44 – O mugshot de MLK; foto foi tirada quando o ativista foi preso
 Fonte: AP Photo

Em outra ocasião, quando foi preso por participar do histórico Montgomery Bus Boycott, em 1956 – quando MLK estava entrando em evidência no âmbito do ativismo –, a fotografia que registrou o momento em que MLK era fichado pela polícia também nos mostra o ativista vestindo um paletó de lã cinza.



Figura 45 – Martin Luther King sendo preso e fichado pela polícia de Montgomery
Fonte: AP Photo, Gene Herrick

A questão é que MLK era conhecido por seu apreço por ternos; era extremamente comum, mesmo durante manifestações e caminhadas em protestos, testemunhar MLK vestido formalmente. Os ternos se tornaram uma marca registrada do ativista. Portanto, é interessante observar que em duas fotos do início da luta de MLK no movimento dos direitos civis – a mesma forma que, em “Primeira Classe”, era o início do personagem que viríamos a conhecer como Professor Xavier – ele aparece vestindo a peça de roupa que é mais frequentemente usada por Xavier em “Primeira Classe”. Também é notável que, em ambas as fotos, MLK foi registrado em uma situação que podemos considerar incauta: a de ser preso. Observamos, assim, uma relação entre estas imagens “imprudentes”, tanto de MLK quanto de Xavier.



Figura 46 – Diversos momentos e ocasiões presenciadas por MLK; usar terno era um costume marcante do ativista

Fonte: AP Photo, Gene Herrick, Henry Griffin, Henry Burroughs

Uma vez notado que o uso de terno era uma das “marcas registradas” de MLK, voltamos nossos olhos para “Primeira Classe”. Como dito anteriormente, o Xavier que vemos durante a maior parte do filme é o “jovem” Xavier, com uma personalidade mais audaciosa e “imprudente”, como nas palavras do já citado escritor Matt Goldberg. Somente no final do filme testemunhamos sua “transformação”: após ficar paraplégico e voltar para a mansão de sua família, Xavier toma a decisão de transformar o local na Escola Xavier para Jovens

Superdotados. E ainda: nesta cena, é a primeira vez – tanto no filme quanto na vida cinematográfica do personagem – que ele é chamado de “Professor X”. Portanto, em sua última aparição em “Primeira Classe”, não estamos mais olhando para o jovem Xavier, e sim para o Professor Xavier – sua versão “amadurecida” que mais se assemelha à de MLK. E é logo nesta cena, a que marca fortemente a transição do personagem, que Xavier aparece, pela única vez no filme, vestindo um terno.



Figura 47 – O momento em que Xavier veste um terno pela primeira vez é o mesmo que marca sua transição para Professor Xavier

Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

As referências visuais não se restringem ao personagem de Xavier; Magneto também apresenta uma semelhança visual com Malcolm X ao longo do “Primeira Classe”.

Diferente de Xavier, Erik Lensherr (Magneto) passa a maior parte do filme já com sua personalidade “madura”, cujos pontos de vista remetem, em parte, aos de Malcolm X. O único momento que o vemos fora deste aspecto é no início de “Primeira Classe”, quando assistimos um Magneto ainda criança ser capturado e torturado em um campo de concentração nazista.

A primeira cena em que Magneto aparece em ação – ou seja, executando seu plano para encontrar seu carrasco e conseguir sua vingança –, que também é uma das primeiras do filme, o personagem está trajando a seguinte roupa:



Figura 48 – Primeira aparição de Magneto (Erik Lensherr) em ação
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Este vestuário se assemelha bastante com o de Malcolm X que, em diversas ocasiões, foi fotografado desta forma:



Figura 49 – Malcolm X fotografado em momentos diferentes, utilizando o mesmo tipo de roupa
 Fonte: AP Photo, G. Marshall Wilson, EBONY Collection, Jack Thornell

É possível então constatar a semelhança entre a forma de se vestir apresentada por Magneto na sua primeira cena em que é ativo no filme com a de Malcolm X.

A última comparação visual a respeito de “Primeira Classe” envolve um dos episódios mais marcantes da história do século XX e do movimento dos direitos civis: a Marcha sobre Washington. Nesta cena, também podemos notar semelhanças intertextuais entre os personagens, o que nos faz passar para a próxima parte desta análise.

Como visto anteriormente, em um das cenas do filme, ambos os personagens Xavier e Magneto são vistos sentados sobre as escadas do Lincoln Memorial – mesmas escadas em que Martin Luther King Jr. realizou seu discurso mais famoso, o “Eu tenho um sonho”, durante a Marcha sobre Washington, em 1964. Observamos:

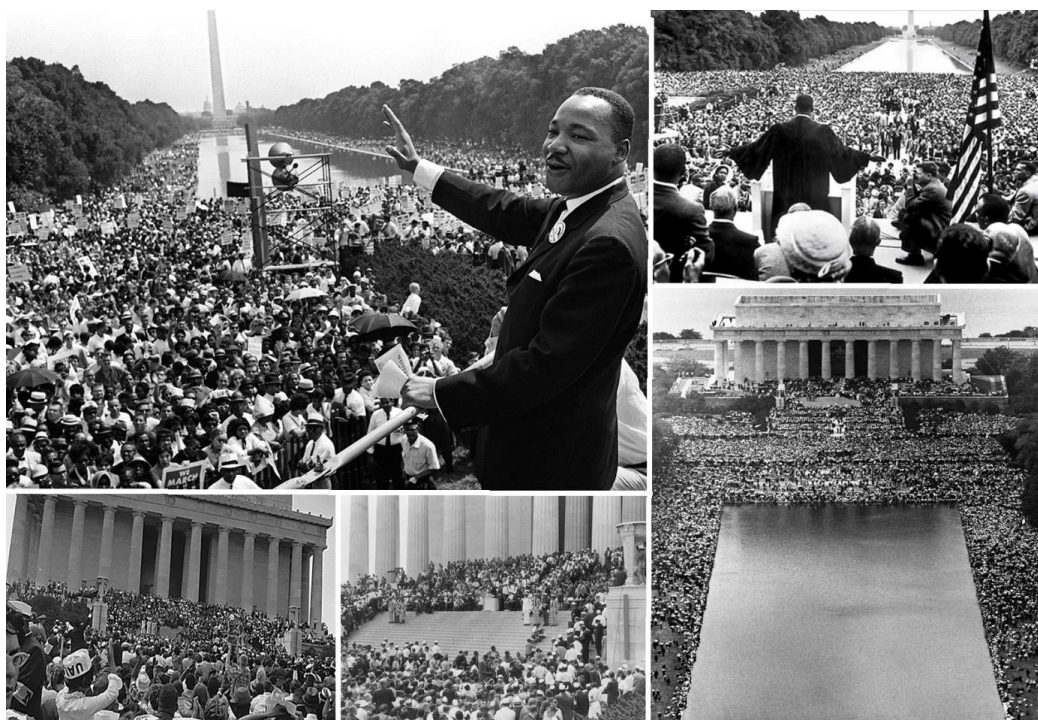
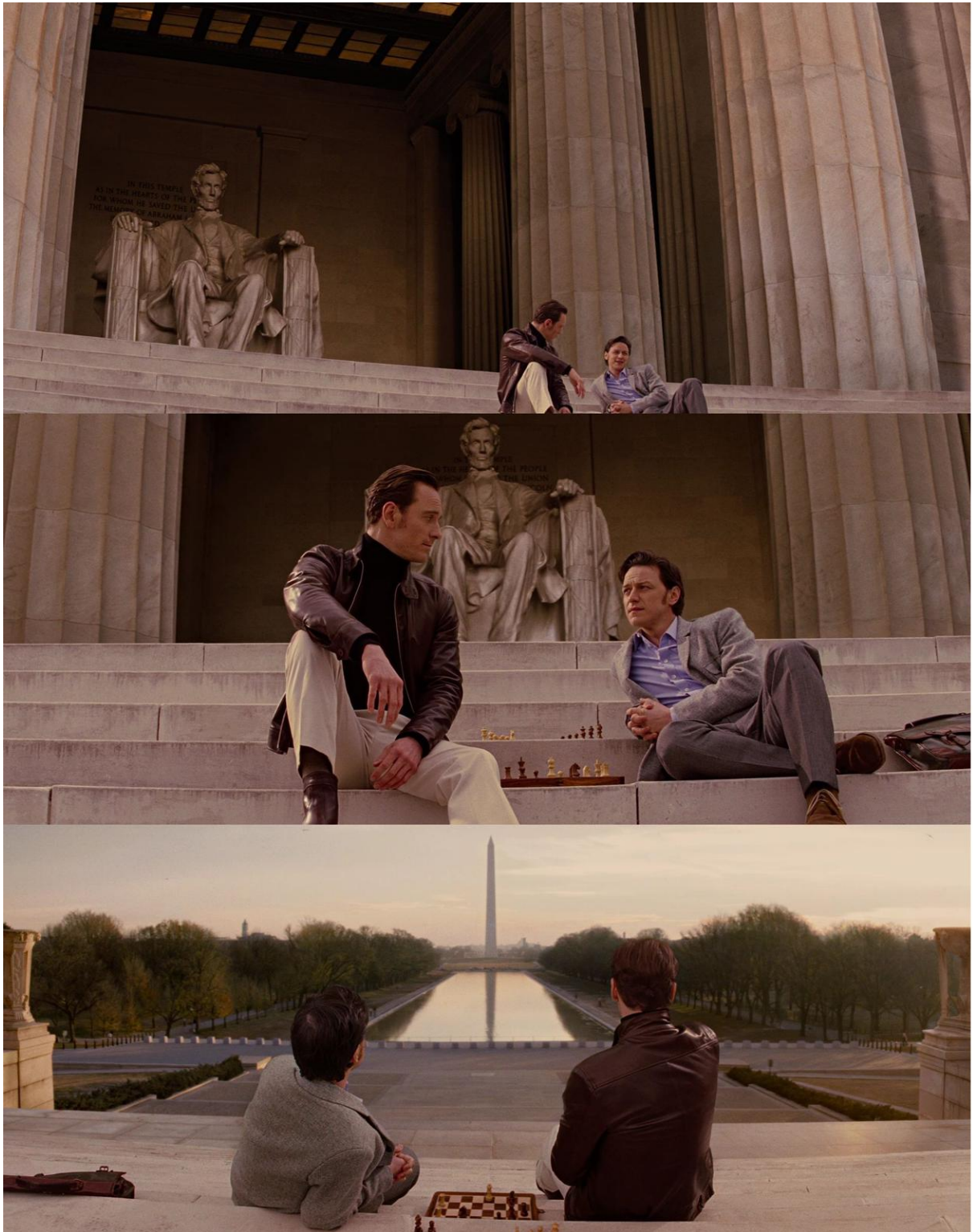


Figura 50 – Marcha sobre Washington e registros de MLK discursando “Eu tenho um sonho” nos degraus da escada do Lincoln Memorial

Fonte: AP Photo

Nesta mesma escada do próprio Lincoln Memorial em Washington, acompanhamos uma rápida, porém significativa, cena entre Xavier e Magneto.



51 – Cena de “Primeira Classe” protagonizada por Xavier e Magneto nos degraus do Lincoln Memorial
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Encerrando a análise visual sobre o filme “Primeira Classe”, passamos a observar um intertexto presente em pôsteres de divulgação do filme “Dias de um Futuro Esquecido”.



52 – Pôsteres de “Dias de um Futuro Esquecido”; à esquerda, Professor Xavier e, à direita, Magneto
 Fonte: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment

Nas imagens acima, ocorrem interseções entre o “passado” e o “presente”; da esquerda para direita, em preto e branco, aparecem os atores Patrick Stewart e Ian McKellen ao fundo – eles interpretam Professor Xavier e Magneto, respectivamente, nos anos 2000. Inseridos dentro dos “Xs” coloridos, temos James McAvoy e Michael Fassbender, que atuam como Professor Xavier e Magneto, respectivamente, nas décadas de 60 e 70. A intenção é, portanto, demonstrar uma parte importante do enredo do filme: como nossos “eus” passados estão inseridos em nós e a força da influência que o passado exerce sobre o futuro, e vice e versa.

Este simbolismo com a marca/letra “X” já havia sido feito antes – e justamente para o filme biográfico de Malcolm X, como demonstrado a seguir.



53 – Pôster de “Malcolm X”, filme de Spike Lee que narra a história do ativista
Fonte: Largo International N.V.

O filme “Malcolm X” foi lançado em 1992, 22 anos antes de “Dias de um Futuro Esquecido”. O diálogo visual que se estabelece entre o pôster do filme sobre o ativista e o filme sobre a franquia X-Men é evidente – nota-se, por exemplo, que as cores são as mesmas e a marca “X” é sobreposta da mesma forma sobre ao rosto dos atores.

Para introduzir a análise verbal dos intertextos entre as figuras históricas e fictícias, relembro que, para estreitarmos o campo de trabalho e deixar a análise mais direta e objetiva, foram escolhidos como objetos de estudo os discursos “Eu tenho um sonho” (1964), de MLK ; “O voto ou a bala” (1963) e “Mensagem aos populares” (1964), de Malcolm X; e as falas dos personagens Professor Xavier e Magneto, retiradas dos filmes “X-Men: Primeira Classe” (2011) e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” (2014).

Retomando o exemplo da cena de Xavier e Magneto aos pés do Lincoln Memorial, é importante lembrar que, em seu discurso “Eu tenho um sonho”, MLK chama o local de um “lugar sagrado”. Ele viraria, a partir daquele momento, ser um marco ainda mais histórico norte-americano e, principalmente, da memória da luta pelos direitos civis igualitários. Em “Primeira Classe”, quando os personagens Xavier e Magneto sentam-se nos mesmos degraus sobre os quais MLK discursou, Magneto discorda do ponto de vista de Xavier; Malcolm X também discordava em alguns pontos do posicionamento de MLK, e

emitiu uma crítica ferrenha à Marcha sobre Washington. Em “Mensagem aos populares”, um discurso voltado especialmente a este momento, Malcolm declarou:

Não há muito tempo atrás, o homem negro da América foi alimentado por outra dose dos efeitos enfraquecedores, embaladores e ilusórios da então chamada “integração”. Foi aquela “Farsa sobre Washington”, como eu chamo. [...] Essa foi uma amargura nacional, militante, desorganizada e sem liderança. [...] O homem branco tinha muito boas razões para ficar nervosamente preocupado. A faísca certa - uma química emocional imprevisível - poderia despertar um levante negro [...], eles poderiam entrar em erupção em Washington. A Casa Branca rapidamente convidou os principais “líderes” dos direitos civis negros. Pediram a eles para parar a marcha planejada. Eles disseram sinceramente que [...] não tinham controle sobre ela - a ideia era nacional, espontânea, desorganizada, sem liderança. Em outras palavras, era um barril de pólvora negro. Qualquer estudante sobre como a “integração” pode enfraquecer o movimento do homem negro estava prestes a observar a uma aula mestre. (X, 1963)

Malcolm acusou os líderes do movimento dos direitos civis envolvidos na Marcha sobre Washington – entre eles, o foco das atenções daquele dia, Martin Luther King – de receberem dinheiro da Casa Branca para “conter” a marcha e permitir que brancos marchassem junto. Segundo suas palavras, o que era para ser um protesto negro em larga escala se transformou em um “piquenique” (X, 1963), e deveria servir de alerta sobre como o governo pode enfraquecer o movimento negro com seu ideal de integração.

Já na cena de “X-Men: Primeira Classe”, realizada no mesmo local onde MLK discursou e se tornou o símbolo da Marcha sobre Washington, Xavier e Magneto (Erik Lensherr) têm o seguinte diálogo:

CHARLES XAVIER: Eu não consigo parar de pensar nos outros por aí. Todas as mentes que eu toquei. Eu pude senti-los. Seus isolamentos, suas esperanças, suas ambições. Te digo, nós somos o começo de algo incrível, Erik. Nós podemos ajudá-los.
 ERIK LENSHER: Podemos? Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação, experimentação, eliminação.
 CHARLES XAVIER: Não desta vez. Nós temos inimigos em comum. Shaw, os russos. Eles precisam de nós.
 ERIK LENSHER: Por enquanto. (X-MEN:... 2011)

Não é coincidência que há uma discordância entre os dois personagens fictícios que remete, levemente, à discórdia gerada pela Marcha sobre Washington entre Malcolm X e MLK.

Assim como Malcolm, Magneto demonstra sua falta de confiança no governo estadunidense, controlado pelo “homem branco” – ou, na visão de X-Men, pelo “homo sapiens”. “Podemos? Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação,

experimentação, eliminação”, argumenta Magneto, listando os estágios que um governo repressor e ditatorial pode exercer sob uma minoria da população. Para ele, a ajuda do governo (representado pela CIA) aos mutantes é temporária e também é uma farsa. Já Xavier expressa um ponto de vista mais lúdico, mais sonhador – semelhante ao esperançoso discurso proferido por MLK, “Eu tenho um sonho”, na frente de diversos negros e membros de minorias presentes na Marcha. Naquele evento, MLK entrou em contato com eles. Como ditou em seu discurso:

Eu sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após muitas dificuldades e tribulações. Alguns de vocês acabaram de sair de pequenas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de áreas onde a sua procura de liberdade lhes deixou marcas provocadas pelas tempestades de perseguição e pelos ventos da brutalidade policial. Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor. Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para Luisiana, voltem para as favelas e guetos das nossas modernas cidades, sabendo que, de alguma forma, essa situação pode e será alterada. Não nos embrenhemos no vale do desespero. Digo-lhes hoje, meus amigos, que, apesar das dificuldades e frustrações do momento, eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. (KING JUNIOR, 1963)

Também notamos na fala de Xavier a sua esperança em relação aos novos mutantes com os quais conseguiu entrar em contato: “Eu pude senti-los. Seus isolamentos, suas esperanças, suas ambições. Te digo, nós somos o começo de algo incrível, Erik. Nós podemos ajudá-los.” (X-MEN:... 2011)

Dado este exemplo a partir de um diálogo em que Magneto e Xavier interagem, sigo para comparações mais específicas, focando nos paralelos entre Xavier e MLK e, posteriormente, Magneto e Malcolm X. Para tal, utilizarei falas isoladas de cada personagem e figura histórica, todas retiradas dos materiais já citados.

Começo pelos intertextos presentes entre as falas de MLK e Professor Xavier. Desta forma, organizarei com maior enfoque os dialogismos presentes.

5.4.1 MLK e Xavier

Em seu discurso “Eu tenho um sonho”, MLK expressa, ao mesmo tempo, seu pesar e otimismo. O primeiro sentimento se relaciona ao preconceito que afeta constantemente a vida dos negros; o segundo, em relação ao seu “sonho”, seu ideal igualitário de um futuro onde negros e brancos possam conviver em paz e conformidade. Retomando partes de sua fala já citada: “Eu sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após

muitas dificuldades e tribulações [...]. Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor.”

Em “Dias de um Futuro Esquecido”, Xavier emite falas que remetem ao sentimento destas colocações de MLK. Exemplifico:

Só porque alguém tropeça e perde seu caminho, não quer dizer que está perdido para sempre. Às vezes, todos nós precisamos de uma pequena ajuda [...]. Essa dor vai te fortalecer. Se você se permitir senti-la, aceitá-la, ela a fará mais poderoso do que você jamais imaginou. (X-MEN:... 2014)

Xavier também reconhece que, apesar das “dificuldades e tribulações”, as pessoas não são impassíveis de ajuda e compreensão. Tanto ele quanto MLK acreditam na ideia de um “sofrimento redentor” – “essa dor vai te fortalecer” – como uma forma de construir uma pessoa mais forte, mais humana e mais apta para lidar as suas atribulações corriqueiras.

Outro ponto muito recorrente em ambos os discursos de Xavier e MLK é a dedicação pela luta através da não-violência. Para ambos, é inadmissível o uso de métodos agressivos para a obtenção dos meios que eles desejam. Como demonstrado em seu discurso “Eu tenho um sonho”:

Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio. Devemos sempre conduzir nossa luta no nível elevado da dignidade e disciplina. Não devemos deixar que o nosso protesto criativo se degenere na violência física. Repetidas vezes, teremos que nos erguer às alturas majestosas para encontrar a força física com a força da alma. (KING JUNIOR, 1963)

Tanto em “Primeira Classe” quanto em “Dias de um Futuro Esquecido”, Xavier denota variadas vezes sua preocupação e dedicação em não se deixar ou deixar seus companheiros sucumbirem a ímpetus violentos. Em “Primeira Classe”, ele discute diversas vezes contra o plano de Magneto (Erik Lensherr) de assassinar Shaw: “Me escute com cuidado, meu amigo. Matar Shaw não vai lhe trazer paz”; “Erik, por favor. Seja o homem melhor” (X-MEN:... 2011). Em uma determinada cena do filme, ele afirma “Me desculpe, não sou muito bom com violência” (X-MEN:... 2011). A passagem mais forte do filme na qual ele cita esse assunto, em uma conversa com Magneto, é a seguinte:

Não, a raiva não é o bastante [...]. Ela quase te matou durante todo esse tempo [...]. Sabe, eu acredito que o verdadeiro foco se encontra entre a raiva e a serenidade [...]. Existe tanto além do que você conhece. Não apenas dor e raiva. Há o bem, também. Eu senti. Quando você acessar tudo isso, você terá um poder que ninguém conseguirá igualar, nem mesmo eu. (X-MEN:... 2011)

A mensagem primordial que ele tenta passar ao amigo é de que, ao deixar a violência de lado e focar também no “bem”, ele chegará ao apogeu de seu potencial – e que, através de medidas extremas, a paz jamais seria alcançada.

O tema da violência volta a entrar em pauta em “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”; quando descobre que sua irmã adotiva Raven planeja matar o vilão Trask, Xavier insiste: “a Raven que eu criei não era capaz de matar” (X-MEN:... 2014). Em falas direcionadas a ela, ele afirma:

Se você matar Trask, você estará criando muitos outros iguais a ele. [...] A garota com quem eu cresci não era capaz de matar. Ela era boa, justa, cheia de compaixão [...]. Matá-lo não vai os trazer de volta. Isso te levará para um caminho que não tem volta. [...] Não faça de nós o inimigo hoje [...]. Você pode mostrá-los um caminho melhor. Eu tenho fé em você, Raven. (X-MEN:... 2014)

É pertinente notar que, além de admitir ter “fé” nela, Xavier alega que também tem “esperança” em Raven e Magneto. Sua fala exata é: “Eu tenho esperança neles. Irá existir uma era, Hank, em que todos nós estaremos juntos.” Isso nos remete, mais uma vez, a “Eu tenho um sonho”, no qual MLK faz uso do termo “fé” e “esperança” para se referir aos alvos do seu discurso, além de também frisar a ideia de que é necessário que seus semelhantes fiquem “juntos”.

Essa é a nossa esperança. Essa é a fé com a qual eu regresso ao Sul. Com essa fé nós poderemos esculpir na montanha do desespero uma pedra de esperança. Com essa fé poderemos transformar as dissonantes discórdias do nosso país em uma linda sinfonia de fraternidade. Com essa fé poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, ser presos juntos, defender a liberdade juntos, sabendo que um dia haveremos de ser livres. (KING JUNIOR, 1963)

Em uma das cenas mais icônicas de “Dias de um Futuro Esquecido”, o Xavier de 1973 se encontra com o Xavier de 2023 através de telepatia. Neste momento, o Xavier mais velho e, conseqüentemente, mais maduro, convence seu “eu” mais novo a voltar a ter esperança na luta dos mutantes. Categoricamente, ele afirma: “É o maior dom que possuímos: suportar a dor deles sem nos quebrar. E isso se origina do poder mais humano de todos, a esperança. Por favor, Charles, precisamos que você volte a ter esperança” (X-MEN:... 2014).

Dessa forma, notamos vários conceitos comuns entre os discursos de MLK e Xavier: ambos prezam pela não-violência, citam um conceito de dor que enaltece as pessoas, acreditam e disseminam fortemente a importância da “fé” e “esperança”.

Indo além da afinidade entre os textos dos dois, também existe uma paridade entre as críticas que ambos fazem aos seus companheiros de luta: Malcolm X e Xavier. Em “Eu tenho um sonho”, MLK formula a seguinte fala:

Esta nova militância maravilhosa que engolfou a comunidade negra não nos deve levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos dos irmãos brancos, como se vê pela presença deles aqui, hoje, estão conscientes de que seus destinos estão ligados ao nosso destino. E estão conscientes de que sua liberdade está intrinsecamente ligada à nossa liberdade. Não podemos caminhar sozinhos. (KING JUNIOR, 1963)

Na analogia que X-Men faz ao movimento dos direitos civis, os mutantes seriam uma analogia aos negros, e os seres humanos não portadores do Gene X são referência ao grupo opressor dos brancos. Em uma crítica ao posicionamento de Malcolm X – de que era desnecessário o apoio ou sequer a presença de brancos no movimento negro –, MLK aceita, corrobora e estimula a convergência entre brancos e negros dentro do movimento anti-racismo, alegando, como exemplificado acima, que existem pessoas brancas que possuem consciência da opressão sofrida pelo negro e que querem e podem ajudá-los a encerrar o preconceito. Segundo MLK, os negros não podem “caminhar sozinhos”, em uma espécie de filosofia de que toda ajuda é bem vinda. O mutante Xavier adota uma postura idêntica relacionada aos seres humanos: em “Primeira Classe”, por exemplo, não hesita em contar com o apoio da agente da CIA, Moira MacTaggart; e, em uma das cenas mais marcantes do filme, há um embate entre seu posicionamento solidário aos humanos não-portadores do Gene X e o posicionamento mais radical de Magneto – semelhante ao de Malcolm X – de que humanos são dispensáveis na causa mutante. Nesta cena, ele apela junto a Magneto: “Erik, você mesmo disse – nós somos os homens melhores. É hora de provarmos isso. Existem centenas de homens [não-mutantes] nesses navios. Homens bons, honestos, inocentes” (X-MEN:... 2011). Em outra fala, que desta vez se assemelha à colocação de MLK de que “não podemos andar sozinhos”, Xavier afirma também para Magneto: “Aqui, você tem a chance de ser parte de algo muito maior do que você mesmo [...]. Shaw tem amigos – você poderia contar com alguns, também” (X-MEN:... 2011).

Há também, então, essa convergência entre MLK e Xavier em prol de pessoas oriundas dos grupos opressores – mas que, para eles são passíveis de auxiliar o grupo oprimido com sua ajuda, conscientização e solidariedade.

5.4.2 Malcolm X e Magneto

Em seu discurso “O voto ou a bala”, Malcolm X explica sua definição de revolução: “Você não tem uma revolução onde você ama seu inimigo, e você não tem uma revolução onde você está implorando ao sistema de exploração para que ele te integre” (X, 1964). Esta colocação, além de um alerta para seus iguais, era também um ataque a MLK, que ele considerava abrangente demais em sua política inclusiva de brancos no movimento negro. Magneto faz a mesma crítica a Xavier – em “Primeira Classe”, ele afirma que o companheiro “está cego”, pois acredita que todos os seres humanos são “como Moira”. De acordo com Magneto, assim que souberem a extensão dos poderes dos mutantes, os humanos irão se voltar contra eles. Ele “converte” Raven, irmã adotiva de Xavier, que passa a pensar de acordo com a linha de pensamento de Magneto. Em uma cena em que confronta o irmão, após uma conversa com Magneto, Raven dispara contra Xavier: “Não importa o quão ruim o mundo se torne, você não quer ficar contra ele, quer? Você quer ser parte dele” (X-MEN:... 2011).

Malcolm X defendia que os negros tinham um inimigo comum – os brancos, que controlavam as instituições de poder nos EUA – e que deviam se empenhar, custasse o que fosse, para acabar com a opressão que eles subjuguavam sobre eles. Segundo defendeu em seu discurso “O voto ou a bala”:

Para onde quer que vamos nós nos vemos pegos numa armadilha. E todo tipo de solução que alguém oferece é apenas mais uma armadilha. [...] Você está nas mãos de um governo de segregacionistas, racistas, apoiadores da supremacia branca. [...] Hoje o nosso povo pode ver que nós estamos enfrentando uma conspiração do governo. Esse governo falhou conosco. (X, 1964)

Magneto também não admitia nenhum tipo de confiança nos membros do grupo que oprime os mutantes: os não-portadores do Gene X, que também estavam encarregados dos órgãos do governo e exerciam seu poder de influência. Ele também já havia passado pelos campos de concentrações nazistas com sua família e teve a mãe assassinada, o que agravava ainda mais sua falta de fé na boa vontade dos seres humanos. A história de Malcolm se assemelha a dele também neste ponto, uma vez que sua família também foi perseguida – quando criança, Malcolm teve sua casa queimada e foi forçado a se mudar várias vezes para escapar de grupos que defendiam a supremacia branca, além de creditar a morte de seu pai como um assassinato orquestrado por membros desses mesmos grupos. Em seu discurso “Mensagem aos populares”, Malcolm critica colocações de MLK e define:

Nós temos um inimigo em comum. Nós temos isso em comum: nós temos um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Uma vez que tivermos percebido que temos este inimigo em comum, então nós nos unimos com base do que nós temos em comum. E o que nós mais temos em comum é este inimigo – o homem branco. Ele é um inimigo de todos nós. Eu sei que alguns de vocês pensam que eles não são nossos inimigos. O tempo irá dizer. (X, 1963)

Dito isso, também podemos observar que as opiniões de Malcolm a respeito do governo e dos membros de grupos opressores trazem algumas semelhanças com as de Magneto, que expressa falas como “Eles [os humanos] vão nos temer. E esse temor vai virar ódio”; “Identificação, é como tudo isso começa. E termina com delimitação, experimentação, eliminação”; “Chega de diplomacia” e “[Humanos são] uma raça condenada que irá nos caçar assim que perceber que seu reino está chegando ao fim” (X-MEN:... 2011).

Em sua última cena junto a Xavier no filme “Primeira Classe”, Magneto, em meio a seu discurso emocionado, deixa transparecer mais um argumento contra os humanos:

Nós nos voltando contra os nossos, é isso que eles querem. Eu tentei te alertar, Charles. Eu te quero ao meu lado. Nós somos irmãos, eu e você. Todos nós juntos, protegendo um ao outro. Nós queremos a mesma coisa. (X-MEN:... 2011)

Esta colocação, de que os mutantes eram propositalmente “divididos” para que seu movimento e clamor pelo fim da opressão terminasse ficasse enfraquecido, também se encontra inserido no discurso “O voto ou a bala”, de Malcolm X; ele classificava essa tática como “dividir e conquistar”.

Eles atacam todos nós pelo mesmo motivo; todos nós vivemos um inferno através do mesmo inimigo. Nós estamos todos no mesmo saco, no mesmo barco [...]. A estratégia do homem branco sempre foi de dividir e conquistar. Ele nos mantém divididos para nos conquistar. Ele te diz que eu sou a favor da separação e você é a favor da integração, para nos manter lutando um contra o outro. Não, eu não sou a favor de separação e você não é a favor de integração. Você e eu somos a favor da liberdade. A única coisa é que você pensa que a integração vai te trazer liberdade, eu penso que a separação vai me trazer liberdade. Nós dois temos o mesmo objetivo. Nós só temos meios diferentes de chegar nele. (X, 1964)

Empenhado em construir a ideia de uma comunidade negra forte e unida, no mesmo discurso Malcolm reafirma: “Você e eu vamos viver em uma comunidade negra [...] [Precisamos] abrir os olhos do nosso povo” (X, 1964).

Em X-Men, Magneto também aposta no sentimento de confraternidade entre seus semelhantes e sugere a ideia de uma comunidade mutante, colocando que: “Essa sociedade não vai nos aceitar, então vamos formar uma nossa. Chega de nos esconder” (X-MEN:...

2011). Em sua maior fala de “Dias de um Futuro Esquecido”, Magneto frisa mais uma vez que já bastava de se “esconder”:

Vocês construíram essas armas para nos destruir. Por quê? Porque vocês temem os nossos dons. Porque nós somos diferentes. A humanidade sempre teme aqueles que são diferentes. Mas eu estou aqui para dizer para vocês, e para dizer ao mundo, vocês estão certos em nos temer. Nós somos o futuro! Nós somos aqueles que vão herdar a Terra! E quem ficar em nosso caminho, sofrerá o mesmo destino que estes homens que vocês veem diante de vocês. O dia de hoje estava destinado a ser uma amostra do poder de vocês. Ao invés disso, eu estou demonstrando uma pequena parte da devastação que a minha raça pode subjugar sobre a sua. Que este seja um aviso para o mundo. E para os mutantes, meus irmãos e irmãs por aí fora, eu digo o seguinte: chega de se esconder. Sem mais sofrimento. Vocês já viveram nas sombras, envergonhados, com medo por tempo demais. Saiam! Se juntem a mim. Lutem juntos em uma irmandade da nossa raça. Um novo amanhã que começa hoje. (X-MEN:... 2014)

Embora Malcolm X e Magneto compartilhem um tom ameaçador em seus discursos, a hostilidade deste tipo de enunciado é maior e mais impactante no âmbito ficcional. Já em seu texto, Malcolm X fazia prenúncios de que o homem branco estava “acabado”, que havia um “barril de pólvora racial” pronto para explodir e que as opções seriam “a liberdade ou a morte”. Também se constata traços de apelo à condição de seus semelhantes, que estariam fartos e desiludidos com a vida que levavam:

Eu espero que o homem branco possa ver isso, porque se ele não vê ele está acabado. Se você não vê, você vai vir... você vai se envolver numa ação na qual você não tem chance [...]. Os seus dias de guerra, vitória, seus dias daquelas vitórias terrestres já eram [...]. Os negros perceberam a malandragem, e as mentiras, e as falsas promessas do homem branco por tempo demais. E eles estão de saco cheio. Eles se tornaram desencantados. Eles se tornaram desiludidos. Eles se tornaram insatisfeitos, e tudo isso construiu frustração na comunidade negra, o que faz a comunidade negra por todo os Estados Unidos hoje mais explosiva do que todas as bombas atômicas que os russos podem inventar. Sempre que você tem um barril de pólvora racial deitado no seu colo, você tem mais problemas do que se você tivesse um barril de pólvora atômica deitado no seu colo. Quando o barril de pólvora racial explode, não interessa quem seja, ele derruba do caminho. Entenda isso, ele é perigoso [...]. Vai ser liberdade ou vai ser morte. E se você não está pronto para pagar esse preço, não use a palavra liberdade no seu vocabulário. (X, 1964)

Uma das frases mais icônicas de Magneto em “Primeira Classe” é aquela na qual ele verbaliza sua preferência por atos mais radicais ao invés de pacíficos: “Paz nunca foi uma opção”, ele diz. Para ele, não existia a possibilidade de lutar pacificamente. E este é um dos pontos mais fortes na fala de Malcolm – em “Mensagem aos populares”, por exemplo, ele afirma: “Uma revolução é sangrenta. Uma revolução é hostil. Revoluções não conhecem nenhum compromisso. Revoluções derrubam e destroem tudo que entra em seu caminho” (X, 1963). Em outra passagem, ele volta a alegar, também usando a expressão “irmãos e irmãs”:

“Eu cito essas várias revoluções, irmãos e irmãs, para mostra-los: não há revolução pacífica, não há uma revolução que dê a outra face ao inimigo” (X, 1963). Em “O voto ou a bala”, ele também verbaliza claramente:

É por isso que eu digo que é o voto ou a bala. É liberdade ou é morte. É liberdade para todo mundo ou liberdade para ninguém. Os EUA hoje se encontram numa situação única. Historicamente, revoluções são sangrentas. Ah, sim, elas são! Eles nunca tiveram uma revolução sem sangue, ou uma revolução não-violenta. Isso não acontece nem mesmo em Hollywood. Você não tem uma revolução onde você ama seu inimigo, e você não tem uma revolução onde você está implorando ao sistema de exploração para que ele te integre. Revoluções subjagam sistemas. Revoluções destroem sistemas. (X, 1964)

Eis o ponto de pensamento e discurso em que Malcolm X e Magneto mais convergem: que não existe uma revolução pacífica.

Através desta análise, constatamos que ocorre dialogismo entre Malcolm X e Magneto, e MLK e Xavier. Podemos afirmar isso devido aos intertextos que observamos – quando os personagens fictícios emitem seus discursos, há um “eco” dos discursos feitos pelos ícones do movimento negro; existem, na memória discursiva dos autores dos personagens, os enunciados emitidos durante a década de 60 nos Estados Unidos, durante o movimento dos direitos civis. Através da ficção de X-Men, é reaberto o diálogo com as ideias expressas durante o movimento dos direitos civis; os intertextos trespassam não somente as falas, mas também o campo visual.

6 CONCLUSÃO

No decorrer desta pesquisa, são evidenciados os intertextos presentes entre a história e a ficção – no caso, como os discursos históricos de Martin Luther King Jr. E Malcolm X atravessam os discursos dos personagens Professor Xavier e Magneto, que retomam ideias enunciadas pelos ativistas negros. Como o material referente a todos os envolvidos nesta pesquisa é extenso, e a fim de evidenciar melhor este diálogo que ocorre entre as falas reais e fictícias, foram escolhidos discursos específicos dos ativistas (“Eu tenho um sonho”, “Mensagem aos populares”, ambos de 1963, e “O voto e a bala”, de 1964), e os personagens – que se fazem presentes em histórias em quadrinhos desde os anos 60, em desenhos animados desde os anos 90 e em filmes desde os anos 2000 – tiveram seus discursos delimitados àqueles enunciados em dois filmes da franquia cinematográfica X-Men (“X-Men: Primeira Classe”, de 2011, e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, de 2014).

Anteriormente à análise, foi necessário voltar-se para os conceitos de Mikhail Bakhtin – como polifonia, dialogismo, interdiscurso e intertexto – a respeito da linguagem. Aqui, ela foi admitida como algo plural e coletivo, um fenômeno responsável por pautar as interações e existências sociais humanas; é possível trazer novos significados e interpretações a cada enunciado produzido pela linguagem de cada emissor. Para Bakhtin (1997), as falas são dotadas de emoções, opiniões e sentidos; a linguagem é definida como algo que se encontra em ação constante, considerando que cada enunciador pauta suas expressões em seus conhecimentos e concepções que, por sua vez, são influenciados pelo contexto histórico, cultural, ideológico e social em que estão inseridos. É dentro deste diálogo atemporal que se estabelece entre os enunciados que a linguagem ocorre. Uma vez que Professor Xavier e Magneto produzem enunciados que resgatam os discursos de Martin Luther King Jr. e Malcolm X, eles retomam o diálogo com os contextos históricos, políticos, ideológicos e sociais do movimento negro.

Os principais fenômenos de linguagem observados durante esta pesquisa são os de dialogismo e intertextualidade. Como a linguagem foi tomada como algo que se estabelece através de outras linguagens e o diálogo entre elas – quando se emite um discurso, por exemplo, o enunciador o faz baseando-se na memória discursiva adquirida através de outros enunciados e acaba indo ao encontro de seu interlocutor, que vai constituir uma resposta a este discurso e contribuir para o estabelecimento de um diálogo e reflexão constantes; o “outro” é indispensável para a formação do “eu”. Nossa linguagem é, portanto, concebida de uma maneira dialógica, como se estabelecesse um “eco” de relações. Bakhtin define esta

maneira como “dialogismo”, que ocorre quando enunciados se comunicam, fazendo com que enunciadore e interlocutores recebam, assimilem e respondam aos enunciados emitidos entre si. Dessa forma, podemos observar que o dialogismo se faz presente em nossas interações sociais e culturais, verbais ou não. Dentro deste diálogo, todas as partes envolvidas não perdem o sentido, mas sim o enriquecem, estabelecendo e se abrindo para interações e interpretações.

Já o termo “intertextualidade”, criado pela tradutora e filósofa Julia Kristeva, se estabeleceu através da mesma noção de dialogismo, carregando o mesmo pressuposto. Segundo sua criadora, a intertextualidade acontece quando podemos reconhecer passagens de um texto, ou até mesmo ele por completo, dentro de um outro texto. Isto estabeleceria uma relação direta entre os dois conteúdos, criando o chamado intertexto. Portanto, enquanto o dialogismo se refere à relação entre enunciados, a intertextualidade faz o mesmo com textos – que são manifestações de enunciados. Como ambos os termos se definem por relações dialógicas compostas de sentido, foram tomados como sinônimos durante esta pesquisa.

Também voltamos nosso olhar para a questão da ideologia abordada por Bakhtin, que a considerava correspondente à semiótica da linguagem. Responsável por designar um grupo de ideias e pensamentos, o conceito de ideologia se faz acessível através o uso da língua; por ela, são criadas e manifestadas as noções ideológicas de cada indivíduo, que se confrontam com as dos demais seres humanos e se geram a partir do âmbito dos contextos históricos e sociais. A ideologia se constrói e evidencia por meio da linguagem, dependendo de seus variados interlocutores para sua constituição e propagação através de elementos da arte, da ciência, da história, e assim por diante. Ambas, linguagem e ideologia, atuam juntas à consciência humana, expressando sentimentos, pensamentos, emoções e todos os aspectos que caracteriza o ser humano como recebedor, gerador e perpetuador de influências.

É imprescindível para compreender o fundamento da análise o fato de que o Universo X-Men, que se iniciou no âmbito das histórias em quadrinhos, surgiu sob forte influência do contexto histórico, social, político e ideológico no qual estava inserido – mais especificamente, os Estados Unidos, berço dos criadores da história fictícia. Neste caso, o movimento negro dos direitos civis dominava a momento vivido pelos norte-americanos; figuras como Martin Luther King Jr. (MLK) e Malcolm X estavam em plena expansão de ideias, discursos e aparições na mídia. Ambos ajudaram, de fato, a mudar o curso do século XX. Considerando isto e o fato de que os próprios autores admitiram inspiração no movimento negro (vide página 81), é inegável a influência que a fase histórica dos anos 60 obteve na criação do enredo fictício dos X-Men – há de se apontar a mais óbvia, que seria o

claro paralelo entre o preconceito sofrido pelos negros no contexto real e o preconceito sofrido pelos mutantes na ficção.

Não foi esclarecida pelos autores das histórias em quadrinhos, no entanto, que haveria ligação direta entre Malcolm X e Magneto, e entre MLK e Professor Xavier. É importante constatar que, na época em que os X-Men surge nos quadrinhos, não era possível prever que seu enredo chegaria aos cinemas cerca de quatro décadas depois e que, posteriormente, dois de seus personagens poderiam ser interpretados em posições semelhantes a duas figuras históricas do movimento negro, uma vez que também não poderiam ser previstas as proporções mundiais que os legados de MLK e Malcolm X alcançariam depois de seus assassinatos, ocorridos poucos anos após a criação de X-Men. As comparações entre eles, no entanto, inevitavelmente ocorreram ao decorrer dos anos e com a contribuição das novas adaptações da história dos mutantes – e elas levantaram pontos relevantes que vieram a ser discutidos nesta pesquisa.

A primeira “fonte” para a constatação das semelhanças entre os personagens fictícios e os líderes do movimento negro foi quando o roteirista de quadrinhos Chris Claremont, responsável pela publicação em 1981 da história em quadrinhos “Dias de um Futuro Esquecido”, usou pela primeira vez o termo “racismo” para definir o que os mutantes sofriam na história fictícia (vide página 85). A associação direta entre o preconceito ficcional contra mutantes e aquele que é sofrido realmente pela população negra, no entanto, também possui nuances problemáticas: a apropriação cultural da marca real de um povo minoria, como é o caso dos negros, pode ser considerada ofensiva até para fãs da série X-Men. Já que na ficção cinematográfica os arquétipos são simplificados – Professor Xavier representa o lado “bom”, e Magneto, o lado “mau” –, compará-los à MLK e Malcolm X corre o risco de vilanizar a figura de Malcolm, por exemplo, reduzindo-o a um estereótipo de “vilão”, “do mal”. Além disso, há a questão da chamada apropriação cultural, que também expõe as comparações ao risco de serem desapropriadas e, para alguns, até desrespeitosa com a realidade vivida pelos negros (vide página 84). Conclui-se, portanto, que é preciso cautela ao traçar a linha comparatória entre Professor Xavier e MLK, e Magneto e Malcolm X. Os intertextos existentes e apontados durante esta pesquisa são guardados às devidas proporções de cada universo e contexto nos quais estão inseridos. Esta pesquisa não ignora as questões problemáticas das comparações e, como os intertextos se apresentam de forma sutil e por vezes até mesmo não-verbal durante os filmes analisados, procurou enxergar o diálogo entre história e ficção como uma espécie de homenagem, uma forma de perpetuar discursos históricos, motivadores e transformadores.

Os paralelos entre a luta negra e a mutante se estreitaram nos primeiros filmes adaptados de X-Men, que estrearam a partir do ano 2000. Nos primeiros filmes, Professor Xavier e Magneto foram interpretados pelos atores Patrick Stewart e Ian McKellen, respectivamente, ambos na faixa etária de 60 anos durante a época da filmagem. Nos filmes escolhidos como objetos de estudo, “X-Men: Primeira Classe” e “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido”, os dois personagens são interpretados por James McAvoy e Michael Fassbender, que os representam durante suas fases adultas nas décadas de 60 e 70. Como o enredo de “X-Men: Dias de um Futuro Esquecido” gira em torno do tema “viagem no tempo”, os personagens Professor Xavier e Magneto são representados tanto em sua fase mais velha quanto na adulta. Desta forma, jornalistas internacionais e nacionais tiveram a oportunidade de realizar entrevistas com todos os quatro atores envolvidos na representação dos dois personagens. McKellen e Fassbender, que interpretam Magneto, cogitaram ser possível o paralelo entre Malcolm X e seu personagem (vide página 82 e 83), enquanto Stewart, que vive Professor Xavier, informa que os atores não receberam orientações para se inspirarem em Malcolm ou MLK (vide página 83). A fala de Stewart nos permite concluir que a influência da história do movimento civil é opcional entre os atores, se tratando de uma escolha pessoal destes. Ela também é importante para constatar que, mesmo com a ausência da sugestão de se orientar pelas figuras históricas do movimento negro dirigida aos atores, os intertextos continuam se apresentando entre eles, de forma que o assunto chega a ser, como evidenciado nas próprias entrevistas com atores, motivo para se pautar perguntas dirigidas a eles. A história fictícia mutante de X-Men dialoga tão intrinsecamente com a história americana que os intertextos fluem de forma natural, quase automática; o diálogo entre as duas realidades se faz de uma maneira espontânea.

E essa naturalidade do diálogo entre os intertextos se demonstra principalmente na análise das falas dos personagens – desde a repetição de termos semelhantes até a retomada das ideias apresentadas. Estudando os discursos específicos de Malcolm X e as falas de Magneto nos dois filmes escolhidos para esta pesquisa, foi possível perceber que ambos defendem a noção de que negros e mutantes têm um inimigo em comum, de que não há maneiras de se obter reviravoltas revolucionárias enquanto se aplica o princípio da não-violência, de que não existem “aliados” dentro do grupo opressor, de que é preciso que a comunidade negra e mutante se estabeleça como uma sociedade unida, de que aqueles que são corajosos o suficiente para destruir o sistema são perigosos, e de que o governo norte-americano é suspeito e uma das armas mais poderosas de opressão. Eles chegam até mesmo a partilhar a expressão “irmãos e irmãs”, por exemplo (vide páginas 107 e 108).

Já no que se relaciona aos estudos dos materiais escolhidos referentes a MLK e Professor Xavier, também demonstrou-se a convergência de suas linhas de pensamento em vários pontos: ambos acreditam que a dor sofrida pela opressão pode ser redentora e fortalecedora, a grande importância de se manter os sentimentos de fé e esperança e, sobretudo, que o caminho da não-violência é o mais adequado. Até mesmo as críticas que MLK recebia de Malcolm X são semelhantes às que Xavier recebia de Magneto – ambos eram acusados de serem ingênuos em sua maneira de protesto e condizentes com membros do grupo opressor.

Os intertextos não se resumem somente às falas, extrapolando o verbal e chegando até o visual – Xavier passa a se vestir do mesmo jeito clássico de MLK quando faz, efetivamente, sua “transição” para “Professor” Xavier (vide páginas 93 e 94); antes disso, quando ainda era um jovem “imprudente”, Xavier utiliza o mesmo tipo de vestimenta com a qual MLK foi registrado durante episódios em que foi preso (vide páginas 89, 90, 91 e 92); em sua primeira aparição durante sua caçada por vingança, Magneto surge usando um conjunto inteiro de roupas semelhante ao usado por Malcolm X em diversas aparições públicas (vide página 95); o pôster individual de Magneto para o filme “Dias de um Futuro Esquecido” apresenta a mesma composição visual do pôster do filme biográfico de Malcolm X (vide páginas 98 e 99). A referência mais simbólica se faz através da colocação dos personagens Magneto e Xavier nas escadas do Lincoln Memorial, no mesmo local no qual MLK realizou o discurso mais celebrado da época do movimento negro dos direitos civis, o “Eu tenho um sonho” (vide páginas 96 e 97). Na cena, eles estabelecem um debate que, mais uma vez, dialoga com os discursos de Malcolm X e MLK.

Demonstrou-se, portanto, o diálogo atemporal e incessante que ocorre entre dois contextos – um real, outro fictício –, que permite que ideais e lutas históricas sejam perpetuados no imaginário cultural com ainda mais força e longevidade; é como se as palavras de Malcolm e MLK, que já carregavam seus próprios intertextos relacionados à história dos negros no continente norte-americano e ao contexto no qual estavam inseridos, voltassem à vida nas falas de Professor Xavier e Magneto. Os personagens fictícios reabrem o diálogo entre o passado e o presente, e o deixam aberto para seus receptores e suas novas interpretações e relações geradas por seus enunciados. Ao realizar este resgate através da memória discursiva intrínseca à própria história na qual está inserido, o universo fictício ecoa discursos históricos que, por sua vez, encontram mais um meio de dialogar com as gerações seguintes – se tornando, então, atemporais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandra Simões. **“Inglês é acessório?” Preconceito Interdisciplinar em uma Escola Estadual do Rio de Janeiro**. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Cap. 2. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=10130@1>. Acesso em: 28 out. 2014.
- BLACK, Mark. **Malcolm X and Martin Luther King: A very brief history**. Ebook Kindle: Amazon, 2013. 41 p.
- BRAIT, Beth. **Leituras, significações, efeitos de sentido**. Revista Líbero, 2003, ano VI, v.6 – nº11: p. 36 – 44.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 191-199.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1952-1953]. p. 261-306.
- _____, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1998.
- DAROWSKI, Joseph J. **X-Men and the Mutant Metaphor: Race and Gender in the Comic Books**. Disponível em: <<http://bit.ly/1uN1IAo>>. Acesso em: 5 out. 2014.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 161-192.
- FREITAS, Antonio Carlos Rodrigues de. O Desenvolvimento do Conceito de Intertextualidade. **Icarahy**, Rio de Janeiro, n. 6, p.27-42, set. 2011. Disponível em: <http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/ANTONIO_CARLOS.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.
- GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Corrida Espacial**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/corrida-espacial/>>. Acesso em: 5 out. 2014.
- GOLDBERG, Matt. **A Very Groovy Mutation: Matt Revisits X-MEN: FIRST CLASS**. Disponível em: <<http://collider.com/x-men-first-class-movie-review/#Rvw4lmlWoRq2gxxM.99>>. Acesso em: 5 out. 2014.
- INSTITUTE FOR RESEARCH IN AFRICAN-AMERICAN STUDIES AT COLUMBIA UNIVERSITY. **Malcolmology 101, #2: Earl Little’s Death**. Disponível em: <<http://www.malcolmxbio.com/node/9>>. Acesso em: 09 out. 2014.
- KING INSTITUTE ENCYCLOPEDIA. **Kennedy, John Fitzgerald**. Disponível em: <<http://stanford.io/1pPYyAd>>. Acesso em: 09 out. 2014.

KING JUNIOR, Martin Luther. **Eu tenho um sonho**. 1964. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/mundo/noticia/2013/08/confira-a-traducao-na-integra-do-discurso-feito-por-martin-luther-king-ha-50-anos-4248603.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

MAIA, Rubens Dias. **Ideologia e Bakhtin**. 2009. Disponível em: <<http://conversasbakhtinianas.blogspot.com.br/2009/10/ideologia-e-bakhtin.html>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MARVEL. **Uncanny X-Men (1963) #1**. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/12413/uncanny_x-men_1963_1>. Acesso em: 5 out. 2014.

MARVEL DATABASE. **Legacy Virus**. Disponível em: <http://marvel.wikia.com/Legacy_Virus>. Acesso em: 5 out. 2014.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 151-166.

O REI leão. [s.i.]: Walt Disney Pictures, 1994. Son., color.

PINHEIRO, Tatiana. **Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/filosofia-dialogo-487608.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2014.

QALANDER, Mast. **For the Billionth Time, Magneto is NOT Malcolm X: Thoughts on Appropriation and Mutants of Color**. 2014. Disponível em: <<http://muslimreverie.wordpress.com/2014/05/30/for-the-billionth-time-magneto-is-not-malcolm-x-thoughts-on-appropriation-and-mutants-of-color/>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

REGALADO, Aldo. Modernity, Race, and the American Superhero. In: MCLAUGHLIN, Jeff. **Comics as philosophy**. Jackson: University Press Of Mississippi, 2005. p. 86, 87. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=QrW9kmCAZQQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 04 nov. 2014.

RIBEIRO, Luis Filipe. **O conceito de linguagem em Bakhtin**. 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm#10>>. Acesso em: 27 out. 2014.

SANTANA, Ana Lucia. **Polifonia**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/linguistica/polifonia/>>. Acesso em: 28 out. 2014.

_____, Ana Lucia. **Dialogismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/linguistica/dialogismo/>>. Acesso em: 28 out. 2014.

SEMANA DE LETRAS, 10, Porto Alegre. **A intertextualidade e suas origens**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. 12 p. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Luciano-Corrales.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2014.

SILVA, Renata. **Linguagem e ideologia**: Embates teóricos. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322009000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 out. 2014.

SHYMINSKY, Neil. **Mutant Readers, Reading Mutants**: Appropriation, Assimilation, and the X-Men. Disponível em: <https://www.academia.edu/226078/Mutant_Readers_Reading_Mutants_Appropriation_Assimilation_and_the_X-Men>. Acesso em: 04 nov. 2014.

STAM, Robert. **Bakhtin**: Da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 2000. 104 p.

SOUTH AFRICAN HISTORY ONLINE. **Gandhi explains satyagraha**. Disponível em: <<http://www.sahistory.org.za/archive/44-gandhi-explains-satyagraha>>. Acesso em: 09 out. 2014.

TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION. **25 Moments**: In the struggle between X-men and humans. 2014. Disponível em: <<http://www.25moments.com/>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

X-MEN: Primeira Classe. Direção de Matthew Vaughn. [s.i.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment, Bad Hat Harry Productions, 2011. (131 min.), son., color.

X-MEN: Dias de um Futuro Esquecido. Direção de Bryan Singer. [s.i.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, Marvel Entertainment, Bad Hat Harry Productions, 2014. (131 min.), son., color.

X, Malcolm. **O voto ou a bala**. 1964. Disponível em: <<http://malcolm-x-br.blogspot.com.br/2009/02/o-voto-ou-bala-1964.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

X, Malcolm. **Message to Grassroots**. 1963. Disponível em: <<http://teachingamericanhistory.org/library/document/message-to-grassroots/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – EU TENHO UM SONHO²⁵

Estou feliz por estar hoje com vocês num evento que entrará para a história como a maior demonstração pela liberdade na história de nosso país.

Há cem anos, um grande americano, sob cuja simbólica sombra nos encontramos, assinou a Proclamação da Emancipação. Esse decreto fundamental foi como um grande raio de luz de esperança para milhões de escravos negros que tinham sido marcados a ferro nas chamas de uma vergonhosa injustiça. Veio como uma aurora feliz para pôr fim à longa noite de cativo.

Mas, cem anos mais tarde, devemos encarar a trágica realidade de que o negro ainda não é livre. Cem anos mais tarde, a vida do negro está ainda infelizmente dilacerada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação.

Cem anos mais tarde, o negro ainda vive numa ilha isolada de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos mais tarde, o negro ainda definha nas margens da sociedade americana estando exilado em sua própria terra. Por isso, encontramos aqui hoje para dramatizar essa terrível condição.

De certo modo, viemos à capital do nosso país para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e a Declaração da Independência, eles estavam a assinar uma nota promissória da qual todo americano seria herdeiro. Essa nota foi uma promessa de que todos os homens teriam garantia aos direitos inalienáveis de vida, liberdade e à procura de felicidade.

É óbvio que a América de hoje ainda não pagou essa nota promissória no que concerne aos seus cidadãos de cor. Em vez de honrar esse compromisso sagrado, a América entregou ao povo negro um cheque inválido devolvido com a seguinte inscrição: saldo insuficiente.

Porém recusamo-nos a acreditar que o banco da justiça abriu falência. Recusamo-nos a acreditar que não haja dinheiro suficiente nos grandes cofres de oportunidade desse país.

²⁵ KING JUNIOR, Martin Luther. **Eu tenho um sonho**. 1964. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/mundo/noticia/2013/08/confira-a-traducao-na-integra-do-discurso-feito-por-martin-luther-king-ha-50-anos-4248603.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

Então viemos para descontar esse cheque, um cheque que nos dará à vista as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

Vemos também para este lugar sagrado para lembrar à América da clara urgência do agora. Não é hora de se dar ao luxo de procrastinar ou de tomar o remédio tranquilizante do gradualismo. Agora é tempo de tornar reais as promessas da democracia.

Agora é hora de sair do vale escuro e desolado da segregação para o caminho iluminado da justiça racial. Agora é hora de retirar a nossa nação das areias movediças da injustiça racial para a sólida rocha da fraternidade. Agora é hora de transformar a justiça em realidade para todos os filhos de Deus.

Seria fatal para a nação não levar a sério a urgência desse momento. Esse verão sufocante da insatisfação legítima do negro não passará até que chegue o revigorante outono da liberdade e igualdade. Mil novecentos e sessenta e três não é um fim, mas um começo. E aqueles que creem que o negro só precisava desabafar e que agora ficará sossegado, acordarão sobressaltados se o país voltar ao ritmo normal.

Não haverá nem descanso nem tranquilidade na América até o negro adquirir seus direitos como cidadão. Os turbilhões da revolta continuarão a sacudir os alicerces do nosso país até que o resplandecente dia da justiça desponte.

Há algo, porém, que devo dizer a meu povo, que se encontra no caloroso limiar que conduz ao palácio da justiça: no processo de ganhar o nosso legítimo lugar não devemos ser culpados de atos errados. Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio. Devemos sempre conduzir nossa luta no nível elevado da dignidade e disciplina.

Não devemos deixar que o nosso protesto criativo se degenere na violência física. Repetidas vezes, teremos que nos erguer às alturas majestosas para encontrar a força física com a força da alma.

Esta nova militância maravilhosa que engolfou a comunidade negra não nos deve levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos dos irmãos brancos, como se vê pela presença deles aqui, hoje, estão conscientes de que seus destinos estão ligados ao nosso destino.

E estão conscientes de que sua liberdade está intrinsecamente ligada à nossa liberdade. Não podemos caminhar sozinhos. À medida que caminhamos, devemos assumir o compromisso de marcharmos em frente. Não podemos retroceder.

Há quem pergunte aos defensores dos direitos civis: Quando é que ficarão satisfeitos? Não estaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos indescritíveis horrores

da brutalidade policial. Jamais poderemos estar satisfeitos enquanto os nossos corpos, cansados com as fadigas da viagem, não conseguirem ter acesso aos hotéis de beira de estrada e das cidades.

Não poderemos estar satisfeitos enquanto a mobilidade básica do negro for passar de um gueto pequeno para um maior. Não podemos estar satisfeitos enquanto nossas crianças forem destituídas de sua individualidade e privadas de sua dignidade por placas onde se lê “somente para brancos”.

Não poderemos estar satisfeitos enquanto um negro no Mississippi não puder votar e um negro em Nova Iorque achar que não há nada pelo qual valha a pena votar. Não, não, não estamos satisfeitos e só estaremos satisfeitos quando a justiça correr como a água e a retidão como uma poderosa corrente.

Eu sei muito bem que alguns de vocês chegaram aqui após muitas dificuldades e tribulações. Alguns de vocês acabaram de sair de pequenas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de áreas onde a sua procura de liberdade lhes deixou marcas provocadas pelas tempestades de perseguição e pelos ventos da brutalidade policial.

Vocês são veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que um sofrimento injusto é redentor. Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para Luisiana, voltem para as favelas e guetos das nossas modernas cidades, sabendo que, de alguma forma, essa situação pode e será alterada. Não nos embrenhemos no vale do desespero.

Digo-lhes hoje, meus amigos, que, apesar das dificuldades e frustrações do momento, eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho que um dia essa nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: Consideramos essas verdades como auto-evidentes que todos os homens são criados iguais.

Eu tenho um sonho que um dia, nas montanhas rubras da Geórgia, os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes de donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

Eu tenho um sonho que um dia mesmo o estado do Mississippi, um estado desértico sufocado pelo calor da injustiça, e sufocado pelo calor da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça.

Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Eu tenho um sonho hoje.

Eu tenho um sonho que um dia o estado do Alabama, com seus racistas cruéis, cujo governador cospe palavras de interposição e anulação, um dia bem lá no Alabama meninos negros e meninas negras possam dar-se as mãos com meninos brancos e meninas brancas, como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje.

Eu tenho um sonho que um dia todos os vales serão elevados, todas as montanhas e encostas serão niveladas; os lugares mais acidentados se tornarão planícies e os lugares tortuosos se tornarão retos e a glória do Senhor será revelada e todos os seres a verão conjuntamente.

Essa é a nossa esperança. Essa é a fé com a qual eu regresso ao Sul. Com essa fé nós poderemos esculpir na montanha do desespero uma pedra de esperança. Com essa fé poderemos transformar as dissonantes discórdias do nosso país em uma linda sinfonia de fraternidade.

Com essa fé poderemos trabalhar juntos, rezar juntos, lutar juntos, ser presos juntos, defender a liberdade juntos, sabendo que um dia haveremos de ser livres. Esse será o dia, esse será o dia quando todos os filhos de Deus poderão cantar com um novo significado:

Meu país é teu, doce terra da liberdade, de ti eu canto.

Terra onde morreram meus pais, terra do orgulho dos peregrinos, que de cada lado das montanhas ressoe a liberdade!

E se a América quiser ser uma grande nação, isso tem que se tornar realidade.

E que a liberdade ressoe então do topo das montanhas mais prodigiosas de Nova Hampshire.

Que a liberdade ressoe das poderosas montanhas de Nova Iorque.

Que a liberdade ressoe das elevadas montanhas Allegheny da Pensilvânia.

Que a liberdade ressoe dos cumes cobertos de neve das montanhas Rochosas do Colorado.

Que a liberdade ressoe dos picos curvos da Califórnia.

Mas não só isso; que a liberdade ressoe da montanha Stone da Geórgia.

Que a liberdade ressoe da montanha Lookout do Tennessee.

Que a liberdade ressoe de cada montanha e de cada pequena elevação do Mississippi. Que de cada encosta a liberdade ressoe.

E quando isso acontecer, quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada lugar, de cada estado e cada cidade, seremos capazes de fazer chegar mais rápido o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção espiritual negra: Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus Todo Poderoso, somos livres, finalmente.

ANEXO B – MENSAGEM AOS POPULARES²⁶

Queremos ter uma conversa espontânea entre eu e você – nós. Queremos falar em uma linguagem simples e que todos possam entender facilmente. Todos podemos concordar hoje à noite, todos os oradores concordaram, que a América tem um problema muito sério. Não apenas a América tem um problema muito sério, mas nosso povo tem um problema muito sério. O problema da América somos nós. Nós somos o problema dela. A única razão pela qual ela tem um problema é que ela não nos quer aqui. E toda vez que você olha para você mesmo, seja você negro, marrom, vermelho ou amarelo – o assim chamado de negro – você representa uma pessoa que coloca um problema tão sério para a América, porque você não é desejado. Uma vez que você encare este fato, então você pode começar a planejar um curso que irá fazê-lo parecer inteligente, ao invés de não inteligente.

O que eu e você precisamos aprender é a esquecer nossas diferenças. Quando nos juntamos, não nos juntamos como batistas ou metodistas. Você não sofre o inferno porque você é batista, você não sofre o inferno porque você é um metodista. Você não sofre o inferno porque você é batista ou metodista. Você não sofre o inferno porque você é masson ou um elk. E você certamente não sofre o inferno porque é americano; pois, se você americano, não sofreria inferno algum. Você sofre o inferno porque você é um homem negro. Você sofre o inferno, e todos nós sofreremos, pela mesma razão.

Então, somos todos pretos, os chamados negros, cidadãos de segunda classe, ex-escravos. Você não passa de um ex-escravo. Você não gosta de ouvir isso, mas o que mais você é? Vocês são ex-escravos. Vocês não vieram para cá no Mayflower²⁷. Você veio para cá em um navio negreiro – acorrentado, como um cavalo, ou uma vaca, ou uma galinha. E você foi trazido para cá pelas pessoas que vieram no Mayflower. Você foi trazido para cá pelos chamados peregrinos, ou Pais Fundadores. Foram eles que trouxeram vocês para cá.

Nós temos um inimigo em comum. Nós temos isso em comum: nós temos um opressor em comum, um explorador em comum e um discriminador em comum. Uma vez que tivermos percebido que temos este inimigo em comum, então nós nos unimos com base do que nós temos em comum. E o que nós mais temos em comum é este inimigo – o homem

²⁶ X, Malcolm. **Message to Grassroots**. 1963. Disponível em: <<http://teachingamericanhistory.org/library/document/message-to-grassroots/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

²⁷ Nome de um navio destinado a passageiros de luxo.

branco. Ele é um inimigo de todos nós. Eu sei que alguns de vocês pensam que eles não são nossos inimigos. O tempo irá dizer.

Em Bandung, lá em 1954, eu acho, aconteceu a primeira união de pessoas negras em séculos. E uma vez que você estuda o que aconteceu na Conferência de Bandung²⁸, e os resultados dessa conferência, isso na verdade se torna como modelo para o mesmo procedimento que eu e você podemos usar para resolver nossos problemas. Em Bandung, as nações se uniram. Estavam lá nações negras da África e da Ásia. Alguns deles eram budistas, outros muçulmanos, outros cristãos. Alguns deles eram confucionistas, outros ateístas. Apesar de suas diferenças religiosas, eles se uniram. Alguns eram comunistas, outros socialistas, outros capitalistas. Apesar de suas diferenças econômicas e políticas, eles se uniram. Todos eles eram pretos, marrons, vermelhos ou amarelos.

A primeira coisa que não era permitida na Conferência de Bandung era o homem branco. Ele não podia ir. Uma vez que eles excluíram o homem branco, eles descobriram que eles poderiam se unir. Uma vez que eles o deixaram de fora, todos os outros se sentiram bem e organizados. Essa é a coisa que você e eu precisamos entender. E essas pessoas que se uniram não tinham armas nucleares, não tinham aviões, não tinham nada do armamento pesado que o homem branco tem. Mas eles tinham unidade.

Eles foram capazes de submergir suas diferenças mesquinhas e concordar em uma coisa: que mesmo que um africano venha do Quênia e esteja sendo colonizado pelo homem inglês, e outro africano venha do Congo e esteja sendo colonizado pelo homem belga, e outro africano venha da Guiné Francesa e esteja sendo colonizado pelo homem francês, e outro venha da Angola e esteja sendo colonizado pelo homem português, quando eles se uniram na conferência de Bandung, eles olharam para os portugueses, para os franceses, para os ingleses e para o outro – holandês – e aprenderam ou se deram conta de que todos eles tinham uma coisa em comum: todos vinham da Europa, todos eram europeus, loiros, de olhos azuis e pele branca. Eles começaram a reconhecer quem era seu inimigo. O mesmo homem que estava colonizando nosso povo no Quênia estava colonizando nosso povo no Congo. O mesmo que estava no Congo estava colonizando nosso povo na África do Sul, e na Rodésia do Sul, e em Burma, e na Índia, e no Afeganistão, e no Paquistão. Eles perceberam que, por todos os lugares do mundo onde o homem negro estava sendo oprimido, ele estava sendo oprimido

²⁸ Uma reunião de 29 países – seis africanos e vinte e três asiáticos – na cidade de Bandung, na Indonésia, em 1955. O objetivo era traçar as bases de uma nova força política mundial que focaria em países de africanos e asiáticos, se opondo aos regimes colonialistas dos Estados Unidos e da então União Soviética.

pelo homem branco; então, eles se uniram sobre essa base – eles tinham um inimigo em comum.

E quando você e eu aqui em Detroit, e em Michigan, e na América que acordamos hoje, olhamos à nossa volta, nós também percebemos que aqui, na América, todos nós temos um inimigo em comum, esteja ele na Geórgia ou em Michigan, esteja ele na Califórnia ou Nova Iorque. Ele é o mesmo homem: olhos azuis e cabelo loiro e pele pálida – mesmo homem. Então, o que nós temos que fazer é o que eles fizeram. Eles concordaram em parar de brigar entre si. Qualquer pequena desavença que eles tiveram, eles a resolveram entre si – não deixe que o inimigo saiba que vocês têm um desentendimento.

Ao invés de demonstrar nossas diferenças em público, precisamos compreender que somos todos a mesma família. Quando você tem um desentendimento em família, você não o resolve no meio-fio. Se você o faz, todos o chamam de rude, bruto, incivilizado, selvagem. Se você não o fizer em casa, você se resolve em casa; você discute atrás de portas fechadas. E então, quando você sai na rua, você mostra uma frente em comum, uma frente unida. E é isso que precisamos fazer na nossa comunidade, e na cidade, e no estado. Precisamos parar de mostrar nossas diferenças na frente do homem branco. Coloque o homem branco for a de nossos encontros, em primeiro lugar, e então sentem-se e conversem entre si. É o que vocês devem fazer.

Eu gostaria de fazer alguns comentários sobre a diferença entre a revolução preta e a revolução do negro²⁹. Existe uma diferença. Elas são a mesma? E se não são, qual a diferença? Qual a diferença entre a revolução preta e a revolução do negro? Primeiro, o que é uma revolução? Às vezes, sou inclinado a acreditar que muitas das nossas pessoas estão usando essa palavra “revolução” de forma frouxa, sem tomar a consideração cuidadosa sobre o que essa palavra realmente significa. Quando você estuda a natureza histórica das revoluções, o motivo de uma revolução, o objetivo de uma revolução, e os resultados de uma revolução e os métodos usados em uma revolução, você talvez troque de palavras. Você pode inventar outro programa. Você pode mudar seu objetivo e você pode mudar sua mente.

Veja a revolução Americana em 1776. Que revolução foi essa? Pela terra. Por que eles queriam terra? Independência. Como ela se desenrolou? Com derramamento de sangue.

²⁹ Malcolm diferencia a revolução preta (“black revolution”) da revolução do negro (“negro revolution”); para ele, a “revolução preta” é legítima, a que acontece de fato em continentes como a África e a Ásia. E a “revolução do negro” coloca “o negro” como aquele que ainda se subjugava aos seus “ex-patrões” e pratica a não-violência. Para ele, na época deste discurso, os atos de Martin Luther King Jr. faziam parte da revolução do negro, enquanto ele queria promover a revolução preta.

Primeiramente, foi baseada em terras, a base da independência. E o único jeito deles conseguirem era através de derramamento de sangue. A revolução francesa – no que era baseada? O sem-terra contra os donos da terra. Pelo o que ela era? Pela terra. Como eles conseguiram? Derramamento de sangue. Não foi perda de amor, não foi nenhum compromisso, não foi nenhuma negociação. Estou dizendo a vocês, vocês não sabem o que é uma revolução. Porque quando vocês descobrirem o que é, vocês voltaram para os becos; vocês saíram do caminho. A revolução russa – no que era baseada? Terra. Os sem-terra contra os donos da terra. Como eles a trouxeram à tona? Derramamento de sangue. Você não tem uma revolução que não envolve derramamento de sangue. E vocês estão com medo de sangrar. Eu disse: vocês estão com medo de sangrar.

Enquanto o homem branco te envia para a Coréia, você sangra. Ele te enviou para a Alemanha, você sangrou. Ele te enviou para o Pacífico do Sul para lutar contra os japoneses, você sangrou. Você sangra pelas pessoas brancas. Mas quando chega o momento que você vê suas próprias igrejas sendo bombardeadas e meninas negras sendo mortas, vocês não têm sangue nenhum. Vocês sangram quando o homem branco manda sangrar; vocês mordem quando o homem branco manda morder; e vocês latem quando o homem branco manda latir. Eu odeio dizer isso sobre nós, mas é verdade. Como vocês serão não-violentos em Mississipi e Alabama, quando suas igrejas estão sendo bombardeadas e suas garotinhas estão sendo assassinadas, e ao mesmo tempo você será violento com o Hitler, e Tojo, e mais alguém que você nem sequer conhece?

Se a violência é errada na América, violência é errada lá fora. Se é errado ser violento defendendo mulheres, crianças, bebês e homens negros, então é errado da parte da América nos ensinar a como ser violentos na defesa dela, então é certo para eu e você fazermos o que for necessário para defender nosso próprio povo aqui dentro deste país.

A revolução chinesa – eles queriam terra. Eles jogaram os britânicos fora. Sim, eles jogaram. Eles deram um bom exemplo. Quando eu estava na prisão, eu li um artigo – não fiquem chocados quando eu digo que estive na prisão. Vocês ainda estão na prisão. É isso que a América significa: prisão. Quando eu estava na prisão, eu li um artigo na revista Life que mostrava uma menininha chinesa, nove anos de idade; seu pai estava de joelhos, de quatro, e ela estava apertando o gatilho porque ele estava do lado dos britânicos. Quando eles tiveram a revolução lá, eles eliminaram toda uma geração que estava ao lado dos britânicos – apenas os limpavam. E em dez anos, essa menininha se tornou uma mulher crescida. Não existiam mais chineses do lado dos britânicos na China. E atualmente, eles são um dos mais fortes, duros,

mais temidos países nesse planeta pelo homem branco. Porque não existem mais pessoas do lado deles lá.

De todos os nossos estudos, o da história é o melhor qualificado para recompensar nossa pesquisa. E quando você vê que tem problemas, tudo que você precisa fazer é examinar o método histórico usado em todo o mundo por outros que tiveram problemas semelhantes aos seus. E assim que você vê como eles se arrumaram, então você sabe como você pode se arrumar. Está acontecendo uma revolução, uma revolução preta, na África. No Quênia, os Mau-Mau eram revolucionários; eles eram aqueles que fizeram a palavra “uhuru”³⁰, foram eles que trouxeram ela à força. O Mau-mau era revolucionário. Eles acreditavam em arrasar terras. Eles derrubavam tudo que se colocava no caminho deles, e sua revolução também foi baseada em terras, em desejo por terra. Na Argélia, no norte da África, uma revolução aconteceu. Os argelianos eram revolucionários; eles queriam terra. A França ofereceu a eles uma integração à França. Eles disseram para os franceses: para o inferno com a França. Eles queriam terra, não a França. E eles se empenharam em uma batalha sangrenta.

Eu cito essas várias revoluções, irmãos e irmãs, para mostra-los: não há revolução pacífica, não há uma revolução que dê a outra face ao inimigo. Não existe uma revolução não-violenta. O único tipo de revolução que é não-violenta é a revolução do negro. A única revolução que é baseada em amar seu inimigo é a revolução do negro. A única revolução cujo objetivo é uma cantina desagregada, um teatro desagregado, um parque desagregado e um banheiro público desagregado; você pode se sentar ao lado de brancos no banheiro. Não é uma revolução. Revolução é baseada em terra. Terra é a base de toda independência. Terra é a base da liberdade, da justiça, da igualdade.

O homem branco sabe o que é uma revolução. Ele sabe que uma revolução preta é mundial em seu alcance e natureza. A revolução preta está atravessando a Ásia, atravessando a África, está entrando na América Latina. A revolução cubana – essa é uma revolução. Eles reviraram o sistema. Revolução é na Ásia. Revolução é na África. E o homem branco está gritando porque ele vê a revolução na América Latina. Como vocês acham que ele vai reagir quando vocês descobrirem o que é uma revolução de verdade? Vocês não sabem o que é uma revolução de verdade. Se soubessem, não estariam usando essa palavra.

Uma revolução é sangrenta. Uma revolução é hostil. Revoluções não conhecem nenhum compromisso. Revoluções derrubam e destroem tudo que entra em seu caminho. E

³⁰ Mau-mau era como um grupo que buscava libertar seus países dos colonizadores europeus se intitulava. Uhuru significa “liberdade” no dialeto dos Kikuis, grupo étnico de origem do Mau-mau.

vocês, sentando-se por aí, dizendo “Eu vou amar esses caras não importa o quanto eles me odeiem”. Não, vocês precisam de uma revolução. Quem ouviu falar de uma revolução onde todos se dão as mãos, como o reverendo Cleage mencionou maravilhosamente, cantando “Nós Vamos Superar”³¹? Apenas me digam. Vocês não fazem isso em uma revolução. Vocês não ficam cantando; vocês estão ocupados lutando. É baseado em terra. Um revolucionário quer terra para que ele possa construir sua nação, sua nação independente. Esses negros não querem nação alguma. Eles estão tentando voltar para as plantações.

Quando você quer uma nação, isso se chama nacionalismo. Quando o homem branco se envolveu em uma revolução neste país contra a Inglaterra, pelo o quê ela foi? Ele queria essa terra para que ele estabelecesse uma nação branca. Esse é o nacionalismo branco. A revolução americana foi nacionalista branca. A revolução francesa foi nacionalista branca. A revolução russa também – sim, ela foi –, nacionalista branca. Vocês acham que não? Por que vocês acham que Khrushchev e Mao não conseguem se unir? Nacionalismo branco. Todas as revoluções que estão acontecendo na Ásia e na África atualmente são baseadas em quê? Nacionalismo preto. O revolucionário é um revolucionário preto. Ele quer uma nação. Eu estava lendo lindas palavras do reverendo Cleage, que apontavam porque ele não conseguia se juntar com outro alguém aqui na cidade porque todos estavam com medos de serem relacionados ao nacionalismo preto. Se vocês estão com medo do nacionalismo preto, vocês estão com medo da revolução. E se você ama revolução, você ama o nacionalismo preto.

Para compreender isso, você precisa voltar ao que ao jovem irmão se referiu aqui como o “negro da casa” e o “negro do campo” – voltar à escravidão. Existiam dois tipos de escravos. Existia o negro da casa, e o negro do campo. Os negros da casa viviam na casa com o senhor de escravos, se vestiam bem, comiam bem pois comiam a comida dele – o que ele deixava de resto. Eles viviam no sótão ou no porão, mas ainda assim viviam perto do senhor; e eles amavam seu senhor mais do que o próprio senhor se amava. Eles dariam suas vidas para salvar a casa do senhor mais rapidamente do que ele mesmo daria. O negro da casa, se o senhor falasse “Nós temos uma boa casa aqui”, o negro da casa diria “Sim, nós temos uma boa casa aqui”. Sempre que o senhor falava “nós”, ele falava “nós” junto. É assim que você identificava o negro da casa.

³¹ “Nós Vamos Superar” (“We Shall Overcome”) foi o principal cântico entoado na Marcha sobre Washington, na qual os participantes se davam as mãos e cujo evento principal que foi encabeçado por Martin Luther King Jr.

Se a casa do senhor pegava fogo, o negro da casa lutaria mais para apagar as chamas do que o senhor. Se o senhor adoecesse, o negro da casa dizia “Qual o problema, chefe, estamos doentes?”. Estamos doentes! Ele se identificava com seu senhor mais do que o senhor se identificava com ele mesmo. E se vocês fossem até o negro da casa e dissessem “vamos fugir, vamos escapar, vamos separar”, o negro da casa iria olhar para você e dizer “cara, você está louco. Como assim, separar? Onde há uma casa melhor que essa? Onde eu posso me vestir melhor do que aqui? Onde eu posso comer melhor do que aqui?”. Esse era o negro da casa. Naqueles dias ele era chamado de “negro da casa”. E é assim que nós o chamamos hoje, porque ainda temos alguns negros da casa correndo por aqui.

O negro da casa moderno ama seu senhor. Quer viver perto dele. Irá pagar o valor da casa três vezes mais apenas para poder viver perto do seu senhor, e então se gabar de que ele “é o único negro ali”. “Eu sou o único no meu trabalho”. “Eu sou o único na minha escola”. Você não é nada mais do que um negro da casa. E se alguém for até você agora e disser “vamos separar”, você irá dizer a mesma coisa que o negro da casa disse na plantação. “Como assim, separar? Da América? Desse homem branco bom? Onde você vai conseguir um emprego melhor do que o que você consegue aqui?”. Assim, é isso que você diz. “Eu não deixei nada na África”, é o que você diz. Oras, você deixou sua mente na África.

Naquela mesma plantação, existia o negro do campo. O negro do campo – eles eram das massas. Sempre existiam mais negros do campo do que negros da casa. Os negros do campo viviam o inferno. Comiam os restos. Comiam o que restava junto aos porcos. O negro do campo não tinha nada além do que era deixado dentro dos porcos – era isso que vocês eram. Comedores de entranhas. E alguns de vocês ainda comem entranhas.

O negro do campo apanhava desde de manhã até a noite. Viviam em choupanas, vestiam roupas velhas e jogadas fora. Ele odiava seu senhor. Eu digo, ele odiava seu senhor. Ele era inteligente. O negro da casa amava seu senhor. Mas o negro do campo – lembrem-se, eles eram a maioria, e eles odiavam o senhor. Quando a casa pegava fogo, ele não tentava apagar; o negro do campo rezava por um vento, uma brisa. Quando o senhor adoecia, o negro do campo rezava para que ele morresse. Se alguém fosse até o negro do campo e falasse “vamos nos separar, vamos fugir”, ele não diria “para onde vamos?”. Ele diria, “qualquer lugar é melhor do que aqui.” Vocês têm negros do campo aqui na América, atualmente. Eu sou um negro do campo. As massas são negros do campo. Quando eles vêm a casa desse homem pegando fogo, você não ouve esses pequenos negros dizendo que “nosso governo está com problemas”. Eles dizem: “O governo está com problemas”. Imagine um negro: “nosso governo”! Eu até já ouvi um dizendo “nossos astronautas”. Eles nem o deixam chegar perto –

e “nossos astronautas”! “Nossa Marinha” – esse é um negro que está fora de si. Esse é um negro que está fora de si.

Assim como o senhor de escravos usava o Tom, o negro da casa, para controlar os negros do campo, o mesmo velho senhor de escravos hoje em dia tem negros que não são nada além do que “tios Tons” modernos, “tios Tons” do século XX, para manter eu e você controlados, sob controle, nos manter passivos e pacíficos e não-violentos. É o Tom que te deixa não-violento. É como quando você vai ao dentista, e o cara vai tirar seu dente. Você vai tentar lutar contra ele quando ele começa a tirar. Então ele insere algo na sua mandíbula chamado anestesia, para fazer você pensar que ele não está fazendo nada com você. Então você senta lá, porque você tem toda aquela anestesia na sua mandíbula, você sofre pacificamente. Sangue escorrendo por toda sua mandíbula, e você não sabe o que está acontecendo. Porque é assim que ele te ensinou a sofrer – pacificamente.

O homem branco faz o mesmo com você na rua, quando ele quer colocar nós na sua garganta e tirar vantagem de você, e você não deve sentir medo de lutar contra. Para impedir que você lute contra, ele pega esses antigos tios Tons religiosos, para ensinar a você e eu, assim como anestesia, a sofrer pacificamente. Não pare de sofrer – só sofra pacificamente. Como o reverendo Cleage apontou, “deixe o sangue fluir pelas ruas”. Isso é uma vergonha. E você sabe que ele é um pregador cristão. Se é uma vergonha para ele, você sabe o que é pra mim.

Não existe nada no nosso livro, o Quran – vocês chamam de Alcorão – que nos ensina a sofrer pacificamente. Nossa religião nos ensina a ser inteligentes. Seja pacífico, seja cortês, obedeça a lei, respeite todos; mas se alguém colocar as mãos em você, você o manda para o cemitério. Essa é uma boa religião. Na verdade, existe aquela religião antiga. Aquela que nossos pais e mães costumavam falar sofrer: olho por olho, dente por dente, cabeça por cabeça, e vida por vida: essa é uma boa religião. E não há ninguém que se que fique ressentido com esse tipo de religião além do lobo que quer fazer de você a refeição dele.

Esse é o jeito do homem branco na América. Ele é um lobo e você é a ovelha. Qualquer hora que um pastor ensina você e eu a não correr do homem branco e, ao mesmo tempo, ensina a não lutar contra o homem branco, ele é um traidor para você e eu. Não deixe sua vida à disposição. Não, preserve sua vida. É a melhor coisa que você tem. E, se você precisa deixá-la, que seja de forma justa.

O senhor de escravos pegou o Tom e o vestiu bem, e o alimentou bem, e até o deu um pouco de educação – um pouco de educação; deu a ele um grande casaco e um chapéu e fez todos os escravos aspirarem ser ele. Ele usou Tom para controlá-los. A mesma estratégia

que foi usada naqueles dias é usada hoje, pelo mesmo homem branco. Ele pega um negro, um assim chamado negro, e o faz proeminente, o constrói, o deixa público, o torna uma celebridade. E então, ele se torna um porta-voz dos negros, um líder dos negros.

Eu gostaria apenas de mencionar outra pequena coisa, rapidamente. É que esse método que o homem branco usa, como o homem branco usa essas “grande armas”, ou líderes negros, contra a revolução preta. Eles não fazem parte da revolução negra. Eles são usados contra a revolução negra.

Quando Martin Luther King falhou em acabar com a segregação em Albany, na Geórgia, a luta dos direitos civis chegou ao seu ponto mais baixo. King se tornou falido como líder. Também financeiramente, a Conferência da Liderança Cristã do Sul está com problemas financeiros; estava em apuros, ponto final, com as pessoas que eles falharam em tirar Albany da segregação. Outros líderes do movimento civil negro de alcance, assim chamado nacional, se tornaram ídolos falhos. Enquanto eles se tornavam ídolos falhos, eles começaram a perder seu prestígio e influência, negros locais começaram a incitar as massas. Em Cambridge, Maryland, Glória Richardson; em Danville, Virginia, e outras partes do país, líderes locais começaram a incitar pessoas a nível popular. Isso nunca havia sido feito por esses negros, que vocês reconhecem, de alcance nacional. Eles controlaram vocês, mas nunca os incitaram ou excitaram vocês. Eles controlaram vocês. Eles conteram vocês, eles os deixaram na plantação.

Assim que King falhou em Birmingham, negros ocuparam as ruas. King saiu e foi para a Califórnia, para um grande comício e levantou cerca de – eu não sei quantos vários milhares de dólares. E eu me lembro, assim que Wilkins atacou King, acusou King e o Congresso de Igualdade Racial de criar problemas em todos os lugares e depois fazer a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor tirá-los da cadeira e gastar muito dinheiro nisso; e eles acusaram King e o Congresso de Igualdade Racial de usar todo esse dinheiro e não devolvê-lo. Isso aconteceu, eles documentaram evidências nos jornais. Roy começou a atacar King, e King começou a atacar Roy, e Farmer começou a atacar ambos. E esses negros de alcance nacional começaram a atacar uns aos outros, eles começaram a perder o controle da massa de negros.

E negros estavam lá fora, nas ruas. Eles estavam falando sobre como eles iriam para a Marcha sobre Washington. Falando nisso, bem na época que Birmingham explodiu, os negros em Birmingham – lembrem-se, eles também explodiram. Eles começaram a esfaquear os branquelos pelas costas e estourar suas cabeças – sim, eles fizeram isso. Foi aí que Kennedy mandou as tropas para Birmingham. Então, e logo após isso, Kennedy foi até a televisão e disse que “essa é uma questão moral”. Foi aí que ele disse que ele iria passar nosso

projeto de lei dos direitos civis. E quando ele mencionou o projeto de lei dos direitos civis e os branquelos do sul começaram a falar sobre como eles iriam boicotar ou obstruir o projeto, aí os negros começaram a falar – sobre o quê? Nós vamos marchar sobre Washington, marchar no Senado, marchar na Casa Branca, marchar no Congresso, e vamos cuidar disso. Eles até disseram que iriam até o aeroporto, se deitariam nas pistas de pouso e não deixariam os aviões pousarem. Eu estou dizendo a vocês o que eles falaram. Isso era uma revolução. Isso era uma revolução. Isso era uma revolução preta.

Eram os populares lá fora, nas ruas. Isso assustou demais o homem branco, assustou demais o poder branco em Washington, DC; eu estava lá. Quando eles descobriram que esse rolo compressor negro iria até a capital, eles chamaram Wilkins, eles chamaram Randolph, eles chamaram esses líderes negros nacionais que vocês respeitam e disseram a eles: “Cancelem isso”. Kennedy disse, “olhem, vocês estão deixando isso ir longe demais”. E o velho Tom disse, “chefe, eu não posso parar isso, porque eu não comecei isso”. Eu estou dizendo a vocês o que eles falaram. Eles falaram, “eu nem estou inserido nisso, muito menos encabeço isso”. Eles falaram, “esses negros estão fazendo coisas por conta própria. Eles estão com vantagem”. E aquela velha raposa sagaz, ele disse, “bom, se vocês não estão inseridos nisso, eu vou colocar vocês nisso. Eu vou colocar vocês encabeçando isso. Eu vou endossar isso. Eu vou dar boas vindas a isso. Eu vou ajudar isso. Eu vou me juntar a isso”.

Em questão de horas, eles tiveram um encontro no hotel Carlyle em Nova Iorque. O hotel Carlyle é da família Kennedy; é o hotel que Kennedy passou a noite, há duas noites atrás; pertence à família dele. Uma sociedade filantrópica liderada por um homem branco chamado Stephen Currier chamou todos os maiores líderes do movimento civil para o hotel Carlyle. E ele disse para eles, “por vocês estarem brigando uns com os outros, vocês estão destruindo o movimento dos direitos civis. E já que vocês estão lutando por dinheiro de liberais brancos, deixe a gente organizar o que é conhecido como Conselho pela União da Liderança dos Direitos Civis. Vamos formar esse conselho, e todas as organizações de direitos civis vão pertecer a ele, e nós vamos usá-lo para levantar fundos”. Deixe-me mostrar para vocês como o homem branco é ardiloso. Assim que eles formaram isso, eles elegeram Whitney Young como presidente, e quem vocês acham que se tornou o vice? Stephen Currier, o homem branco, um milionário. Powell estava falando sobre isso no Cobo Hall hoje. Era sobre isso que ele estava falando. Powell sabe o que aconteceu. Wilkins sabe o que aconteceu. King sabe o que aconteceu. Todos os seis grandes do movimento, eles sabem o que houve.

Assim que eles formaram isso, com o homem branco no comando, ele prometeu a eles que os daria 800 mil dólares para serem divididos entre os seis grandes. E disse a eles

que, após a marcha, dariam eles mais 700 mil. Um milhão e meio de dólares – dividido entre os líderes que vocês têm seguido, indo pela cadeia por eles, chorando lágrimas de crocodilo por eles.

Assim que eles se organizaram, o homem branco disponibilizou grandes experts de relações públicas, deixaram as notícias da mídia por todo o país ao dispor deles, e então começaram a projetar esses grandes seis como líderes da marcha. Originalmente, eles nem estavam na marcha. Vocês estavam falando sobre essa marcha de um jeito doentio nas ruas, na rua Hastings, avenida Lenox, rua Fillmore, avenida Central, na trigésima segunda avenida e na sexagésima terceira avenida. Foram ali que falaram sobre a marcha. Mas o homem branco colocou os grandes seis encabeçando isso, fez eles marcharem, fez a marcha tornar-se sobre eles. Eles dominaram isso. E a primeira atitude que fizeram após dominar foi convidar Walter Reuther, um homem branco; chamaram um padre, um rabino, e um velho pregador branco. Sim, e um velho pregador branco. O mesmo elemento que colocou Kennedy no poder – a mão de obra, os católicos, os judeus, os protestantes liberais, o mesmo grupo exclusivo que colocou Kennedy no poder se juntou à Marcha sobre Washington.

É igual quando você tem um café que está muito preto, o que quer dizer que está muito forte. O que você faz? Você o integra com creme, você o enfraquece. Se você colocar creme demais nele, você nem vai sentir o café. Costumava ser quente, se torna frio. Costumava ser forte, se torna fraco. Costumava te acordar, agora te deixa sonolento. Isso foi o que eles fizeram com a Marcha sobre Washington. Eles se juntaram à ela. Eles não a integraram; eles se infiltraram. Eles se juntaram a ela, se tornaram parte dela, a dominaram. Quando eles a dominaram, ela perdeu sua militância. Eles pararam de ficar bravos. Pararam de ser quentes. Pararam de não ter nenhum compromisso. Oras, até deixou de ser uma marcha. Se tornou um piquenique, um circo. Nada além de um circo, com palhaços e tudo mais. Eu sei que vocês não gostam do que eu estou falando. Se você acha que estou mentindo, me traga o Martin Luther King e o Philip Randolph e o James Farmer, e aqueles outros três, e vamos ver se eles vão negar isso nesse microfone.

Não, foi tudo vendido. Foi controlado. Quando James Baldwin voltou de Paris, eles não o deixavam falar, porque eles não conseguiriam fazer com que ele seguisse o script. Burt Lancaster leu o discurso que Baldwin deveria ter feito; eles não teriam deixado Baldwin subir lá, porque sabiam que Baldwin era passível de dizer qualquer coisa. Eles controlaram tão fortemente – eles falaram para esses negros quando eles deveriam ir para a cidade, como chegar, onde parar, quais cartazes levar, quais canções cantar, qual discurso a se fazer, qual discurso a não se fazer; e eles disseram a eles para saírem da cidade ao fim do dia. E todos

esses Tons saíram ao fim do dia. Agora, eu sei que vocês não gostam que eu diga isso. Mas eu posso confirmar. Foi um circo, uma performance que bateria qualquer coisa que Hollywood pudesse fazer, a performance do ano. Reuther e esses outros três demônios deviam ganhar um Oscar de melhor ator, porque eles agiram como se eles realmente amassem negros e enganaram muitos negros. Os grandes seis líderes negros deveriam ganhar um prêmio, também, de melhor elenco de apoio.

ANEXO C – O VOTO OU A BALA³²

Senhor Moderador, reverendo Cleage, irmão Lomax, irmãos e irmãs, amigos – e eu vejo alguns inimigos. Na verdade, eu penso que nós estaríamos enganando a nós mesmos se tivéssemos uma audiência tão grande e não percebêssemos que houvesse alguns inimigos presentes.

Essa tarde nós queremos falar sobre “o voto ou a bala”. O voto e a bala explicam-se por si só. Mas antes de entrar nesse assunto, porque esse é o ano do voto ou da bala, eu gostaria de esclarecer algumas coisas que se referem a mim pessoalmente, com relação à minha própria posição pessoal.

Eu ainda sou um muçulmano. Isto é, minha religião ainda é o Islã. Minha religião ainda é o Islã. Eu ainda dou crédito ao Senhor Mohammed por aquilo que eu sei e aquilo que eu sou. Foi ele quem abriu meus olhos. No momento, eu sou o ministro da recém-formada Mesquita Muçulmana Inc., que tem o seu escritório no Hotel Teresa, bem no coração do Harlem, que é o cinturão negro na cidade de Nova Iorque. E quando nós percebemos que Adam Clayton Powell é um ministro cristão, ele lidera a Igreja Batista Abissínia, mas ao mesmo tempo ele é mais famoso pela sua luta política.

E o doutor King é um ministro cristão de Atlanta, na Geórgia, mas ele se tornou mais famoso por estar envolvido na luta pelos Direitos Civis. Há outro em Nova Iorque, reverendo Galamison. Eu não sei se você ouvir falar dele por aqui – ele é um ministro cristão do Brooklyn, mas se tornou famoso por sua luta contra um sistema de segregação escolar no Brooklyn. O reverendo Cleage, bem aqui, é um ministro cristão, aqui em Detroit. Ele é o líder do “Partido da Liberdade Já”. Todos esses são ministros cristãos. Todos esses são ministros cristãos, mas eles não vêm até nós como ministros cristãos. Eles vêm até nós como lutadores numa outra categoria.

Eu sou um ministro muçulmano. Da mesma forma que eles são ministros cristãos, eu sou um ministro muçulmano. E eu não acredito em lutar hoje em um só frente, mas em todos as frentes. Na verdade, eu sou um soldado negro nacionalista pela liberdade. O Islã é minha religião, mas eu acredito que minha religião é meu negócio particular. Ela governa a minha vida pessoal, minha moral pessoal. E minha filosofia religiosa é pessoal entre mim e o Deus no qual eu acredito; da mesma forma que a filosofia religiosa desses outros está entre eles e o Deus na qual eles creem.

³² X, Malcolm. **O voto ou a bala**. 1964. Disponível em: <<http://malcolm-x-br.blogspot.com.br/2009/02/o-voto-ou-bala-1964.html>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

E é melhor assim. Se nós viéssemos aqui discutir religião, nós teríamos diferenças demais logo de início e nós nunca iríamos nos unir. Então hoje, apesar de o Islã ser a minha filosofia religiosa, minha filosofia política, econômica e social é o Nacionalismo negro. Você e eu, como eu já disse, se nós falarmos de religião nós teremos diferenças; nós vamos discutir; e nós nunca vamos conseguir nos unir. Mas se nós deixarmos nossa religião em casa, mantivermos nossa religião no armário, mantivermos nossa religião entre nós e nosso Deus, mas quando nós vimos aqui, nós temos uma luta que é comum a todos nós contra um inimigo que é comum a todos nós.

A filosofia política do Nacionalismo negro significa apenas que o homem negro deveria controlar a política e os políticos da sua própria comunidade. O tempo em que os brancos podiam vir na nossa comunidade e nos fazer votar para eles, para que assim eles pudessem ser nossos líderes políticos e nos dizer o que fazer e o que não fazer, esse tempo já se foi faz tempo. Pelo mesmo motivo, o tempo em que o mesmo branco, sabendo que os seus olhos estão abertos demais, podia enviar outro negro na comunidade e fazer que você e eu desse suporte a ele, para que assim ele pudesse usá-lo para nos desencaminhar – esses dias também já se foram faz tempo.

A filosofia do Nacionalismo negro significa apenas que se você e eu vamos viver numa comunidade negra – e é nela que nós vamos viver, porque assim que você se muda para uma das comunidades deles – assim que você se muda da comunidade negra para a comunidade deles, ela fica misturada por um período, mas eles caem fora e você está lá abandonado a si mesmo de novo. Nós temos que entender a política da nossa comunidade e temos que saber o que a política deve produzir. Nós temos que saber que parte a política toma em nossas vidas. E até que nós nos tornemos politicamente maduros, nós sempre vamos ser desencaminhados, ou enganados ou manipulados para apoiar alguém que politicamente não tem o bem da nossa comunidade no coração. Assim, a filosofia política do Nacionalismo negro significa apenas que nós temos que levar adiante um programa, um programa político de reeducação para abrir os olhos do nosso povo, tornar-nos mais conscientes politicamente, maduros politicamente, e então nós iremos, sempre que nós estivermos prontos para dar nossos votos, nosso voto será dado para um homem da comunidade que tem o bem da comunidade no coração.

A filosofia econômica do Nacionalismo negro significa apenas que nós deveríamos possuir e operar e controlar a economia da nossa comunidade. Você não pode abrir uma loja negra numa comunidade branca. Os brancos não vão nem sequer te frequentar. E ele não está errado. Ele tem bom senso suficiente para cuidar de si mesmo. Você é que não

tem bom senso suficiente para cuidar de si mesmo. O branco é inteligente demais para deixar alguém vir e controlar a economia da comunidade dele. Mas você deixa qualquer um vir e tomar conta da economia da sua comunidade, controlar a moradia, controlar a educação, controlar o trabalho, controlar os negócios, sob o pretexto de que você quer se integrar. Não, você perdeu a cabeça!

A política, a filosofia econômica do Nacionalismo negro significa apenas que nós temos que nos tornar envolvidos em um programa de reeducação para educar nosso povo sobre a importância de saber que, quando você gasta seu dinheiro fora da comunidade em que você vive, a comunidade na qual você gasta seu dinheiro se torna cada vez mais rica; a comunidade da qual você toma seu dinheiro se torna cada vez mais pobre. E como esses negros, que foram desencaminhados, desviados, estão quebrando os próprios pescoços para levar o dinheiro deles e gastar com o Homem, o Homem está se tornando cada vez mais rico, e você está se tornando cada vez mais pobre. E o que acontece, então? A comunidade na qual você vive se transforma numa favela. Vira um gueto. As condições se tornam decadentes. E aí você tem a audácia de reclamar sobre a má condição de moradia numa comunidade desabada. Porque você mesmo traz a decadência quando você leva seu dinheiro para fora.

E você e eu estamos numa armadilha dupla, porque não apenas nós perdemos ao levar nosso dinheiro para algum outro lugar e gastá-lo; quando nós tentamos gastá-lo na nossa própria comunidade nós caímos na armadilha porque nós não tivemos bom senso suficiente para abrir lojas e controlar os negócios da nossa comunidade. O homem que está controlando as lojas na nossa comunidade é um homem que não se parece conosco. Ele é um homem que nem mesmo vive na comunidade. Então eu e você, mesmo quando tentamos e gastamos nosso dinheiro no bloco onde vivemos ou na área onde vivemos, nós o estamos gastando com um homem que, quando o sol se põe, leva aquela cesta cheia de dinheiro para outra parte da cidade.

Assim nós somos pegos numa armadilha, numa armadilha dupla, numa armadilha tripla. Para onde quer que vamos, nós nos vemos pegos numa armadilha. E todo tipo de solução que alguém oferece é apenas mais uma armadilha. Mas a filosofia política e econômica do Nacionalismo negro – a filosofia econômica do Nacionalismo negro mostra ao nosso povo a importância de abrir essas pequenas lojas e desenvolvê-las e expandi-las para operações maiores. Woolworth não começou tão grande como é hoje. Eles começaram com uma lojinha e expandiram, e expandiram, e então expandiram até hoje, eles estão por toda parte do país e do mundo, e eles alcançam parte do dinheiro de todo mundo. Agora isso é o que eu e você. Com a General Motors é a mesma coisa. Eles não começaram como são hoje.

Eles começaram com uma pequena operação no estilo “corrida de ratos”. E expandiram e expandiram até chegar aonde estão hoje. E você e eu temos que começar, e o melhor lugar para começar é bem aqui, na comunidade onde vivemos.

Assim, o nosso povo não apenas tem que ser reeducado para a importância de apoiar negócios negros, mas o próprio negro tem que ficar atento para a importância de partir para os negócios. E uma vez que você e eu partimos para os negócios, nós possuímos e operamos pelo menos os negócios da nossa comunidade. O que nós vamos fazer é desenvolver uma situação na qual nós vamos, na verdade, ser capazes de criar empregos para as pessoas na comunidade. E uma vez que a gente possa criar algum emprego na comunidade na qual você vive, isso vai eliminar a necessidade de eu e você termos que agir de forma ignorante e humilhante, boicotando e fazendo piquetes diante de algum consultório em algum outro lugar para implorar a eles por um trabalho.

Sempre que você tiver que depender do seu inimigo para ter um trabalho, você está numa posição ruim. Ele é seu inimigo. Deixe-me dizer isso, você não estaria nesse país se algum inimigo não tivesse te sequestrado e trazido para cá. Por outro lado, alguns de vocês pensam que chegaram aqui no Mayflower.

Assim, como vocês podem ver, irmãos e irmãs, hoje, nessa tarde, não é nossa intenção discutir religião. Nós vamos esquecer religião. Se nós trouxermos religião, nós vamos entrar numa discussão, e a melhor maneira de nos mantermos longe de discussões e diferenças, como eu já disse antes, é deixar a religião em casa, no armário. Mantenha-a entre você e seu Deus. Porque se ela não fez nada por você além do que foi feito até agora, você precisa esquecê-la de qualquer forma.

Seja você um cristão, ou um muçulmano, ou um nacionalista, todos nós temos o mesmo problema. Eles não te enforcam porque você é um batista; eles te enforcam porque você é negro. Eles não me atacam porque eu sou um muçulmano; eles me atacam porque eu sou negro. Eles atacam todos nós pelo mesmo motivo; todos nós vivemos um inferno através do mesmo inimigo. Nós estamos todos no mesmo saco, no mesmo barco. Nós sofremos opressão política, exploração econômica e degradação social – tudo isso através do mesmo inimigo. O governo falhou conosco; você não pode negar. Toda vez que você vive no século XX, 1964, e anda por aí cantando “Nós Vamos Superar”, o governo falhou conosco.

Isso é parte do que está errado com você – você canta demais. Hoje é tempo de parar de cantar e começar a brandir. Você não pode cantar liberdade, mas você pode brandir liberdade. Cassius Clay pode cantar, mas cantar não o ajudou a se tornar campeão mundial dos pesos-pesados; brandir o ajudou a se tornar campeão dos pesos-pesados. O governo

falhou conosco; o próprio governo falhou conosco, e os brancos liberais que posaram como nossos amigos falharam conosco.

E assim que você vê que todas essas outras fontes para as quais nós nos dirigimos falharam, nós paramos de nos dirigir a elas e nos dirigimos a nós mesmos. Nós precisamos de um programa de ajuda, um programa, uma filosofia do faça-você-mesmo, uma filosofia do faça-agora-mesmo, uma filosofia do já-está-muito-tarde. É disso que você e eu precisamos, e a única hora, o único jeito de temos para resolver nosso problema é com um programa de autoajuda. Antes de conseguir começar um programa de autoajuda, nós precisamos de uma filosofia de autoajuda.

O nacionalismo negro é uma filosofia de autoajuda. O que é tão bom nele? Você pode continuar bem lá na igreja onde você está, e ainda assim ter o nacionalismo negro como sua filosofia. Você pode continuar em qualquer tipo de organização cívica da qual você pertence, e ainda assim tomar o nacionalismo negro como sua filosofia. Você pode ser um ateu e ainda assim tomar o nacionalismo negro como sua filosofia. Essa é uma filosofia que elimina a necessidade de divisão e discussão. Porque se você é negro, você deveria pensar negro, e se você é negro e você não está pensando negro nessa altura do campeonato, bem, eu sinto muito por você.

Assim que você muda sua filosofia, você muda seu padrão de pensamento. Assim que você muda seu padrão de pensamento, você muda sua atitude. Assim que você muda sua atitude, ela muda seu padrão de comportamento e, então, você parte para alguma ação. Enquanto você tiver uma filosofia de sentar, você vai ter um padrão de pensamento de sentar, e enquanto você continuar usando o velho pensamento de sentar você vai continuar em algum tipo de ação de sentar. Eles vão ter você sentado por toda parte. Não é muito bom referir-se ao que você está fazendo como um “sentar”. Aquilo vai te castrar ali mesmo. Ali mesmo ele vai te derrubar. O que isso traz? O quê? Pense na imagem de alguém sentando. Uma idosa pode sentar. Um idoso pode sentar. Um trouxa pode sentar. Um covarde pode sentar. Qualquer coisa pode sentar. Bem, você e eu estivemos “sentando” tempo suficiente, e hoje é hora para nós começarmos com algum “levantamento”, e alguma luta para defender isso.

Quando nós olhamos para outras partes dessa Terra na qual nós vivemos, nós percebemos que os povos negros, pardos, vermelhos e amarelos na África e na Ásia estão conseguindo sua independência. Eles não estão conseguindo isso por cantar “Nós Vamos Superar”. Não, eles estão conseguindo através de nacionalismo! É o nacionalismo que trouxe a independência para os povos na Ásia. Cada nação na Ásia conquistou sua independência através da filosofia do nacionalismo. Cada nação no continente africano que conseguiu sua

independência a trouxe através da filosofia do nacionalismo. E vai ser necessário o nacionalismo negro para trazer a liberdade a 22 milhões de afro-americanos aqui nesse país onde nós sofremos colonialismo pelos últimos 400 anos.

Os Estados Unidos são uma potência colonial tanto quanto a Inglaterra foi. Os Estados Unidos são uma potência colonial tanto quanto a França foi. De fato, os Estados Unidos são ainda mais uma potência colonial do que os outros, porque eles são uma potência colonial hipócrita.

O que você chama de cidadania de segunda classe? Porque isso é colonialismo! Cidadania de segunda classe nada mais é do que a escravidão do século XX. Como você vai me dizer que você é um cidadão de segunda classe? Eles não têm cidadania de segunda classe em qualquer outro governo nessa Terra. Eles só têm escravos e gente que é livre. Bem, este país é um hipócrita! Eles tentam e fazem você pensar que eles te tornam livre por chamá-lo de cidadão de segunda classe. Não, você não é nada além de um escravo do século XX.

Da mesma forma que levou nacionalismo para mover, para remover o colonialismo da Ásia e da África, vai levar nacionalismo negro hoje para remover o colonialismo das costas e das mentes de 22 milhões de afro-americanos aqui nesse país.

E 1964 parece que vai ser o ano do voto ou da bala.

Por que parece que vai ser o ano do voto ou da bala? Porque os negros perceberam a malandragem, e as mentiras, e as falsas promessas do homem branco por tempo demais. E eles estão de saco cheio. Eles se tornaram desencantados. Eles se tornaram desiludidos. Eles se tornaram insatisfeitos, e tudo isso construiu frustração na comunidade negra, o que faz a comunidade negra por todo os Estados Unidos hoje mais explosiva do que todas as bombas atômicas que os russos podem inventar. Sempre que você tem um barril de pólvora racial deitado no seu colo, você tem mais problemas do que se você tivesse um barril de pólvora atômica deitado no seu colo. Quando o barril de pólvora racial explode, não interessa quem seja, ele derruba do caminho. Entenda isso, ele é perigoso.

E em 1964... Esse parece ser o ano, porque o que o homem branco pode usar agora para nos enganar depois de ele ter abafado aquela Marcha sobre Washington? E você enxerga tudo aquilo agora. Ele te enganou, fazendo você marchar até Washington. Sim, fez você marchar pra frente e pra trás entre os pés de um morto chamado Lincoln e outro morto chamado George Washington, cantando "Nós Vamos Superar". Ele fez de você um trouxa. Ele fez de você um tolo. Ele te fez pensar que você estava chegando a algum lugar e você não chegou a lugar nenhum, a não ser entre Lincoln e Washington.

Sendo assim, hoje, o nosso povo está desiludido. Eles se tornaram desencantados. Eles se tornaram insatisfeitos, e em sua frustração eles querem ação.

E em 1964, você vai ser esse jovem negro, essa nova geração pedindo o voto ou a bala. A geração jovem não quer mais ouvir nada de a probabilidade estar contra nós. O que nos importa a probabilidade?

Quando esse país aqui foi inicialmente fundado, havia treze colônias. Os brancos eram colonizados. Eles estavam de saco cheio dessa taxaço sem representação, então alguns deles se levantaram e disseram “liberdade ou morte”. Apesar de eu ter ido a uma escola de brancos bem aqui em Michigan, o homem branco cometeu o engano de me deixar ler o livro de História dele. Ele cometeu o engano de me ensinar que Patrick Henry foi um patriota, e George Washington também, não tinha nada de não-violento sobre o velho Pat ou George Washington.

Liberdade ou morte foi o que trouxe liberdade para os brancos desse país diante dos ingleses. Eles não se importaram com a probabilidade. Porque eles enfrentaram a ira de todo o Império Britânico. E naqueles dias eles costumavam dizer que o Império Britânico era tão vasto e tão poderoso que o sol; o sol nunca se punha sobre ele, tão grande ele era, e mesmo assim esses treze estados pequenos e raquíticos, cansados de taxaço sem representação, cansados de serem explorados e oprimidos e degradados, disseram ao grande Império Britânico: “liberdade ou morte”.

E aqui você tem 22 milhões de pessoas negras afro-americanas vivendo um inferno pior do que Patrick Henry jamais viu. E eu estou aqui para te dizer, caso você não saiba, que você tem uma nova geração de negros nesse país que não se importa de forma nenhuma com probabilidade. Eles não querem ouvir a velha geração de lenço na cabeça falando sobre probabilidade. Não. Essa é uma nova geração. Se eles vão alistar esses jovens negros e mandá-los para a Coréia ou para o Vietnã do Sul para encarar 800 milhões de chineses... se você não está com medo daquela probabilidade, você não deveria estar com medo dessa probabilidade aqui.

Por que este aparenta ser um ano político tão explosivo? Porque esse é o ano da política. Esse é o ano quando todos os políticos brancos vão vir até uma comunidade negra. Você nunca os vê até a época da eleição. Você não vai encontrá-lo até a época da eleição. Você não consegue encontrá-lo até a época da eleição. Eles vão vir com falsas promessas, e conforme eles fazem falsas promessas, eles vão alimentar nossas frustrações, e isso só vai servir para tornarem as coisas piores.

Eu não sou um político. Eu não sou sequer um estudante de política. Eu não sou republicano, nem democrata, nem americano, e ganhei bom senso suficiente para saber disso. Eu sou uma das 22 milhões de vítimas negras dos democratas, uma das 22 milhões de vítimas negras dos republicanos, e uma das 22 milhões de vítimas negras do americanismo. E quando eu falo, eu não falo como democrata, ou como republicano, nem como americano. Eu falo como uma vítima da chamada democracia dos Estados Unidos. Você e eu nunca vimos democracia; tudo o que nós vimos foi hipocrisia. Quando nós abrimos os nossos olhos hoje e olhamos ao redor dos Estados Unidos, nós não vemos os Estados Unidos através dos olhos de alguém que apreciou os frutos do americanismo. Nós vemos os Estados Unidos através dos olhos de alguém que foi vítima do americanismo. Nós não vemos um sonho americano; nós só sofremos do pesadelo americano. Nós não nos beneficiamos da democracia dos Estados Unidos; nós só sofremos da hipocrisia dos Estados Unidos. E a geração que está chegando agora pode ver isso e não está com medo de dizer isso.

Se você vai pra cadeia, e daí? Se você é negro, você nasceu na cadeia. Se você é negro, você nasceu na cadeia, tanto no Norte quanto no Sul. Pare de falar do Sul. A partir do momento que você está ao sul... a partir do momento que você está ao sul da fronteira com o Canadá, você está no Sul. Não chame o governador Wallace de governador conservador e segregacionista; Romney é um governador conservador e segregacionista.

Vinte e dois milhões de vítimas negras do americanismo estão acordando e ganhando uma nova consciência política, tornando-se politicamente madura. E conforme elas desenvolvem essa maturidade política, elas são capazes de ver as tendências recentes nessas eleições políticas. Elas veem que os brancos estão tão igualmente divididos que, toda vez que eles votam, a raça está tão igualmente dividida que eles têm que voltar e contar os votos todos de novo. E isso significa que qualquer bloco, qualquer minoria que tem um bloco de votos que se mantém unida, está numa posição estratégica. Para onde quer que você vá, é aquele que ganha. Você está numa posição para determinar quem vai para a Casa Branca e quem vai ficar na casinha do cachorro. É você que tem esse poder. Você pode manter o presidente Johnson em Washington, ou pode mandá-lo de volta para a plantação de algodão dele no Texas. É você que pode mandar Kennedy para Washington. Foi você quem pôs a presente administração Democrata em Washington. Os brancos estavam igualmente empatados. Foi o fato de você jogar oitenta por cento dos seus votos para os democratas que colocou os democratas na Casa Branca.

Quando você vê isso, você pode ver que o voto negro é o fator chave. E apesar do fato de que você está na posição de ser o fator determinante, o que você ganha com isso? Os

Democratas estão em Washington só por causa do voto negro. Eles estão lá por quatro anos, e todas as outras leis que eles quiseram trazer eles trouxeram e conseguiram se livrar delas, e agora eles te trazem. E agora, eles te trazem! Você os coloca em primeiro lugar, e eles te colocam em último lugar, porque você é um trouxa, um trouxa político.

Em Washington, na Câmara dos Representantes, há 257 democratas; somente 177 são republicanos. No Senado, há 67 democratas; somente 33 são republicanos. O partido que vocês apoiaram controla dois terços da Câmara dos Representantes e do Senado, e mesmo assim eles não conseguem manter o que te prometeram, porque você é um trouxa. Toda vez que você joga seu peso sobre um partido político que controla dois terços do governo, e aquele partido não consegue manter a promessa que te fez durante a época da eleição, e você é burro o suficiente para andar por aí continuando a se identificar com aquele partido, você não é somente um trouxa, mas você é um traidor da sua raça.

E com que tipo de álibi eles vêm? Eles tentam e passam a bola para os conservadores e segregacionistas. Voltando agora ao tempo que você era cego, surdo e burro, ignorante, imaturo politicamente, naturalmente você seguia esse curso. Mas hoje, conforme seus olhos se abrem, e você desenvolve maturidade política, você é capaz de ver e pensar por si mesmo, e você pode ver que um conservador e segregacionista não passa de um democrata disfarçado.

Você olha para a estrutura do governo que controla esse país, ele é controlado por 16 comitês senatoriais e 20 comitês congressionais. Dos 16 comitês senatoriais que administram o governo, 10 deles estão nas mãos dos segregacionistas do sul. Dos 20 comitês congressionais que administram o governo, 12 deles estão nas mãos dos segregacionistas do sul. E eles vão dizer a mim e a você que o sul perdeu a guerra.

Você, hoje, está nas mãos de um governo de segregacionistas, racistas, apoiadores da supremacia branca que pertencem ao partido democrata, mas que se disfarçam. Um conservador e segregacionista não passa de um democrata. Qualquer um que administra os democratas também é o pai dos conservadores e segregacionista, e o pai de todos eles está sentado na Casa Branca. Eu digo e repito: você tem um presidente que não passa de um segregacionista do sul que veio do Texas. Eles vão te linchar no Texas tão rápido quanto vão te linchar no Mississippi. A única coisa diferente, no Texas eles te lincham com um sotaque texano; no Mississippi, eles te lincham com um sotaque do Mississippi.

E a primeira coisa que o espoleta faz quando chega ao poder, ele pega todos os líderes negros e os convida para tomar café para mostrar que tudo está bem. E velhos Tons não podem recusar o café. Eles saem da mesa de café dizendo a você e a mim que esse

homem é legal porque ele é do sul, e como ele é do sul ele pode lidar com o sul. Olhe para a lógica que eles estão usando. E o Eastland? Ele é do Sul. Vamos fazê-lo presidente. Ele pode. Se Johnson é um bom homem porque ele é do Texas, e sendo do Texas permite que ele lide com o sul, Eastland pode lidar com o sul melhor que Johnson. Ah, eu digo que você foi desencaminhado. Você foi dominado. Você foi pego.

Eu estive em Washington algumas semanas atrás, enquanto os senadores estavam obstruindo uma votação, e eu percebi no fundo do Senado um mapa enorme, e nesse mapa estava indicada a distribuição dos negros nos Estados Unidos. E, surpreendentemente, os mesmos senadores que estavam envolvidos na obstrução eram dos estados onde havia mais negros. Por que eles estavam obstruindo a lei dos Direitos Civis? Porque a lei dos Direitos Civis pretende garantir o direito de voto aos negros nesses estados, e aqueles senadores daqueles estados sabem que, se os negros naqueles estados puderem votar, aqueles senadores vão pelo cano. Os representantes daqueles estados vão pelo cano. E na constituição desse país, está estipulado que, assim que os direitos de voto das pessoas de um certo distrito são violados, então os representantes que forem daquele distrito em particular, de acordo com a constituição, deveria ser expelido do Congresso. Agora, se esse aspecto particular da constituição fosse executado, então você não teria um espoleta em Washington. Mas o que aconteceria? Quando você expelle o conservador e segregacionista, você está expelindo o Democrata. Quando você destrói o poder do conservador e segregacionista, você está destruindo o poder do partido democrata. Então, como nesse mundo o partido democrata no sul pode na realidade ficar do seu lado em sinceridade, quando todo o poder dele está baseado no sul?

Esses democratas do norte estão de segredinho com os democratas do sul. Eles estão dando um gigantesco golpe da confiança, um golpe da confiança político. Você sabe como funciona. Um deles vem até você e te faz acreditar que ele está do seu lado, e ele está de segredinho com o outro que não está do seu lado. Por quê? Porque nenhum deles está do seu lado, mas eles precisam fazer você andar com um deles. Então esse é um golpe da confiança. E é isso que eles estão fazendo com você e comigo por todos esses anos.

A primeira coisa que Johnson fez ao descer do avião quando se tornou presidente foi perguntar: “onde está o Dick?” Vocês sabem quem é o “Dicky”? Dicky é o velho espoleta do sul, Richard – Richard Russell. Olhe aqui, sim. O melhor amigo de Lyndon B. Johnson é o líder, é quem está liderando as forças que estão obstruindo a lei dos Direitos Civis. Agora você me diz, com que raios ele vai ser o melhor amigo de Johnson? Como Johnson pode ser

amigo dele e seu amigo também? Não, aquele homem é malandro demais. Especialmente se o amigo dele é o velho Dicky.

Sempre que os negros mantêm os Democratas no poder, eles estão mantendo os conservadores e segregacionistas no poder. Isso é verdade? Um voto para um Democrata não é nada mais do que um voto para um conservador e segregacionista. Eu sei que você não gosta de me ouvir dizer isso, mas eu, eu não sou o tipo de pessoa que vem aqui para dizer o que você gosta de ouvir. Eu vou te dizer a verdade, goste ou não.

Bem aqui no norte, você tem a mesma coisa. O partido democrata não faz isso, eles não fazem isso dessa maneira. Eles te manobram para ficar fora do poder. Mesmo você podendo votar, eles manipulam a coisa de tal forma que você acaba votando para ninguém; eles te deixam indo e voltando. No sul, eles são indiscutivelmente lobos políticos. No norte, eles são raposas políticas. Uma raposa e um lobo são ambos caninos, ambos pertencem à família do cachorro. Agora você escolhe. Você vai escolher um cachorro do norte ou um cachorro do sul? Porque tanto faz o cachorro que você escolher, eu te garanto que você ainda vai estar na casinha do cachorro.

É por isso que eu digo que é o voto ou a bala. É liberdade ou é morte. É liberdade para todo mundo ou liberdade para ninguém. Os Estados Unidos hoje se encontram numa situação única. Historicamente, revoluções são sangrentas. Ah, sim, elas são! Eles nunca tiveram uma revolução sem sangue, ou uma revolução não-violenta. Isso não acontece nem mesmo em Hollywood. Você não tem uma revolução onde você ama seu inimigo, e você não tem uma revolução onde você está implorando ao sistema de exploração para que ele te integre. Revoluções subjagam sistemas. Revoluções destroem sistemas.

Uma revolução é sangrenta, mas os Estados Unidos estão numa posição única. Eles são o único país na história numa posição de se envolver numa revolução sem sangue. A revolução russa foi sangrenta; a revolução chinesa foi sangrenta; a revolução francesa foi sangrenta; a revolução de cuba foi sangrenta; e não houve nada mais sangrento que a revolução americana. Mas hoje, esse país pode se envolver numa revolução que não vai precisar de derramamento de sangue. Tudo o que eles precisam fazer é dar ao homem negro nesse país tudo o que é devido a ele – tudo.

Eu espero que o homem branco possa ver isso, porque se ele não vê ele está acabado. Se você não vê, você vai se envolver numa ação na qual você não tem chance. E nós não nos importamos nem um pouco com sua bomba atômica; ela é inútil porque outros países têm bombas atômicas. Quando dois ou três países diferentes têm bombas atômicas, ninguém pode usá-las, então significa que o homem branco hoje está sem armas. Se você quer alguma

ação, você precisa voltar à questão da terra. E há mais gente negra na terra do que há gente branca na terra.

Eu só tenho mais alguns minutos. O homem branco nunca pode vencer outra guerra terrestre. Os seus dias de guerra, vitória, seus grandes dias daquelas vitórias terrestres já eram. Posso provar isso? Sim. Pegue toda essa ação que está acontecendo sobre essa terra nesse momento em que ele está envolvido. Diga-me onde ele está vencendo. Em lugar nenhum.

Por que uns arroteiros, uns comedores de arroz o puseram pra correr da Coreia. Sim, eles o puseram pra correr da Coreia. Comedores de arroz com nada mais do que tênis nos pés, um rifle e uma tigela de arroz o puseram pra correr, junto com seus tanques e seu napalm e toda aquela ação que ele deveria ter, através do Yalu. Por quê? Porque os dias em que ele podia ganhar na terra já eram.

Lá na Indochina francesa, aqueles pequenos camponeses, plantadores de arroz, se pegaram com os poderosos do exército francês e puseram todos os franceses para correr – você se lembra de Dien Bien Phu? Não.

A mesma coisa aconteceu na Argélia, na África. Eles não tinham nada a não ser um rifle. Os franceses tinham todos esses instrumentos de guerra altamente mecanizados, mas eles puseram em ação uma guerrilha, e um homem branco não pode lutar uma guerra de guerrilha. Ação de guerrilha leva coração, leva nervos, e ele não tem isso. Ele é corajoso quando ele tem tanques. Ele é corajoso quando ele tem aviões. Ele é corajoso quando ele tem bombas. Ele é corajoso quando ele tem uma companhia inteira junto com ele, mas você pega aquele homem pequeno da África e da Ásia, solta-o na floresta com uma lâmina, isso é tudo o que ele precisa, tudo o que ele precisa é de uma lâmina – e quando o sol desce, se põe e está escuro, eles estão pau a pau.

Então é o voto ou a bala. Hoje, o nosso povo pode ver que nós estamos enfrentando uma conspiração do governo. Esse governo falhou conosco. Os senadores que estão obstruindo leis que diz respeito às suas e às minhas leis, esse é o governo. Não diga que são os senadores do sul. É o governo; é uma obstrução do governo. Não é uma obstrução segregacionista. É uma obstrução do governo. Todo tipo de atividade que acontece no chão do Congresso ou do Senado, é o governo. Todo tipo de enrolação, é o governo. Todo tipo de receio de tomar atitude, é o governo. Todo tipo de ato que é designado a atrasar ou privar a você e a mim de ter direitos totais agora mesmo, é o governo que é responsável. E toda vez que você percebe o governo envolvido numa conspiração para violar a cidadania ou os direitos civis de um povo, então você está perdendo seu tempo em ir até aquele governo

esperando indenização. Em vez disso, você tem que levar aquele governo para a Corte Mundial e acusá-lo de genocídio e todos os outros crimes do qual ele é culpado hoje.

Então, aqueles de nós cuja filosofia política, econômica e social é o nacionalismo negro envolveram-se na luta pelos direitos civis. Nós nos injetamos na luta pelos direitos civis, e nós pretendemos expandi-la do nível de direitos civis para o nível de direitos humanos. Enquanto você estiver lutando no nível de direitos civis, você está sob a jurisdição do Tio Sam. Você está indo para a corte dele esperando que ele corrija o problema. Ele criou o problema. Ele é o criminoso. Você não leva o seu caso ao criminoso; você leva o criminoso à corte. Quando o governo da África do Sul começou a pisar nos direitos humanos do povo da África do Sul, eles foram levados às Nações Unidas. Quando o governo de Portugal começou a pisar nos direitos dos nossos irmãos e irmãs em Angola, isso foi levado diante das Nações Unidas. Porque até mesmo o homem branco levou a questão da Hungria às Nações Unidas. E essa semana mesmo, o Chefe de Justiça Goldberg estava reclamando sobre três milhões de judeus na Rússia por causa dos direitos humanos deles, acusando a Rússia de violação da Carta das Nações Unidas por causa do mal tratamento dado aos direitos humanos dos judeus na Rússia.

Agora você me diz como os apuros de todo mundo nessa terra chegam às salas das Nações Unidas, e você tem 22 milhões de afro-americanos cujas igrejas são bombardeadas, cujas meninas estão sendo assassinadas, cujos líderes estão levando tiros em plena luz do dia! Agora você me diz por que os líderes dessa luta nunca levaram isso diante das Nações Unidas!

Então o nosso próximo passo é levar todo o problema da luta pelos direitos civis às Nações Unidas e deixar o mundo ver que o Tio Sam é culpado de violar os direitos humanos de 22 milhões de afro-americanos...

O Tio Sam ainda tem a audácia ou a cara de pau para se levantar e representar a si mesmo como líder do mundo livre! Ele não é apenas um velhaco, ele é um hipócrita. Lá está ele de pé diante dos outros povos, o Tio Sam, com o sangue das nossas mães e pais nas mãos, com o sangue pingando das suas mandíbulas como um lobo sangrento, e ainda tem a cara de pau de apontar o dedo para outros países. Você não consegue nem mesmo ter leis dos direitos civis! E esse homem tem a cara de pau de se levantar e falar sobre a África do Sul, ou sobre a Alemanha Nazista. Não, chega disso!

Assim, eu digo na minha conclusão que o único meio pela qual nós vamos resolver isso – nós precisamos nos juntar em união e harmonia, e o nacionalismo negro é a chave. Como nós vamos superar a tendência de se jogar no pescoço uns dos outros, como

sempre acontece nas nossas vizinhanças? E a razão para essa tendência existe, a estratégia do homem branco sempre foi de dividir e conquistar. Ele nos mantém divididos para nos conquistar. Ele te diz que eu sou a favor da separação e você é a favor da integração, para nos manter lutando um contra o outro. Não, eu não sou a favor de separação e você não é a favor de integração. Você e eu somos a favor é da liberdade. A única coisa é que você pensa que a integração vai te trazer liberdade, eu penso que a separação vai me trazer liberdade. Nós dois temos o mesmo objetivo. Nós só temos meios diferentes de chegar nele.

Então eu estudei esse homem, Billy Graham, que prega nacionalismo branco. É isso que ele prega. Eu digo que é isso que ele prega. A estrutura inteira da igreja nesse país é nacionalismo branco. Você entra numa igreja branca – é isso que eles estão pregando: nacionalismo branco. Eles têm Jesus branco, Maria branca, Deus branco, todo mundo branco – isso é nacionalismo branco. Então o que ele faz, a maneira que ele contorna a inveja e o ciúme na qual ele normalmente incorreria entre os líderes da igreja, onde quer que ele vá numa área onde a igreja já está, você vai enfrentar problemas, porque eles têm aquilo, como você chama... Sindicato, eles têm um sindicato do mesmo jeito que os mafiosos têm. Eu vou dizer o que está na minha cabeça porque as igrejas são, e os pregadores já provaram a vocês, que eles têm um sindicato.

E quando você está nesse meio da malandragem, sempre que você entra no território de outro homem, você sabe, eles vêm com a gangue pra cima de você. E é a mesma coisa com você, você passa pela mesma coisa. Então, como o Billy Graham escapa dessa, em vez de ir para o território de outros, como se fosse abrir uma nova igreja, não... ele não tenta abrir uma igreja. Ele só anda pregando Cristo. E ele diz pra todo mundo que acredita Nele, você vai pra qualquer lugar, você vai pra qualquer lugar onde você O encontrar. Então isso ajuda todas as igrejas, e como isso ajuda todas as igrejas eles não o combatem.

Bem, nós vamos fazer a mesma coisa, a única diferença é que o nosso evangelho é o nacionalismo negro. O evangelho dele é o nacionalismo branco; nosso evangelho é o nacionalismo negro. E o evangelho do nacionalismo negro, como eu disse, significa que você deveria controlar a política da sua comunidade, a economia da sua comunidade, e toda a sociedade na qual você vive deveria estar sob seu controle. E assim que você sentir que essa filosofia vai resolver seu problema, junte-se a qualquer igreja onde isso é pregado. Não se junte a uma igreja onde o nacionalismo branco é pregado. Agora você pode ir para uma igreja negra e ser exposto ao nacionalismo branco. Quando você anda numa igreja negra e há uma Maria branca e uns anjos brancos, aquela igreja negra está pregando o nacionalismo branco.

Mas quando você vai para a igreja e vê o pastor daquela igreja com uma filosofia e um programa que é designado a unir o povo negro e elevar o povo negro – junte-se àquela igreja. Junte-se àquela igreja. Se você vê onde a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor está pregando e praticando aquilo que é designado a fazer o Nacionalismo negro se materializar – junte-se à Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor. Junte-se a qualquer tipo de organização – civil, religiosa, fraternal, política ou qualquer outra que é baseada na elevação do homem negro para torná-lo mestre da sua própria comunidade.

Vai ser o voto ou a bala. Vai ser liberdade ou vai ser morte. E se você não está pronto para pagar esse preço, não use a palavra liberdade no seu vocabulário.

Mais uma coisa: eu estava num programa em Illinóis recentemente, com o senador Paul Douglas – um assim chamado “liberal”, assim chamado “democrata”, assim chamado “homem branco” – no qual ele me disse que nossos irmãos africanos não estão interessados em nós na África. Ele disse que os africanos não estão interessados no negro americano. Eu sabia que ele estava mentindo, mas durante as próximas duas ou três semanas é minha intenção e meu plano fazer uma viagem à nossa terra natal africana. E eu espero que quando eu voltar, eu vou ser capaz de voltar e contar a vocês como os nossos irmãos e irmãs africanos se sente em relação a nós. E eu sei antes de ir que eles nos amam. Nós somos um; nós somos o mesmo; o mesmo homem que os colonizou durante todos esses anos, colonizou a você e a mim também durante todos esses anos. E tudo o que nós temos que fazer agora é acordar e trabalhar em união e harmonia, e a batalha vai terminar.

Eu quero agradecer ao “Partido da Liberdade Já”. Eu quero agradecer a Milton e Richard Henley por me convidarem a vir aqui essa tarde, e também ao reverendo Cleage. E eu quero que eles saibam que tudo o que eu possa fazer, a qualquer hora, para trabalhar com qualquer um em qualquer tipo de programa que seja sinceramente intencionado a eliminar os males políticos, econômicos e sociais que confrontam todo o nosso povo, em Detroit e em qualquer outro lugar, tudo o que eles precisam fazer é me fazer uma ligação e eu estarei no próximo avião vindo direto para essa cidade.